FUNDADOR — JOAQUIM MANSO TERÇA-FEIRA, 13 DE AGOSTO DE 1963 ANO 43.º N.º 14 606

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Sindicatos americanos participarão na «Marcha da Liberdade» do dia 28

WASHINGTON, 13. — George Meany, presidente da organização em que se fundiram a Federação Norte-Americana do Trabalho e o Congresso das Organizações Industriais, declarou que muitos dos membros da sua associação se haviam declarado contrários a participarem nas manifestações a favor da integração marcadas para o dia 28 nesta capital, alegando que elas poderiam prejudicar a aprovação da lei da igualdade dos direitos.

Em contrapartida, Walter P. Reuther, director do Sindicato dos Operários da Industria Automóvel, declarou que mais de 100 mil manifestantes, brancos e negros, muitos milhares deles pertencentes ao Sindicato, se manifestariam junto do monumento a Lincoln.

Os Sindicatos dos Operários da Industria do Aço, a União Internacional dos Operários Electricistas, os Sindicatos dos Operários da Industria de Vestuário para Senhoras e as Organizações Sindicais dos Operários de Comunicações, todos devem fazer-se representar no desfile. — (A. N. I.).

PRISÃO DE ACTORES INTEGRACIONISTAS

GADSDEN (Alabama), 13. — Madeleine Sherwood, uma actriz de Nova York, foi condenada a seis meses de trabalhos forçados por um tribunal desta cidade pela sua participação numa «Marcha de Liberdade».

«Miss» Sherwood foi uma das 12 pessoas presas nesta cidade, quando seguia o exemplo de William Moore, um carteiro branco, que foi morto a tiro em Março ultimo quan-

(Continua na página seguinte)

O Presidente do Conselho quando proferia as suas declarações

A declaração do Presidente do Conselho constituiu uma larga análise da política ultramarina do Governo

Publicamos a seguir o texto integral das declarações que o Chefe do Governo proferiu ontem, á noite, e que foram largamente divulgadas por intermédio de todos os órgãos da informação, com o propósito de corresponder á expectativa criada depois de se ter anunciado o discurso e o tema que o sr. Presidente do Conselho ia abordar.

Esta é a sumula das minhas palavras de hoje: *vamos a ver se nos entendemos.* Ninguém discutirá a imperiosa necessidade de um claro entendimento: essa necessidade refere-se, em primeiro lugar, aos que formamos a Nação Portuguesa; aplica-se, depois, ao Estado Português em face dos Estados africanos; e, por ultimo, a Portugal não diante do Mundo — que seria pretensioso —, mas diante da tentativa de governo universal que procura exercer-se através das Nações Unidas.

I

Somos, de facto, os primeiros a ter de esclarecer o nosso próprio pensamento, a dever ter presente o que somos ou pretendemos ser como agregado nacional. Este o ponto de partida, dado que continentes inteiros se convulsionam á procura de paz, de pão, de liberdade, e nós estamos em todos esses continentes exactamente a garantir a paz, a granjear o pão, a ensinar a usufruir a liberdade, na suficiência do pão e na tranquilidade da paz.

Era fatal que os acontecimentos da Ásia e da África, e especialmente aqueles que afectaram os territórios portugueses, perturbassem os espíritos e impelissem a conscienciosa revisão dos princípios ou dos métodos na acção

(Continua na 17.ª página)

Os E. U. A. pensam colocar em órbita oito astronautas em planadores espaciais

CAPE CANAVERAL, 13 — Com o programa «Dyna-Soar» as forças aéreas norte-americanas tencionam colocar em órbita pelo menos oito astronautas, pilotando planadores — declarou o general Joseph Bleymayer, director do programa do foguetão «Titan-3», mostrando-se optimista quanto á viabilidade do projecto.

De acordo com os estudos científicos já concluídos, o «Dyna-Soar» será uma nave espacial, semelhante a um planador gigante, pesando cerca de 6800 quilos, com asas rudimentares, a fim de permitir aterragens como um avião vulgar, diferente, portanto, do sistema até agora utilizado nas cápsulas espaciais do «Projecto Mercurio» ou previsto no programa «gémeos».

Os autores do «Dyna-Soar» projectaram o veículo para ser utilizado como um elemento de transporte e ligação entre as plataformas espaciais, susceptível igualmente de servir como bombardeiro espacial, transportando armas nucleares e efectuando missões de patrulha constante em órbitas da Terra.

Bleymayer declarou que os projectos em curso prevêem o lançamento de, pelo menos, 10 planadores espaciais, os dois primeiros sem piloto e os restantes com uma tripulação média de oito astronautas. — (A. N. I.).

O vice-chanceler e ministro da Economia da Alemanha Ocidental, prof. dr. Ludwig Erhard — que será, como se sabe, o sucessor de Adenauer — encontra-se em férias na Baviera, mas nem por isso deixa de se preocupar com os problemas que se lhe hão-de deparar, quando assumir novas responsabilidades. Ali teve uma reunião importante com diversas personalidades políticas, com as quais discutiu a formação do próximo Governo. Da esquerda para a direita: Hermann Duphues, Heinrich von Brentano, Erhard e Franz Josef Strauss

A quadrilha que assaltou o comboio-correio teria sido denunciada pelos motoristas de dois camiões — afirma um jornal londrino

LONDRES, 13 — Dois homens, possívelmente motoristas dos veículos em que a quadrilha empreendeu a fuga depois do assalto ao comboio-correio, denunciaram a organização — noticia o «Daily Mail» de hoje, num artigo sensacional que publica na sua primeira página, acrescentando ser convicção da Polícia que eles conhecem o principal responsável do roubo.

No seu artigo, o «Daily Mail» afirma que os homens, pelo menos aparentemente, foram tentados pela importancia da recompensa, ignorando, todavia, se eles voltaram a telefonar á Polícia. Ainda de acordo com as suas informações, o jornal revela serem os delatores dois veteranos do crime e que ambos receberam instruções através dos «imediatos» do dirigente principal da quadrilha.

Simultaneamente, o «Daily Express» informa que patrulhas móveis da Scotland Yard persistem nas suas rusgas, em todos os bairros suspeitos desta capital, tentando descobrir quaisquer indícios que conduzam á prisão dos criminosos.

O «Daily Express» noticia ainda que a Polícia irlandesa foi convidada a colaborar nas investigações,

(Continua na 16.ª página)

A GRANDE NEGOCIAÇÃO — 1

Necessidade e vantagens do pacto de não-agressão entre o Leste e o Ocidente

por ATTICUS

PARIS, Agosto — O acordo para a suspensão das experiências nucleares, concluido entre os Estados Unidos, a União Soviética e a Grã-Bretanha, em 25 de Julho, suscitou em todo o Mundo uma vaga de entusiasmo e optimismo. Rádio Vaticano foi a primeira a saudá-lo pondo em relevo «o fremito de esperança» que despertou. A maioria dos países de cinco continentes já lhe deram a sua adesão e outros seguirão o exemplo. Apesar de ter uma importancia limitada, a euforia geral que provocou justifica-se inteiramente.

O primeiro passo

Num discurso proferido em 26 de Julho, o presidente Kennedy referiu-se ao acordo nestes termos: «Este acordo não é ainda o grande

(Continua na 7.ª página)

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

Pedro Carvalho ganhou a tirada de Santiago de Cacém

VISADO PELA CENSURA

Diario de Lisbôa HOJE 28 PÁGINAS nas quais se inclui ÊXITO e Juvenil

• • • TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA TAP • • •

De ontem para hoje

UNIVERSITÁRIOS PARA OS ESTADOS UNIDOS

Para os Estados Unidos seguiram ontem os professores da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, dr. Luís Lindley Cintra e dr.ª Maria de Lourdes Belchior Pontes e dr.ª Maria Pita Mendes Leal. Vão á América a convite do Departamento de Estado, a fim de participarem os dois primeiros catedráticos, no Congresso de Linguística, em Nova York. A dr.ª Mendes Leal vai participar na reunião de um grupo de sociólogos.

Depois de participarem nessas reuniões científicas, os profs. Lindley Cintra e D. Maria de Lourdes Belchior Pontes, visitarão, durante dois meses, os Estados Unidos, enquanto a prof.ª Mendes Leal ficará três meses naquele país em visita de estudo.

ARRASTADO NA ESTRADA

Foi ontem, na estrada de Colares. Ia o sr. Virgílio Rodrigues Serôdio, de 37 anos, pedreiro, morador em Galamares. Ao passar de motoreta no sítio das Azenhas na Quinta do Cosme, ao lado de uma camioneta parada, foi apanhado pela porta da mesma que o motorista abriu inesperadamente. O sr. Serôdio desviou-se e caiu, sendo então apanhado por um automóvel que rodava em sentido contrário. Foi por ele arrastado. Vieram os bombeiros que o conduziram ao hospital de Sintra onde chegou já morto. Deixa um filho de oito anos e viuva.

●

PALÁCIO DE BELÉM

O Chefe do Estado recebeu em audiência, os srs. comandantes Carlos Gomes de Amorim Loureiro e dr. Ramos de Sousa e o rev. padre Herculano de Oliveira, secretário da diocese e director do Centro Social de Nova Lisboa.

OS LOBOS EM PLENO DIA

Lá para os lados de Alijó, em Chã, os lobos perderam a vergonha de todo; ou então é a fome que os aperta de mais. Assim, no Alto da Cesteira, perto de Chã, a meio da manhã, com o sol alto, atiraram-se as feras a um rebanho. Mataram duas ovelhas. O pastor gritou á coa! Veio povo e as feras fugiram.

●

ÁGUAS DA BARRAGEM

Com o Verão, os acidentes mortais em águas de rio ou mar, são muitos. Nas próprias barragens de águas paradas, ficam muitos dos que lá procuram a benção de um banho. Ainda ontem na Barragem Salazar, ficou para sempre, inerte, o corpo de José Manuel Patinho Bento, de 12 anos, filho do sr. António José Bento e da sr.ª D. Gertrudes da Conceição Patinho, moradores no Monte do Zambujal...

A CIDADE

Pelos hospitais

ATROPELADO EM CABO RUIVO — Deu entrada na sala de observações do Hospital de São José, sem fala, um indivíduo que aparenta ter 36 anos, atropelado em Cabo Ruivo.

INTOXICADO COM EMANAÇÕES DE AMONÍACO — Recolheu á sala de observações do Hospital de S. José o serralheiro César Oliveira Vieira, de 30 anos, residente no Bairro do Alvito, 37, 1.º, que sofreu intoxicação de emanação de amoníaco.

QUEDA DE UMA BICICLETA — O ciclista António Mendes Santos, de 34 anos, operário, Cebolais de Cima, Castelo Branco, caiu ali da bicicleta que conduzia e sofreu várias contusões na cabeça. Foi transportado á sala de observações do Hospital de S. José, onde ficou internado.

Recintos de diversões

E' amanhã, ás 22 horas, que se efectua, no rinque de patinagem do Grupo Desportivo dos Tabacos, na Calçada dos Barbadinhos, o espectáculo de canções e fados, seguido de baile até de madrugada, dirigido por Filipe Pinto, e no qual colaboram o cantor António Calvário e os fadistas Joaquim Silveirinha, Amélia Susana, Natalino Duarte, Maria Emília, Manuela Moura, José Marques, guitarrista, e Raul Silva, violista.

Pela Polícia

PROCURA-SE O DONO DE UMA MÁQUINA DE FILMAR — A Polícia Judiciária pretende identificar o proprietário de uma máquina de filmar, marca «Baeur 88 B», que teria sido furtada, em princípios de 1961. Os interessados deverão entrar em contacto com a 5.ª secção daquela Polícia.

Quem perdeu?

Relação dos achados ontem e entregues na P. S. P. (Governo Civil) de Lisboa: Uma mala de viagem com roupas e documentos em nome de Manuel Francisco de Abreu Campanário, mala de viagem e embrulho com roupas, uma gabardina, uma sombrinha, porta-moedas com determinada quantia, mala de senhora com livros; carteira em cabedal com dinheiro e certidão em nome de João Gonçalves Rodrigues, compêndio de Algebra do 6.º ano, livrete de velocípede em nome de Rui Alfredo Machado, bilhete de identidade em nome de António Ferreira; uns óculos, tampões de roda de automóvel, chaves.

— Encontra-se depositado na secretaria do Regimento de Cavalaria da G. N. R., no quartel de Cabeço de Bola, um tampão de roda de automóvel que foi achado na Parada do Alto de S. João, pelas 19 e 15 do dia 10 do corrente e que será entregue a quem provar pertencer-lhe.

XADREZ

Primeiros resultados do Campeonato de Lisboa de 1.ª categoria

Nos encontros ontem disputados, a contar para a primeira sessão do Campeonato de Lisboa de 1.ª categoria (equipas), verificaram-se os seguintes resultados: Alekhine, 1,5-Ateneu, 2,5 e Santos, 2-Sporting, 2.

A realçar o excelente resultado dos xadrezistas do Grupo Desportivo de Santos frente aos sportinguistas.

No torneio de reservas, que se efectua ao mesmo tempo, a contar para a taça «António Joaquim Pereira Machado», o Ateneu tem sobre o Alekhine a vantagem de 2-1, havendo ficado suspensa a partida entre o dr. Fernando Teixeira e Pierre Chardonnet.

A campanha anti-racial nos Estados Unidos

(Continuação da 1.ª página)

do efectuava sózinho uma marcha a favor da integração racial.

«Miss» Sherwood, que é branca, apelou imediatamente da sentença e foi posta em liberdade. após ter pago o preparo da apelação.

Por outro lado, o comediante negro Dick Gregory encontrava-se entre 50 pessoas negras e brancas presas na noite passada em Chicago durante uma manifestação contra a segregação nas escolas.

A manifestação ocorreu num bairro de negros, onde estão a ser erguidas salas de aula temporárias e móveis. Os negros afirmam que, na verdade, a segregação está, assim, a ser mantida devido ao facto de as crianças poderem ser acomodadas em escolas menos superlotadas em áreas mistas. — (R.).

MANIFESTAÇÃO DIANTE DA O. N. U.

NOVA YORK, 13. — Continuam em todo o território as manifestações contra a segregação racial.

Setenta manifestantes desfilaram ontem, nesta cidade, diante do edifício das Nações Unidas para protestar contra a discriminação de emprego nos estaleiros de construção da Feira Internacional do próximo ano, levando cartazes pedindo ás delegações africanas que suspendam a construção dos seus pavilhões. «Voltamo-nos para os povos que sofreram as opressões do racismo», explicou um dos chefes do movimento.

Entretanto em Goldsboro, na Carolina do Norte, a Polícia prendeu 55 de uma multidão de 600 negros que desfilaram por duas vezes no bairro comercial da cidade, enquanto cerca de 2000 brancos os observavam. Tal facto elevou para 270 o numero total de prisões em quatro noites de manifestações de protesto contra a segregação racial nesta cidade.

Por outro lado, meia centena de negros que se manifestavam ontem em Saint Louis (Illinois) contra a recusa de um importante banco em admitir pessoal negro também foram presos. Vinte e seis de entre eles foram postos em liberdade depois de terem pago fiança. O director do banco acabou mais tarde por concordar em receber uma delegação de negros. — (F. P. e R.).

NOVO ATAQUE AO NEGRO JAMES MEREDITH

JACKSON, 13. — O governador Ross Barnett solicitou do Conselho dos Professores da Universidade do Mississipi a suspensão da entrega do diploma de curso ao negro James Meredith, até se concluir o inquérito mandado abrir ás declarações atribuidas ao estudante, classificadas de «depreciativas, insidiosas e perigosas».

O pedido de Barnett foi apresentado ontem, exactamente seis dias antes da data marcada para a cerimónia da entrega dos diplomas aos alunos da Universidade, baseando-se na alegação de que Meredith teria violado a lei universitária, proferindo declarações publicas, o que é formalmente interdito aos estudantes.

O Conselho Universitário não fez, até agora, qualquer comentário ao pedido do governador Barnett. — (A. N. I.).

HÓQUEI EM PATINS

Os campeões do Mundo em Estremoz, amanhã

Como já anunciámos, os campeões do Mundo de hoquei em patins, que tão brilhantemente acabam de representar a modalidade nos II Jogos Luso-Brasileiros, visitam amanhã, a cidade de Estremoz, onde, em homenagem ao Clube de Futebol de Estremoz, efectuarão uma exibição.

Entre os elementos que fazem parte do afamado conjunto, salientamos Moreira, Vaz Guedes, Fernando Adrião, Bouçós, Livramento, Urgeiro, Leonel, Vítor Domingos e José António, este natural de Estremoz.

Em complemento do programa defrontar-se-ão os juniores do Lusitano, de Evora e os do clube local.

Os campeões são esperados em Estremoz, amanhã ás 18 horas, sendo em seguida recebidos na Camara Municipal.

O «Diário de Lisboa» vende-se em BISSAU por intermédio da firma Handlings, Ld.ª

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

A reunião semanal

dos rotários de Lisboa

Realizou-se hoje, a reunião semanal do Rotary Clube de Lisboa, cuja sessão foi dedicada a companheirismo.

Presidiu o sr. eng.º Sérgio Medeiros e o sr. dr. José Maria Cardoso dirigiu o protocolo e fez a apresentação dos convidados e dos notáveis visitantes, salientando a honrosa presença do ex-presidente do Rotary Internacional, sr. Joseph Abby, que já tinha sido hóspede do Rotary Clube de Lisboa em 1960, no período da sua presidência.

O sr. eng. Sérgio Medeiros deu cumprimentos de boas-vindas a todos os presentes e fez uma saudação especial ao antigo presidente do Rotary Internacional Joseph Abby.

Em continuação do tema versado na reunião anterior — «Como gostaria que fosse a nossa reunião?» — usou da palavra o rotário sr. dr. Carlos Elias da Costa.

Seguiu-se uma animada discussão entre os rotários presentes, que muito interessou a assistência.

Ao encerrar a sessão, o presidente agradeceu a intervenção de todos os participantes, felicitando-os pelo brilho das ideias apresentadas.

1.º CONVÍVIO

RÁDIO INDÚSTRIAS, LDA. — IBÉRIA

Na admirável Quinta de S. Vicente, em Coina, um dos maiores e mais belos pomares da Europa, o seu dinamico Administrador e apaixonado pomicultor e industrial recebeu no passado domingo individualidades ligadas ao comércio de Rádio, Televisão e Electro-domésticos, que ali realizaram a primeira reunião de convívio entre os revendedores das famosas representações de Rádio Indústrias, Ld.ª, e os delegados da importante organização Ibéria, S. A., de Barcelona. Depois de uma visita em que os convidados tomaram contacto com a modernissima exploração frutícola e pomícola, onde se notam igualmente deslumbrante manchas coloridas dos jardins de invulgares proporções, e de terem percorrido as impecáveis vacarias onde se produzem grandes quantidades de leite, foi servido um almoço muito simpático, em que ficou bem expressa a familiaridade da reunião e a fraternidade que une os povos da Espanha e de Portugal.

Foram saudados amistosamente pelo anfitrião todos os presentes, e, de modo especial, os srs. Alberto Pueyo, Luís Clemente e José Herraez, delegados da Iberia, S. A., a quem afirmou que a Rádio Indústrias, Ld.ª, de que é Sócio-Gerente, iria desenvolver larga actividade para que a prestigiosa marca «Ibéria», de Barcelona, ocupasse em Portugal o lugar a que tem direito pela qualidade e pela categoria do seu excelente material de Rádio e Televisão, com especial relevo para os seus já famosos televisores «IBERIA», de que foi feita a apresentação do novo modelo VS-2183, que tanto êxito tem obtido na Europa. Para isso, contava com o entusiasmo, a dedicação e a competência dos seus revendedores e demais colaboradores ali presentes.

O grupo de pessoas que assistiram ao almoço

O sr. Alberto Pueyo, inspector superior da Iberia, S. A., felicitou os Gerentes da Rádio Indústrias, Ld.ª, pelas suas notáveis realizações e afirmou-lhes que a Ibéria de Barcelona tem a maior honra em ser por eles representada em Portugal.

Representantes do pessoal da Rádio Indústrias, Ld.ª, e dos revendedores da Ibéria falaram ainda a agradecer a bela tarde de convívio que lhes havia sido proporcionada.

Já quase noite, a grande caravana de automóveis com cartazes «Ibéria» deixou a bela Quinta de S. Vicente, em Coina, em direcção a Lisboa.

Moradias — Vendem-se

Carcavelos — Rua Cândido dos Reis

Magníficas moradias em banda contínua com acabamentos impecáveis em qualidade e bom gosto. A um minuto da estação c. ferro, centro comercial e mercado. Com sala comum, 4 quartos, 2 c. banho, lavabo e cozinha. Garagem e Jardim. Todas as comodidades modernas.

Facilita-se parte do pagamento. Trata o próprio no local.

CELEIRO

ESTE SUPERMERCADO avisa os seus estimados clientes que na próxima quinta-feira, dia 15, feriado nacional, se encontra fechado.

«Manufactura Universal de Autómatos»

no Teatro de D. Maria II

Integrado no 1.º Ciclo Gulbenkian de Teatro, foi levada á cena ontem, no Teatro D. Maria II, a peça «Manufactura Universal de Autómatos», de Karel Chapek, representada pelo C. I. T. A. C. (Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra), com encenação de António Pedro.

Seria difícil que esta peça fosse apresentada por uma companhia profissional de teatro, dado o numeroso elenco de que necessita, e as poucas garantias de bilheteira que oferece, pois se trata de uma obra literária de um género que não corresponde, infelizmente, ao gosto da maioria do publico. É, pois, louvável a iniciativa do C. I. T. A. C., ao apresentar entre nós o checo Chapek, que, a não ser pela tradição da sua obra «A Fábrica do Absoluto», era práticamente desconhecido em Portugal.

O publico apreciador de bom teatro teve assim oportunidade de conhecer um dos valores mais representativos da corrente artística denominada de «Expressionismo», que surgiu após a guerra de 1914-18. Esta corrente foi um movimento de protesto contra a situação de uma cultura e uma civilização, que puderam permitir uma guerra como o primeiro conflito mundial. Este movimento deu origem em Portugal á peça de Alfredo Cortês, «Os Gladiadores», representada em 1934.

Quanto ao nível artístico alcançado ontem á noite, teve altos e baixos, numa interpretação irregular, mas em que há a destacar António Montês. Como era de esperar, encenação acertada de António Pedro. Pena foi, que se quebrasse um pouco a unidade com aquela demora do quadro final, e o seguinte erro de luzes. — L.

Palmas sem fim para Amália

no Casino Estoril

Uma infindável salva de palmas sublinhou a aparição de Amália Rodrigues na pista do Casino Estoril. Após mais uma das suas já habituais ausências e com o pé no estribo para nova abalada para o estrangeiro, a nossa melhor cantadeira não quis privar por mais tempo o seu publico fiel da possibilidade de a aplaudir. E o publico aproveitou, ávidamente, a oportunidade, *invadindo* o Casino Estoril, enchendo a trasbordar o salão-restaurante e apinhando-se, pode dizer-se, no «Wonder-Bar».

Ainda que, na sua maioria, os assistentes fossem *amalistas* convictos, o certo é que não podemos considerar exagerados os aplausos que coroaram cada um dos fados de Amália — letras novas e novas musicas, por vontade da artista, numa demonstração cabal de que não quer estagnar, e fados antigos, dos primeiros da sua carreira, por exigência do publico.

Em maré alta fadista se *navegou* ontem no Casino, onde se viam caras conhecidas, o «tout» Lisboa, que neste caso, uma vez que estamos em férias, é o «tout» Costa do Sol...

Amália, que a princípio se confessou nervosa, ao ponto de pedir aos fotógrafos que não fizessem «flashes» durante a sua actuação, acabou por estabelecer diálogo com o publico e foi quase em conversa amena, entre um corrido e um menor, que Amália acabou de cantar já madrugada alta.

Cá ficamos, resignados, á espera do seu regresso.

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- Só depois da inauguração do Teatro Desmontável «Laura Alves», o empresário Vasco Morgado se deslocará ao Brasil. Como noticiámos, o novo teatro daquele empresário será inaugurado na Costa da Caparica, com a peça «O Milagre de Ana Sullivan».
- Já se encontra na fase de ensaios de apuro a peça «Recompensa», de Ramada Curto, próximo espectáculo do Teatro Popular de Lisboa, na Estufa Fria. A estreia continua marcada para o próximo dia 17. Os ensaios são dirigidos pelo actor Augusto de Figueiredo.
- O «Jazz Ballet Rodney» está já a ensaiar novos numeros para apresentar no espectáculo que subirá á cena no Monumental, depois da carreira de «Boa Noite Lisboa!».
- A peça «O Amigo de Sandro»,

(Continua na 5.ª página)

Depois de ter actuado na Alemanha, num programa televisionado e em dois espectáculos radiodifundidos, a jóvem fadista Ada de Castro partiu ontem para Paris, onde cumprirá um contrato para a «Radiotelevision» e cantará em «shows» de auditório. Ada de Castro, que recebeu recentemente uma proposta de contrato para a Suécia, é apresentada — nesta actuação em Paris — através do famoso programa «Europa 1»

ESPECTÁCULOS GRATUITOS

PARA PORTUGUESES DO ULTRAMAR NO MONUMENTAL E NO AVENIDA

Uma vez mais, o empresário Vasco Morgado tomou a iniciativa de proporcionar espectáculos gratuitos, nos teatros Manumental e Avenida, aos naturais do Ultramar que se encontrem de visita á Metrópole, ou que aqui residam temporáriamente.

No Monumental, continua em cena a superprodução de «music-hall», «Boa noite, Lisboa!». Do seu magnifico elenco fazem parte Salvador, Humberto Madeira, Berta Loran, uma extraordinária artista brasileira querida do publico português; Helena Tavares, de boa presença e com uma linda voz; uma atracção nacional de categoria internacional Vítor Gomes e os seus «Gatos Negros»; o excepcional «Jazz Ballet Rodney», com Xavier François, o cantor Ronald, e quinze das mais lindas mulheres da Europa; a orquestra de Jorge Costa Pinto e, ainda, um desfile de bonitas mulheres, como Maria Sabina, Linda Silva, Maria Natália, Sandra, Jacqueline, Dora e Morena, que totalizam mais de 50 encantadoras bailarinas em cena.

No Avenida, no 5.º mês de representações, a encantadora comédia «Vamos contar mentiras», de Alfonso Paso. Trata-se de um espectáculo alegre, magistralmente interpretado por Raul Solnado, Florbela Queirós e Armando Cortês.

Festa de homenagem

ao locutor Rasquilho Vieira

No restaurante típico Cervejaria Aguia de Ouro, é esta noite prestada uma homenagem ao produtor e locutor da rádio Joaquim Rasquilho Vieira, que há vinte anos iniciou a sua actividade.

A partir das 21 horas, até ás 2 da manhã, exibem-se os populares artistas António Calvário, Ary Moreno, Alberto de Oliveira, Tany Mello, Carlos Nascimento, Lisa Maria, Paulo Jorge, Maria da Glória, Belo Graça, Bibi Dias, Manuel Seia, Onit Ferreira, Amélia Susana, João Viana-Vianinha, Carlos de Oliveira, Dina Cardoso, Natalino Duarte, Manuel Fernando, Ilda Silva, António Lorival, o locutor José Manuel, o maestro Humberto Batalha, os guitarristas Manuel Mendes e Manuel Martins, o Conjunto Típico Regional do acordeonista César Nabais e o Conjunto de Folclore Cantares de Portugal.

«O Auto da Compadecida»

na Academia de Santo Amaro

Hoje á noite efectua-se mais um espectáculo teatral da série promovida pelo Município, com vista á divulgação da arte de representar nos aglomerados populares da cidade. Na Academia de Santo Amaro o grupo de teatro da Sociedade Nacional dos Empregados de Escritório do distrito de Lisboa apresenta «O Auto da Compadecida», uma das obras mais representativas da moderna dramaturgia brasileira.

TEATRO NACIONAL DONA MARIA II

HOJE ás 21.45 (12 ANOS)

O TEATRO UNIVERSITÁRIO DO PORTO

APRESENTA

OS PÁSSAROS

de Aristofanes — Trad. e encenação de ANTÓNIO PEDRO

Direcção artística de Correia Alves

1.º Ciclo Gulbenkian de Teatro

Bilhetes para estudantes a 5$00

Dia 15, Castelo Branco — 17, Aveiro

A CHIQUISSIMA GENTE QUE FREQUENTA CANNES, CHEIA DE JÓIAS E DINHEIRO, MUITO LIVRE, BASTANTE ESCANDALOSA.. É O MEIO EM QUE «TRABALHAM» OS...

LARÁPIOS DA ALTA RODA

NESTE MOMENTO EM EXIBIÇÃO, COM GRANDE ÊXITO, EM 5 CINEMAS DE PARIS:
ARTISTIC ● AUBERT ●
BOUSQUET-GAUMONT ●
MURAT ● MONTROUGE

COM

LILLI PALMER

E UM GRANDE ELENCO!

AMANHÃ

IMPÉRIO

ADULTOS

CASINO ESTORIL

APRESENTA
TODAS AS NOITES

CECILE DEVILE

A ENCANTADORA EMBAIXATRIZ DA CANÇÃO FRANCESA QUE CONQUISTOU O PUBLICO PORTUGUÊS NAS SUAS ANTERIORES ACTUAÇÕES

MICHAEL and partner

O MAIS FAMOSO MALABARISTA E EQUILIBRISTA DA EUROPA

VALENTINA FÉLIX

UMA AFIRMAÇÃO DA CANÇÃO PORTUGUESA

BLUEBELL GIRLS

UM NOME ÚNICO DOS CARTAZES DO «MUSIC-HALL» MUNDIAL

PREÇOS: Sábados consumo mínimo 60$00. Nos outros dias, consumo mínimo 40$00. Todos os dias jantar 65$00. (Estes preços não compreendem taxas nem impostos)

No CINEMA, às 21.30: «Os cadernos do major Thompson»

TODOS OS DOMINGOS «MATINÉE», ÀS 17 HORAS
Chá completo — 25$00 (Taxas e impostos não incluidos)

FREDDIE DAVIS e VALENTINA FÉLIX
actuam todas as noites no
TERRAÇO DAS ESTRELAS do Hotel Embaixador

(Maiores de 17 anos)

O DRAMA NA SELVA QUE FEZ ESTREMECER A ÁSIA MERIDIONAL E O MUNDO!

UM ALUCINANTE EPISÓDIO DA GUERRILHA DE QUE FALAM TODOS OS JORNAIS!

FOGO NA FLORESTA

(BRUSHFIRE!)

O inimigo apreciava aquela mulher duma maneira muito especial!

HOJE EMPOLGANTE ESTREIA NO **MONUMENTAL**

com

JOHN IRELAND · EVERETT SLOANE · JO MORROW · CARL ESMOND e HOWARD CAINE

Produção e Realiz. de JACK WARNER, JR. · Argumento de IRWIN R. BLACKER

ADULTOS (M/17 anos)

É um filme PARAMOUNT

TEATRO DA TRINDADE

(F. N. A. T.)

Em colaboração com o SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO

TEMPORADA POPULAR DE BAILADO

Dedicado aos beneficiários da F. N. A. T., sócios dos Sindicatos Nacionais, C. A. T. e C. R. P.

HOJE, ÀS 21.45 HORAS

GRUPO DE BAILADOS PORTUGUESES

« V E R D E - G A I O »

(do S. N. I.)

Direcção coreográfica: **Margarida de Abreu** e **Fernando Lima**

III PROGRAMA

O DOURO CORREU PARA O MAR — CLAIRE DE LUNE pas-de-deux — TRAPÉZIO — O HOMEM DO CRAVO

Bilhetes à venda PLATEIA — 5$00 (Maiores de 12 anos)

ATENÇÃO: Estes espectáculos repetem-se amanhã, dia 14

Em MOSCAVIDE o «DIARIO DE LISBOA» encontra-se à venda na «TABACARIA AUGUSTO DA SILVA CARVALHO. Av. de Moscavide. 26.

RIA PERDIDAMENTE!

Solnado

VEJA NO **AVENIDA** (12 ANOS)

19.ª SEMANA À NOITE Às 21.45 h. A COMÉDIA DE **ALFONSO PASO**

Vamos contar mentiras

com **RAUL SOLNADO, FLOR BELA QUEIROZ** e **ARMANDO CORTEZ**

BALCÃO PARA O POVO a 2$50 e 5$00

DOMINGO, À TARDE, ás 16 h.

PRAZER, ANIMAÇÃO, ENTUSIASMO E ALEGRIA DE VIVER SÓ NA

FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA **COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»**

ONDE O POVO SE DIVERTE TODAS AS NOITES
RECREIA OS OLHOS E O ESPÍRITO
AMBIENTE ACOLHEDOR ● LINDOS PAVILHÕES ● ELEGANTES STANDS ● ORIGINAIS DIVERTIMENTOS
UM MUNDO DE COISAS LINDAS
UMA FEIRA PARA TODOS

TRANSPORTES FÁCEIS, DIRECTOS E ASSEGURADOS — ABERTURA ÀS 19 HORAS

As maiores Corridas de Toiros de Agosto

FEIRA ANUAL

Caldas da Rainha

Quinta-feira, 15 de Agosto ás 17.30

Mestre **JOÃO BRANCO NUNCIO** na época de oiro, no ano da sua consagração e

FESTAS DA SALVAÇÃO

Arruda dos Vinhos

Sexta-feira 16 de Agosto ás 17.30

JOSÉ BARAHONA NUNCIO que comemora o seu 1.º aniversário da sua Alternativa

Eng. JOSÉ SAMUEL LUPI

O primeiro matador de toiros português

D I A M A N T I N O V I S E U

e

J O S É T R I N C H E I R A

Forcados Amadores de Santarém	Forcados Profissionais de Lisboa
Oito toiros de casta espanhola, dos Ex.mos Irmãos Nettos	Oito toiros de casta espanhola do Ex.mo Sr. Ernesto Castro

Preços populares — Bilhetes á venda a partir do dia 10. Em LISBOA, Agência ABEP, Praça dos Restauradores. Tel. 32 88 23 — Nas CALDAS DA RAINHA, no Largo José Malhoa — Na ARRUDA DOS VINHOS, no Café Central e nas Bilheteiras das praças, nos dias das corridas

Aceitam-se marcações — Não será televisionado — (Maiores de 6 anos)

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE **FOGO NA FLORESTA** **MONUMENTAL**

TIVOLI — Telefone 50595

A's 3 da tarde (p. red.) e 9.30 da noite (M. 17 anos)

um grande filme policial e de mistério

UM GOLPE SENSACIONAL

com **Yves Massard, Françoise Saint Laurent** e **Louis Seigner**

Às 18.30 — Sessão clássica

AS PORTAS DO INFERNO

SÃO JORGE — Telefs. 54153/4

A's 15.15, 18.15 e 21.30 (M. 12 anos)

Três histórias de **Somerset Maugham**

numa válida narrativa cinematográfica

SINFONIA DA VIDA

com **Anne Crawford — Nigel Patrick Michael Rennie** e **Jean Simmons**

POLITEAMA — Telefone 326305

A's 15.15 e 18.15 (p. red) e 21.30

GRANDE ÊXITO com a maravilhosa obra-prima romantica

A FONTE DOS AMORES

com **Clifton Webb** e **Dorothy McGuire**

Admirável história de 3 raparigas que compram a felicidade com 3 moedas

CINEMASCOPE (M. 12 anos)

ROMA — Platéia 727778 Balcão 729192

A's 15.30 e 21.45

Um filme de mestre **Comencini**

com **Nino Manfredi** e **Mário Adorf**

(M. 17 anos)

Uma história patética, dramática e violenta

CRUEL DESTINO

Uma violenta perseguição a homens com o destino marcado.

AR CONDICIONADO

CASINO ESTORIL

A's 17 horas (M. 12 anos)

e ás 21.30 (M. 17 anos)

OS CADERNOS DO MAJOR THOMPSON

com Martine Carol, Jack Buchanan e Nöel-Nöel

IMPÉRIO — Telefone 555134

A's 15.15 e 21.30 (Adultos)

6.ª SEMANA de um êxito que se renova

S A B R I N A

com **Audrey Hepburn — Humphrey Bogart** e **William Holden**

EDEN — Telefone 320769

A's 15.30, 18.30 e 21.45 (Maiores 12 anos)

3.ª SEMANA

do filme popular

O MIÚDO DA BICA

com **Fernando Farinha**

Um espectáculo do povo com expressão humana.

ODEON — Telefone 326283

A's 15.15 e 18.15 (p. red.) e 21.30

ENCHENTES!

Um êxito sensacional em todo o Mundo

A IRMÃ SAN SULPÍCIO

A suprema criação de **Carmen Sevilha** com **Jorge Mistral**

A maravilhosa história de uma linda mulher entre dois amores sublimes.

Cinefotocolor (M. 12 anos)

TERRASSE — Telefone 320917

A's 21 horas (M. 17 anos)

CORAÇÃO QUE BATE

OS INIMIGOS

RESTELO — Telefone 610375

A's 21.15 (M. 12 anos)

Uma excelente película

LA CUMPARSITA

com **Marujita Diaz**

ESPLANADA PORTUGALIA — Telefone 47163

A's 21.30 (M. 17 anos)

EDDIE E A INTERPOL

IRENE E O MORDOMO

CINEMA IDEAL — Telefone 324194

A's 21 horas (M. 17 anos)

CONGO

DEMÓNIOS VOADORES

CONDES — Telefone 322523

A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30 (M. 12 anos)

O povo mais guerreiro da história num filme de rara violência

em Dyaliscope e Eastmancolor

2.ª SEMANA

A FÚRIA DOS VIKINGS

Cameron Mitchell — Françoise Christophe — Folco Lulli

(AR CONDICIONADO)

MONUMENTAL — Telefone 555131

A's 21.30 EMPOLGANTE ESTREIA (M. 17 anos)

O drama na selva que fez estremecer a Ásia Meridional e o Mundo!

FOGO NA FLORESTA

com **John Ireland — Everet Sloane**

ALVALADE — Telefone 763086

A's 15.15 (p. red.) e 21.45 (M. 12 anos)

Uma comédia de gargalhada

O RAPAZ ATÓMICO

com **Dean Martin — Jerry Lewis — Janeth Leigh — Edward Osvald**

AVIS — Telef. 4 76 63

A's 15.30 e 21.30 (Adultos)

Um programa duplo para os que gostam de sensações fortes!

A MALDIÇÃO DO VAMPIRO

com **Eric Fleming**

O MORTO VOLTOU

com **Jack Mahoney**

Lotações esgotadas

AR CONDICIONADO

LIZ — Telefone 48569

A's 21 horas (M. 17 anos)

O MAIOR IMPÉRIO DO MUNDO

VOCÊ QUER DANÇAR COMIGO?

REAL — Tel. 865037

A's 21 horas (M. 12 anos)

DO COUPLET AO TANGO

O VINGADOR MASCARADO

COLISEU

Emp.: Ricardo Covões Herds.

HOJE, ás 21.30

(Maiores de 12 anos)

ULTIMA EXIBIÇÃO DO GRANDE FILME

A CARGA DA BRIGADA LIGEIRA

com **Errol Flynn**

O FINAL DA TAÇA DE INGLATERRA

AMANHÃ — os grandes filmes

S A N G A R E E

e **ARCO DO TRIUNFO**

Em MAFRA o «DIARIO DE LISBOA» vende-se no CAFÉ UNIDOS

ABC

Tel. 36 67 45

José Miguel apresenta

As 21 e ás 23 h.

Nicholson

A REVISTA

BIKINI

AO AR LIVRE

com um elenco à frente do qual se encontram

Yola — Irene Cruz — Nicholson — H. Maya — M. Maria — E. Amoedo

e com **António Anjos**

e a revelação 1963

Ivone Silva

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

— 17 ANOS —

VASCO MORGADO
apresenta no

MONUMENTAL

UM ESPECTACULO DE CATEGORIA INTERNACIONAL
A PREÇOS ACESSÍVEIS
CAMAROTES
de 5 entradas
60$00
PLATEIA
desde 20$00
BALCÃO a 5$00
NÃO DEIXE DE VER ESTA GRANDIOSA REALIZAÇÃO

BOA NOITE, LISBOA!

Todas as noites
2 SESSÕES
às 21 e 23 h.
(ADULTOS)
com o maior elenco de sempre
SALVADOR
HUMBERTO MADEIRA
BERTA LORAN
HELENA TAVARES

JAZZ
BALLET
RODNEY
e os
REIS DO
CARNAVAL
CARIOCA
DE 1963

Berta Loren

SEMANA
DO ULTRAMAR
ESPECTÁCULOS DE VASCO MORGADO DEDICADOS AOS PORTUGUESES DO ULTRAMAR

HOJE todos os naturais de MOÇAMBIQUE, têm entrada gratuita, mediante identificação nas bilheteiras dos teatros MONUMENTAL e AVENIDA, amanhã: Goa, Damão e Dio. 5.ª-Feira: Guiné, S. Tomé e Cabo Verde. 6.ª-Feira: Macau e Timor.

DIVERSÕES — TEATROS ★ CINEMAS

CIRCO ★ VARIEDADES ★ ÓPERA ★ BAILADO ★ TV ★ RÁDIO

(Continuação da 3.ª página)

de Jean Marsus, numa tradução e adaptação de Rui Pilar, preencherá o próximo programa «Tempo de Teatro» que a R. T. P. apresentará.

● Dado o contrato já existente entre o empresário Giuseppe Bastos e a empresa do Capitólio, não pode confirmar-se a apresentação duma companhia de comédia dirigida pelo actor Luís Tito que projectava actuar naquela sala des espectáculos.

NO TRINDADE

Récita popular de «ballet» com o conjunto «Verde Gaio»

A temporada popular de bailado, prossegue hoje e amanhã, no Trindade com récitas pela «Companhia dos Bailados Portugueses Verde Gaio», dirigida por Margarida de Abreu e Fernando Lima.

Nestes dois espectáculos á preços extraordinariamente populares, será apresentado um programa de grande classe, constituido pelos seguintes bailados: «O Douro correu para o mar»; «Claire de lune» pax-de-deux; «Trapézio»; e «O Homem do cravo».

NO ROMA

«Cruel destino» é um filme empolgante

O longo calvário de quatro condenados, através de uma implacável perseguição, está magnificamente tratado na recente realização de Luigi Comencini, «Cruel destino». E' um filme empolgante, que arrebata, tanto pela história que narra, como pela forma como está narrada e interpretada.

Nino Manfredi, Mário Adorf, Valéria Mariconi, Gian Valonte e outros vivem a original trama de «Cruel destino», espectáculo violento, patético e denso de imprevisto.

Fixando, com penetrante observação, o ambiente álgido e sombrio de um presídio italiano, onde centenas de facínoras são submetidos a uma rígida disciplina, o filme dá os cambientes mais variados da psicologia humana.

De invulgar craveira artística e técnica, «Cruel destino», que pertence á lista de êxitos da próxima temporada, é, portanto, um filme que se recomenda e que confirma os méritos de Comencini como encenador de raro talento e sensibilidade.

NO AVIS

Dois filmes para os espectadores amantes de emoções fortes

O pupular cinema da Avenida Duque d'Avila apresenta, neste momento, um notável programa duplo, constituido por dois filmes de choque, duas obras que abalam os nervos mais fortes e habituados a este género de «suspense».

O primeiro filme intitula-se «A maldição do vampiro» e os principais papéis decorrem a cargo de Eric Fleming, Kathleen Crow e de John Hoyt. Impressionante pelo clima frio e macabro do seu conflito, torna-se um espectáculo aliciante e diferente, graças á sua contextura, tão do agrado do publico.

A fechar a reposição, em cópia nova, do famoso «western» colorido «O morto voltou», com Jock Mahoney, Luana Patten, Charles McGraw e a insinuante Barbara Lawrence nos protagonistas. Filme de lutas, onde a expectativa surge em cada cena, «O morto voltou» no seu género pode classificar-se como um espectáculo empolgante, qualificado, que interessa e subjuga o mais indiferente dos cinéfilos.

AS ESTREIAS DE HOJE

No Monumental

Título em português — «Fogo na floresta».
Título original — Brushfire!».
Produção — Norte-americana.
Realização — Jack Warner, Jr.
Intérpretes — John Ireland, Everett Sloane, Jo Morrow e Carl Esmond.
Argumento — O drama da selva vivido por um casal de europeus.
Distribuição — Paramount.
Processo — Normal, a preto e branco.
Classificação — 17 anos.

CONCURSO de arte dramática para as colectividades de recreio

O Concurso de Arte Dramática, promovido pelo Secretariado Nacional da Informação, com a valiosa colaboração da F. N. A. T., e que este ano voltou a despertar o maior entusiasmo nas colectividades de cultura e recreio prossegue hoje á noite. O grupo de «Teatro Amador da Trofa», representará no Cine-Teatro Alves da Cunha, de Trofa, o drama «Pássaros de Asas Cortadas», de Luís Francisco Rebelo.

Amanhã, o juri apreciará as provas do Grupo Dramático «Flor de Infesta», de S. Mamede de Infesta, que levará á cena a peça «Não é o mel».

O FILME «Da Terra Nascem os Homens» próxima sessão clássica do Império

Amanhã á tarde o Cinema Império efectua a sua 337.ª sessão clássica, com o filme «Da Terra Nascem os Homens». Trata-se da película «The Big Country», de William Wyler, um novo angulo do «western» realizado por mão de mestre, conquistando um «Óscar».

Um elenco categorizado, que inclui Gregory Peck, Jean Simmons, Carroll Baker, Charlton Heston e Burl Ivens, aumenta o interesse desta película.

O PORTO pelo telefone

Criança colhida por um automóvel

PORTO, 13. — No lugar de Ribeirão, em Famalicão, onde reside, foi colhido, por um automóvel o pequeno Joaquim da Silva Santos, de 7 anos, que sofreu traumatismo craniano e ferimentos graves pelo corpo, recolhendo ao Hospital de Santo António.

Abuso de confiança

O sr. José Moreira da Costa, morador em Vila do Conde, queixou-se á P. S. P. contra um indivíduo, cuja identidade indicou, acusando-o de se recusar a entregar várias ferramentas de construção civil, que lhe havia confiado, no valor de alguns milhares de escudos.

Falecimento

Faleceu hoje, numa casa de saúde desta cidade, o sr. António Ernesto Cerqueira, de 73 anos, casado, agente comercial. O funeral efectua-se amanhã, a hora a designar, para o cemitério do Bonfim.

Espectáculos de amanhã

COLISEU — A's 21 e 30: «O homem que não era ninguém» (12 anos).
SÁ DA BANDEIRA — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30: «Os onze do oceano» e «Vício de matar» (17 anos).
S. JOÃO — A's 15 e 30 e 21 e 30: «A vítima do medo» (17 anos).
VALE FORMOSO — As 21 e 30: «Raízes do crime» e «O inimigo silencioso» (17 anos).
BATALHA — As 15 e 30 e ás 21 e 30: «Sinais escondidos» (17 anos).
AGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e ás 21 e 30: «Escrito no vento» (17 anos).
TRINDADE — As 15 e 30 e ás 21 e 30: «Todas eram encantadoras» (17 anos).
OLIMPIA — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30: «Álamo» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — A's 15 e 15 e ás 21 e 15: «A corda» e «As colinas da ira» (17 anos).

Construção e pavimentação de estradas nacionais

Efectuaram-se esta tarde, na Junta Autónoma de Estradas, os concursos publicos para arrematação das empreitadas de construção do sublanço entre os perfis n.os 195 e 1040 do lanço da estrada nacional n.º 202, entre Alvalade e Cercal, e de pavimentação do troço da estrada nacional n.º 381, entre Cinfães e Vila Nova de Paiva. As bases de licitação eram de 2 896 430$00 e 1 140 000$00, respectivamente, e foram recebidas várias propostas.

ADEGA MESQUITA

TELEF. 32 83 07

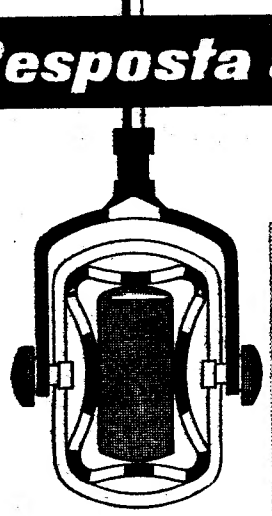
EDUARDA MARIA

EDUARDA MARIA, após a ausência forçada pelo nascimento do seu 2.º filho, **volta hoje** a cantar para os seus inúmeros admiradores.

Além desta consagrada fadista, hoje e todas as noites, o valioso elenco privativo desta castiça adega típica.

(M. 17 ANOS)

Resposta ao Microfone



HENRIQUE MENDES, o popular locutor da TV e da Rádio, responde às cartas que habitualmente lhe dirigem, através deste programa, patrocinado pela

PHILIPS

HORÁRIO
R. C. P. (Parede) 3.ª-FEIRAS — 15.30 h.
R. C. P. (Miramar) 5.ª-FEIRAS — 14.15 h.

MAIORES DE 6 ANOS

15 DE AGOSTO INAUGURAÇÃO DA PRAÇA DE CASCAIS

A QUE SE DIGNA ASSISTIR O CHEFE DO ESTADO
UM CARTEL À ALTURA DUM ACONTECIMENTO

CAVALEIROS MANUEL CONDE
DAVID R. TELLES
ALFREDO CONDE

MATADORES MANUEL DOS SANTOS
JUAN GARCIA «MONDEÑO»

FORCADOS AMADORES DE LISBOA
DE NUNO SALVAÇÃO BARRETO

TOIROS DE D. DIOGO PASSANHA E J. GRAVE

O SOL DOS TOIROS NA COSTA DO SOL

BILHETES À VENDA NA SOCIEDADE DE PROPAGANDA DE CASCAIS; NO ESTORIL, NA JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL E NO CASINO ESTORIL; EM LISBOA, NA AGÊNCIA ABEP, PRAÇA DOS RESTAURADORES. NO DIA DA CORRIDA, TAMBÉM, NAS BILHETEIRAS DA PRAÇA.

exito

Linha de SINTRA

VII FESTIVAL DA MÚSICA

Começa na próxima quinta-feira, o VII Festival de Musica, de Sintra, prolongando-se, este ano, até 8 de Setembro. Organizado pelo S. N. I., em colaboração com a Comissão de Turismo da Câmara Municipal, actuará no primeiro dia do Festival o soprano inglês de fama mundial Lucille Graham, que será acompanhado por Regina Cascais, nome que já ultrapassou as fronteiras e muito honra a musica portuguesa.

Os bilhetes para este tão prestigiado empreendimento podem adquirir-se nos seguintes locais: Agência de Informações do S. N. I., Restauradores; Junta de Turismo da Costa do Sol, nas Arcadas do Estoril; e na Comissão Municipal de Turismo de Sintra, no Largo Rainha Dona Amélia, em Sintra.

LUCILLE GRAHAM
soprano inglês de fama mundial

Diário da Outra Banda

Cinemas

ALMADA — *Incrível* — Às 21 e 30: «1, 2, 3 e 4...» (12 anos); *Academia* — Às 21 e 30: «Motivo do divórcio: o amor» e «Horror de Drácula» (17 anos).

COSTA DA CAPARICA — *Cine-Copacabana* — Às 21 e 15: «Com jeito vai... no bote» e «Ana Lucasta» (17 anos).

TRAFARIA — *Pavilhão Jardim* — Às 21 e 15: «Uma rapariga nos teus braços» e «O meu cão felpudo» (12 anos).

COVA DA PIEDADE — *Club Recreativo* — Às 21 e 15: «Aventuras de D. Juan» (12 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — *Nunes* — Largo Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel 234137)

ALMADA — *Cristo Rei* — Av. Cristo Rei, 31.

BARREIRO — *Soares* — Av. da Republica, 1 (Telef. 2273023).

COVA DA PIEDADE—*Atlântico* —Quinta do Pombal, 1 (T. 274365).

MOITA — *União Moitense* — Av Dr. Teófilo Braga, 1 (Tel. 239025).

MONTIJO — *Moderna* — R. Bu lhão Pato, 60 (Tel. 230156).

SESIMBRA — *Lopes* — Rua Candido dos Reis, 67 (Tel. 229028).

SETUBAL — *Bocageana* — R. do Romeu (Tel. 23425); *Bairros* — B.° Santos Nicolau (Tel. 23330).

ALHOS VEDROS — *Portugal* — Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250).

SEIXAL — *Soromenho* — Rua Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560).

BAIXA DA BANHEIRA — *Nova Fátima* — Estrada Nacional, 221-B (Tel. 224141).

Cinemas

AMADORA — *Recreios Desportivos* — Às 21 e 15: «Os dois carabineiros» (17 anos).

QUELUZ — *Queluz-Cine* — Às 21 e 15: «F. B. I. Código 98» e «O que são as mulheres» (17 anos).

MEM MARTINS — *Cine-Chaby* — Às 21 e 30: «Boneca de luxo» (17 anos).

SINTRA — *Carlos Manuel* — Às 21 e 30: «Congresso de maridos» (17 anos).

ERICEIRA — *Cine-Teatro* — Às 21 e 15: «Uma rapariga chamada Tamiko» (17 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — *Carmete* — Rua Elias Garcia, lote 28 (Tel. 931303); *Helénica* — Rua Elias Garcia, J P. L., loja B (Tel. 930213).

QUELUZ — *André* — Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); *Queluz* — Av. Miguel Bombarda, Lote 4 (Tel. 951841).

SINTRA — *Marrazes* — Largo Rainha D. Amélia, 20 (Tel. 980155).

S. PEDRO DE SINTRA — *Valentim* — (Tel. 980456).

BURACA — *Vaz Martins* — Rua António Ferro, M. A. D. (T. 931690).

MEM MARTINS — *Quimia* — Estrada de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).

COLARES—*Colares*—Abreja (Tel. 299088).

DAMAIA — *Confiança* — Estrada Militar, lote D (Tel. 934023).

FESTA ARTÍSTICA
dos Tabacos no Grupo Desportivo

Efectua-se amanhã á noite, no rinque de patinagem do Grupo Desportivo dos Tabacos, á Calçada dos Barbadinhos, um espectáculo que promete estar muito animado e variado. Inclui canções, fados e danças.

Dirige o espectáculo, o conhecido artista Filipe Pinto e nele colaboram os artistas António Calvário, os fadistas Joaquim Silveirinha, Amélia Susana, Natalino Duarte, Manuela Moura e Maria Emília.

A festa principia ás 22 horas, prolongando-se até de madrugada.

Adega Cooperativa
de Ervedal da Beira-Seixo

VISEU, 13 — Na sede da Federação dos Vinicultores do Dão efectua-se, hoje, um concurso para a construção da Adega Cooperativa de Ervedal da Beira-Seixo, cujas instalações importarão em cerca de 2100 contos.

BOSCH

AS MELHORES MARCAS NAS MELHORES CONDIÇÕES

Ponto Azul

FRIGORIFICOS
TELEVISORES
AUTO-RÁDIOS

GRANDES FACILIDADES DE TROCA E PAGAMENTO

ORLANDO & ALMEIDA, LDA.
Rua de Arroios, 156-B
Lisboa — Tel. 5 24 84

PENHORES
AMADORA
P. da Igreja, 13-A

ARTES PLÁSTICAS
A exposição itinerante de Arte Portuguesa

Inaugurou-se nas instalações do Grémio do Comércio do concelho da Figueira da Foz, a exposição itinerante «Arte Portuguesa Contemporanea — Pintura, Desenho e Gravura», promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian, com obras que pertencem á sua própria colecção.

FESTAS DE «LA PEREGRINA» EM PONTEVEDRA

Nos dias 1 a 15 de Agosto de 1963

Por motivo destas festas a C. P. tem á venda nalgumas estações (entre as quais as de Lisboa-Santa Apolónia, Coimbra, Porto, Braga e Viana do Castelo), bilhetes especiais de ida e volta a preços reduzidos, para a estação de Pontevedra.

Período de venda: de 27 de Julho a 15 de Agosto.

Validade para regresso: de 1 a 21 de Agosto.

DIÁRIO escolar

INFORMAÇÕES COMENTÁRIOS

Por uma consciência educacional

A criação de uma consciência educacional é tarefa ingente e meritória que não deve ser fruto exclusivo dos professores e dos encarregados de educação, mas de todas as forças da Nação. Sabido como o problema educacional é a base a partir da qual se vai integrar todo o futuro do País, dele dependendo a solução dos problemas prementes que nos preocupam, não é de estranhar que num jornal como o «Diário de Lisboa», largo paladino do progresso nacional, se publique o ««Diário Escolar». E o «Diário Escolar», se por si não pode criar essa consciência, orgulha-se de, pelo menos, ter contribuído para sublinhar a sua necessidade. Será pouco para os que exigem a perfeição, bem sabemos. Mas sabemos também que a ansia desmedida de perfeição está ligada a uma atitude cuja concretização mais vulgar é a ausência de acção, a inércia.

Em toda a vida nacional, a Imprensa, a Rádio, a Televisão, nas fábricas, nos campos, devia, julgamos nós, haver uma campanha que chamasse todos a contribuir para a resolução de um problema de tal acuidade. A obra do «Diário Escolar» é modesta, quanto á amplitude do desígnio a realizar. Mas já que outra lição não desse, há a de uma actuação persistente e bem intencionada que ninguém serenamente pode desmentir. Cientes dos problemas que constituem a chave da educação, com o espírito sempre aberto ao que se passa nos meios mais evoluídos, não deixamos de representar também a realidade portuguesa. Procurando criticar um sistema de ensino que, quer queiramos quer não, tem como ponto crucial o exame, damos a possível amplitude ao problema dos exames, publicando pontos e soluções, comentando-os abertamente e, como é timbre do «Diário de Lisboa», não nos furtando á exposição de pontos de vista contrários.

Se escrevemos em Portugal e no nosso País, como dissemos, o exame é o fulcro do ensino, será estranho que, sempre presentes ás nossas realidades, reflictamos essa «pedagogia de Julho» que primeiro que ninguém combatemos? Não será vá-lido, pelo menos, no aspecto prático, servirmo-nos dessa «agitação», chamemos-lhe assim, para encontrarmos a acuidade gritante do problema?

A análise dos problemas

Na medida em que não é possível analisar, simultaneamente, todos os problemas, não julgamos condenável encararmos, quando o momento é convidativo, os mais explosivos. Além de uma reforma dos exames, impõe-se, como temos afirmado, uma mais ampla que abarque o ensino na sua totalidade. Essa convicção legitimaria a nossa indiferença perante os exames? Não o cremos. Tanto mais que julgamos que uma posição totalmente coerente com essa atitude nos conduziria a nunca estudarmos coisa alguma, porque há aspectos sempre significativos que não podem ser tratados em artigos de jornal.

Dos exames podemos sucintamente concluir: pontos, não poucos, errados; erros de matéria, não cumprimento do programa, excessiva dificuldade e, ás vezes, excessiva facilidade; cotações deficientes, quer na valorização das perguntas, quer na sua imprecisão; subjectividade excessiva nas classificações; em um liceu, por decisão superior, rectificam-se 110 provas escritas! Procure-se em todo o País a estatística de todos os pontos susceptíveis de recurso deferido, e veja-se quantas vítimas inocentes provocaria uma classificação apressada.

Capacidade profissional

Será desprestigiar o professorado afirmar a incompetência pedagógica de tantos professores, se soubermos do numero cada vez maior de professores do ensino secundário que não possuem uma indispensável licenciatura? Sê-lo-á salientar-se, como se salientaram as condições ingratas em que trabalham, de forma a não permitirem um rendimento que doutro modo seria bem mais valioso? Sê-lo-á gritar, digamos assim, o desequilíbrio cada vez mais acentuado entre o numero de professores com habilitação pedagógica e o aumento sempre crescente de alunos? Firmemente, não o julgamos. Também não nos parece que se justifique o desenvolvimento de uma noção de solidariedade profissional que considera inaceitável qualquer reparo ou crítica desfavorável á acção de qualquer componente de tão respeitável classe.

Outro aspecto em que desejamos insistir é o que diz respeito a qualquer ausência da tendência do «Diário Escolar» em relação ao ensino técnico ou ao liceal. Parece haver quem suponha que o «Diário Escolar» est mais ligado ao ensino técnico. Mas terá sido menos duro na crítica a certos pontos do ensino técnico do que do liceal? Releem-se serenamente os comentários feitos. Tem-se enaltecido a acção educativa de algumas escolas do ensino técnico, salientando a dos liceus? Não está isso no nosso propósito, nem no espírito de justiça com que se procura orientar esta secção, tanto consideramos a existência dos distintos professores no ensino liceal como no técnico.

Não queremos deixar de abordar ainda um outro. No «Diário Escolar» está mais ligado ao ensino técnico, e sem arrependimento, as vítimas dos pontos mal organizados e das classificações arbitrárias. Desse facto indiscutível, não poderá concluir-se que pretendemos contribuir para o aumento não menos arbitrário do numero de passagens, independentemente do grau de aproveitamento dos examinados.

Entendemos que os exames devem ser justos. Daí a nossa insistência. Mas, havendo erro no ponto ou na classificação, e se tivermos de escolher entre uma classificação rigorosa que force á reprovação de quem não o merece, ou force á aprovação de quem também não a mereça, não hesitamos, preferimos a segunda, na impossibilidade de elegermos a que ambicionávamos, a justa.

Já se pensou nos perniciosos reflexos de se poder ligar aos pontos de exame um carácter caprichoso, que nunca poderá ser fonte de estímulo ao trabalho sério e continuado? Os pontos e as classificações devem, quanto a nós, integrar-se em um aspecto formativo, educacional.

Há um desígnio ambicioso que no «Diário Escolar» desejamos reivindicar. Não se compraz com a satisfação de, na média, ficar aprovado quem merece. Quer ir mais longe e lutar, ciente de que essa média se refere a pessoas, para que na totalidade fique aprovado quem o mereça. É mais uma luta, com o mérito de se integrar totalmente nos seus propósitos: a da ampliação e valorização de toda a nossa actividade educacional.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

Não se diga que o Torneio Popular do Belenenses, anteontem disputado no Restelo não foi concorrido. E atente-se que nesta foto não estão todos os participantes

Candidatas a «Miss Beleza Internacional» recusaram deixar-se fotografar deitadas de barriga para cima

LONG BEACH (Califórnia), 13 — Dezasseis concorrentes ao título de «Miss Beleza Internacional» revoltaram-se ontem contra pedidos que foram feitos, a fim de se deixarem fotografar deitadas de barriga para cima.

As restantes das 87 beldades de 47 países obsequiaram um fotógrafo do «National Magazine», deixando-se fotografar deitadas na areia — completamente vestidas.

Ao ser feito o pedido, «Miss Itália», Anna Luisa, de 22 anos, replicou através de um intérprete: «As rainhas de beleza não devem ser fotografadas deitadas nessa posição — em Itália não fazemos isso».

Outras «amotinadas» apoiaram-na. «Miss Japão», Shizuko Shimazu, de Tóquio, declarou: «As japonesas também não fazem tais coisas».

«Miss Califórnia» queixou-se de que se amarrotaria o vestido e foi apoiada por Judi Cahill, de Nova York, e por «Miss Luxemburgo», Catherine Paulus.

As candidatas não se comoveram perante as ofertas de lhes limparem os vestidos. «Trata-se de uma questão de princípios» — disseram.

As classificações das concorrentes começam esta noite. — (R.).

OFERECERAM PEIXE como protesto contra o seu baixo preço...

VERONA, 13 — Duzentos tractores com reboques cheios de peixe desfilaram ontem á tarde nas ruas de Verona. Os tractores eram conduzidos pelos próprios proprietários do peixe que protestavam assim contra o baixo preço a que lhes é comprado o produto do seu trabalho — cinco a dez libras o quilo — que por sua vez é revendido ao retalho por 100 e 150 libras. Os produtores pararam os tractores em pleno centro da cidade e principiaram a distribuir peixe gratuitamente. Este gesto teve como efeito imediato fazer baixar em 30 por cento o preço de venda nas peixarias. Os produtores enviaram delegados ao prefeito que os autorizou a vender directamente o peixe ao publico. —. (F. P.).

Os partidos indianos apresentaram ao Parlamento moções de censura contra o Governo

NOVA DELI, 13 — Pela primeira meira vez, em 16 de Governo o primeiro-ministro indiano, Nehru, tevez, em 16 anos de Governo, o pricensura ambas apresentadas na sessão de abertura do Parlamento de Nova Deli.

Uma das moções apresentada por todos os partidos não-comunistas, censura o Governo de Nehru pelo malogro da política de segurança da India perante a ameaça chinesa e pela instituição de impostos muito elevados que contribuiram para o aumento dos preços.

Também os comunistas, por seu turno, resolveram apresentar uma moção de censura contra o Governo alegando, todavia, outros motivos: a montagem, e território indiano, de um posto emissor da «Voz da América» e a proposta efectivação de exercícios aéreos conjuntos, com a Grã-Bretanha e os Estados Unidos.

Os observadores políticos salientam, no entanto, ser nula a possibilidade de qualquer das duas moções ser aprovada, uma vez que o Partido do Congresso domina uma maioria de dois terços do Parlamento. — (A. N. I.).

DO ESTRANGEIRO EM POUCAS LINHAS

● Julgamento em Espanha

MADRID, 13. — No tribunal militar de Madrid, o acusador pediu a pena de morte para os dois terroristas que se confessaram autores dos atentados á bomba de 29 e 30 do ano passado e sentenças que vão de dois a vinte anos de prisão para os seus cúmplices. — (A. N. I.).

● Colóquio de escritores

MOSCOVO, 13. — Os escritores que tomaram parte no colóquio da «Comunidade dos escritores europeus», partiu, de avião, para Gagra, a convite de Kruchtchev. Entre os convidados, contam-se Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir e os escritores italianos Giuseppe Ungaretti e Giancarlo Vigorelli e os romancistas ingleses John Lehman e Angus Wilson. — (F. P.).

● 150 pessoas soterradas no Nepal

NOVA DELI, 13. — Cento e cinquenta a duzentas pessoas ficaram soterradas pelo desmoronamento de uma encosta, que cobriu quatro aldeias numa região montanhosa e remota, a 95 quilómetros a Oeste da capital nepalesa. As chuvas torrenciais das monções foram a causa dos desprendimentos. — (A. N.

● Tiroteio em Brazzaville

LEOPOLDVILLE, 13. — Houve esta manhã incidentes em Brazzaville, cuja natureza ainda se não conhece. Da margem congolesa ex-belga ouviram-se, distintamente, tiros e detonações surdas, aparentemente de granadas. Segundo informações particulares vindas das embaixadas ocidentais em Brazzaville, a população africana observa esta manhã uma ordem de greve total lançada pelos sindicatos. Esta greve teria carácter político e destinar-se-ia a protestar contra a política do presidente Youlou, que visa criar um partido político unico. — (F. P.).

Reuniões científicas

XVII Congresso Mundial de Veterinária

Vai efectuar-se em Hannover de 14 a 21 do corrente uma reunião internacional do domínio das Ciências Veterinárias. Serão discutidos 270 relatórios sobre temas relativos a Higiene e Tecnologia dos produtos de origem animal, Sanidade, Zootecnia, Fisiologia e Nutrição animal, Patologias e clínicas veterinárias, Estandardizações dos produtos biológicos, etc., subscritos pelos mais eminentes especialistas do Mundo, a par das exposições internacionais de carácter industrial, histórica e bibliográfica integradas no ambito das manifestações sociais do Congresso.

A Comissão Nacional da Associação Mundial de Veterinária que organiza este Congresso, sob a presidência do prof. J. Freitas de Sousa, tem envidado todos os esforços para assegurar uma representação portuguesa condigna, e espera-se pelo numero de inscrições registadas que se alcance aquele objectivo.

A

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

PROMOVE

durante os meses de MAIO, JUNHO, AGOSTO e SETEMBRO
e interessando 50 localidades o

1.º CICLO

GULBENKIAN DE TEATRO

com a apresentação dos seguintes espectáculos:

O VAGABUNDO DAS MÃOS DE OIRO, de Romeu Correia	pelo Teatro Experimental do Porto
OS TRÊS CHAPÉUS ALTOS de Miguel Mihura	pelo Teatro Moderno de Lisboa
BREVE SUMÁRIO DA HISTÓRIA DE DEUS, de Gil Vicente	pelo Teatro dos Estudantes Universitários de Coimbra
MANUFACTURA UNIVERSAL DE AUTÓMATOS, de K. Chapek	pelo Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra
OS PÁSSAROS, de Aristófanes	pelo Teatro Universitário do Porto
ADORÁVEL MENTIROSO	por Eunice Muñoz e Jacinto Ramos

PRÓXIMOS ESPECTÁCULOS

em:

Porto, Lisboa, Castelo Branco, Aveiro, Espinho, Póvoa de Varzim e Viana do Castelo

A grande negociação

(Continuação da 1.ª página)

acontecimento do século. Não resolverá, só por si, todos os conflitos, não levará os comunistas a renunciar ás suas ambições, não eliminará por completo o perigo de guerra não fará com que prescindamos de armas e aliados, nem que demos auxílio económico a outros países». Mas o alcance do acordo de Moscovo é inegável por ter aberto o caminho a novas negociações sobre o desarmamento e as divergências entre o Leste e o Ocidente. No momento da assinatura o delegado americano Averell Harriman, classificou-o como um passo em frente que permitirá dar outros. Não o considerou de outra maneira o presidente Kennedy no seu discurso a que nos referimos. «Mas, acrescentou abandonando as reservas que fizera, é um primeiro passo na direcção da paz e da segurança pois afasta o espectro da guerra». Para acentuar esse ponto começou assim o discurso: «Falo-vos hoje animado por um vivo sentimento de esperança. Pela primeira vez se concluiu um acordo destinado a colocar as forças de destruição nuclear sob uma fiscalização internacional».

O que o acordo efectivamente significa disse-o ele também ao traçar o quadro apocalíptico da guerra nuclear. «No nosso tempo, disse, uma guerra nuclear não se pareceria com qualquer outra do passado. Duraria menos de sessenta minutos e, com o emprego das armas de que dispomos mataria mais de trezentos milhões de indivíduos na Europa e na América, e um numero indeterminado noutros pontos do globo». O presidente citou, a propósito, uma frase de Kruchtchev dirigida aos chineses dizendo que os seus sobreviventes se lamentariam de não ter morrido, e acrescentou que seriam herdeiros de um mundo de tal maneira devastado pelas explosões, a poluição e o fogo, que se não faz ideia do caos em que seriam precipitados.

A grande negociação

«O acordo nuclear de Moscovo, disse o secretário de Estado Rusk, não poderá muito, mas corresponde a uma viragem». O primeiro-ministro Macmillan, mais categórico afirmou que «o acordo deve ser o ponto de partida para uma grande negociação». Já antes da sua assinatura se falava da visita a Moscovo dos srs. Rusk e lorde Home, não apenas para o assinar solenemente mas também para lançar as bases da grande negociação de que falou o primeiro-ministro. Esta interpretação optimista justifica-se pelo texto do acordo e pelo comunicado oficial que o anunciou e lhe serve de preambulo. Nele se lê o seguinte: «Os chefes das três delegações acordaram em que o tratado sobre a cessação das experiências nucleares constitui um passo muito importante para atenuar a tensão internacional e reforçar a paz e esperam que novos progressos se registarão nesse caminho». O comunicado prevê a assinatura de um pacto de não-agressão entre os signatários dos pactos do Atlantico e de Varsóvia.

Um acôrdo que vem de longe

O que confere ao acordo de Moscovo inegável significação é o facto de não ser uma improvisação diplomática mas o fruto de demoradas negociações realizadas no maior segredo entre Washington e Moscovo, as quais entraram numa fase decisiva depois da crise cubana. A agência americana A. P. difundiu, em 9 de Julho, numa altura em que ninguém ainda falava da assinatura do acordo, um artigo do semanário «U. S. News & World Report», publicação sempre bem informada, o qual aludia a um plano de paz secreto negociado entre o presidente Kennedy e Kruchtchev. Dizia aquele semanário que começara uma nova fase nas relações russo-americanas após uma troca de cartas entre os dois chefes de Governo — mais de quarenta, segundo revelava — depois da crise cubana. E acrescentava que fora estabelecido, nessas cartas o programa de paz de que falava, o qual teria diversas etapas, começando por um acordo sobre a cessação das experiências nucleares que também classificava como um primeiro passo.

A informação era exacta e tudo leva a crer que quando Kruchtchev em seguida á digressão espectacular do presidente Kennedy a Berlim Ocidental, lançou a ideia de uma conferência para a cessação das experiências já tudo estava regulado entre Kennedy e Kruchtchev. Viram-se logo a satisfação com que os Governos de Washington e Londres acolheram a ideia do chefe do Governo soviético, dizendo que estavam na disposição de assistir a essa conferência, proposta do lado soviético, a facilidade com que esta se reuniu, a rapidez com que se concluiu o acordo e, finalmente, como se tudo já estivesse preparado de longa data, a pressa com que foi solenemente assinado.

Nestas condições nada mais compreensível do que o optimismo que a assinatura do acordo suscitou em todo o Mundo. Ao atentar na maneira como tudo se preparou e fez, é legítimo concluir que o entendimento dos Três abrange o conjunto das relações Leste-Oeste sendo o acordo o primeiro passo para a grande negociação que desejam os homens animados de intenções pacíficas e cujo objectivo é acabar com a guerra fria pois na era atómica, ninguém deve ignorar os seus riscos e perigos.

«Caldeirão do Santo Condestável»

Como nos anos anteriores a direcção da obra de beneficência «Caldeirão do Santo Condestável» manda celebrar missa amanhã, ás 18 horas, na Igreja de Nossa Senhora da Vitória, em comemoração da batalha de Aljubarrota e por intenção dos militares que morreram em serviço no Ultramar.

O «Diário de Lisboa» é vendido por Martinho Fontinha em SANGALHOS no «Café Sport»

LET'S LEARN ENGLISH

Vocabulário da lição n.º 10, parte 5, que a Radiotelevisão Portuguesa transmite no dia 14, pelas 20 horas:

INGLÊS	PORTUGUÊS
expression	—expressão
learn	—aprender
eight hours a day	—oito horas por dia
five days a week	—cinco dias por semana
two hours a night	—duas horas por noite
make	—fazer
Mother makes the dinner	—A mãe arranja o jantar
The factory makes farm machines	—A fábrica faz máquinas agrícolas
hot	—quente
warm	—morno
cold	—frio
cool	—fresco
rest	—descansar
now	—agora

LET'S LEARN ENGLISH
Volume I e II
à venda em todas as livrarias
Preço de cada volume: 47$50
LIVRARIA BERTRAND

OS ATLETAS MOÇAMBICANOS

foram hoje recebidos pelo ministro do Ultramar

As equipas feminina e masculina de natação, que se deslocaram á metrópole para disputar os campeonatos nacionais da modalidade, estiveram esta manhã no Ministério do Ultramar, a apresentar cumprimentos ao titular da pasta.

O sr. comandante Peixoto Correia recebeu os atletas moçambicanos e com eles trocou várias impressões sobre o desenvolvimento desportivo que se regista naquela província ultramarina, fazendo votos pelo bom êxito dos nadadores nas competições que vão disputar.

Em nome da embaixada, falou o dirigente sr. Jorge Leite Bragança, que agradeceu as facilidades concedidas pelo Ministério do Ultramar para a deslocação dos atletas.

Após a audiência com o ministro do Ultramar, a caravana dirigiu-se para o Ministério da Educação Nacional, onde apresentou cumprimentos ao titular da respectiva pasta, sr. prof. Galvão Teles.

Chegaram a Lisboa

muitos dos elementos que disputaram os jogos Luso-Brasileiros

Num avião especial da Panair chegou hoje a Lisboa a maior parte dos componentes da representação portuguesa aos II Jogos Luso-Brasileiros — nada menos de 121 elementos — que eram esperados pelo sr. director-geral dos Desportos, por dirigentes das várias federações e clubes e por familiares.

Chefiou este grupo o dr. Salazar Carreira, inspector dos Desportos que se mostrou satisfeito pela recepção e carinho com que a delegação foi recebida na nação irmã e se congratulou pelo êxito dos atletas portugueses naquele certame, cuja continuidade está assegurada.

Os restantes componentes da delegação são esperados amanhã, devendo o sr. dr. Baltasar Rebelo de Sousa, que chefiou a representação, regressar na próxima sexta-feira.

Dieta de elefante

BLACKPOOL (Inglaterra), 13. — «Frances», um elefante de cinco anos, está a dieta, devido ao seu estado de convalescente. Da dieta constam apenas: 48 bananas, sete quilos de cenouras, 20 litros de leite e 40 pães escuros. «Frances» foi ontem operado ao estômago, numa delicada intervenção cirurgica que lhe salvou a vida.

A operação durou quatro horas e nela foi utilizado anestésico suficiente para 50 pessoas. — (A. N. I.).

EM 3 LINHAS

Foi autorizada a Direcção-Geral da Aeronáutica Civil a celebrar contrato para o fornecimento de uma viatura para lançamento de espuma e dois camiões-tanques para água, destinados ao serviço de incêndios do aeroporto da Madeira.

///

A Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais foi autorizada a celebrar contrato para execução da empreitada de construção da cadeia comarcã de Santa Comba Dão, pela importancia de 847 293$00.

///

Foram mandados emitir e pôr em circulação, pelo Ministério do Ultramar, na província de Angola, selos da franquia postal tendo como motivos os escudos das armas de vilas e povoações daquela província.

///

O «Diário do Governo» publica hoje o despacho que estabelece os preços de aquisição pela Federação Nacional dos Produtores de Trigo, do centeio, milho e cevada da colheita de 1963.

///

Por despacho ministerial, foi aprovada a nomeação do sr. dr. Rui Carvalho Maia para o lugar de director clínico da Companhia das Águas da Fonte Santa de Monfortinho.

///

O capitão-de-mar-e-guerra, sr. Raul Lima Ferreira de Carvalho, foi exonerado do cargo de director de Farois, sendo substituído pelo oficial da mesma patente, sr. Julio Rosa Vieira Lopes.

///

Foi concedida a naturalização portuguesa ao sr. Jiri (Georges) Synek Listopad, natural da Checolosváquia, domiciliado no Porto, que passa a usar o nome de Jorge Synek.

///

Por despacho do sr. Presidente do Conselho, foi declarado, préviamente, de utilidade turística o hótel que a Companhia de Caminho de Ferro do Norte pretende instalar na freguesia do Monte, concelho do Funchal.

///

Foi publicado um aviso anunciando que podem os interessados requerer, se o desejarem, a sua transferência para as tesourarias da Fazenda Publica, no 7.º bairro fiscal de Lisboa, 1.ª classe, e nos concelhos de Lousada e Alcoutim, ambos de 3.ª classe.

BARBEIROS e CABELEIREIROS

estão encerrados depois de amanhã

Os estabelecimentos de barbearia e de cabeleireiro de senhoras estarão encerrados, no próximo dia 15, quinta-feira, feriado nacional, como habitualmente nos anos anteriores.

Entretanto, estes estabelecimentos observam amanhã o horário habitual dos sábados.

O rei do Afganistão, Mohammed Zahir Schah, e sua esposa Homeira, encontram-se na Alemanha. Depois de permanecerem quatro dias em Munich, os soberanos visitaram a magnífica zona turística dos Alpes Bávaros, onde foram surpreendidos pelos fotógrafos

O problema dos transportes

vai ser estudado numa reunião de eminentes juristas

De 2 a 5 de Setembro vai realizar-se na Corunha uma reunião do Instituto Ibero-Americano de Direito Comparado. O tema da reunião será o Direito Internacional de Transportes, de grande actualidade em vista da evolução constante dos transportes aéreos.

Á reunião presidirá o dr. Joaquim Ruiz-Gimenez, da Universidade de Madrid e antigo ministro da Educação de Espanha.

Os trabalhos foram divididos em quatro secções. A primeira, que versará o tratamento penal, civil e processual dos acidentes de automóvel, causados por estrangeiros em território nacional, presidirá o dr. Manuel Fraga Iribarne, ministro da Informação; á segunda, sobre os problemas jurídicos derivados da confluência das linhas férreas com as estradas e outras vias publicas, foi convidado a presidir o prof. Antunes Varela, ministro da Justiça de Portugal; da terceira, sobre os limites quantitativos da responsabilidade civil por acidentes de viação e aplicação do seguro obrigatório, será presidente o prof. Adelino da Palma Carlos, catedrático da Faculdade de Direito de Lisboa, antigo bastonário da Ordem dos Advogados e antigo presidente da União Internacional dos Advogados; da quarta, em que se discutirão os problemas suscitados pela lei espanhola sobre veículos motorizados, será presidente o dr. Manuel Iglésias Corral, decano do Colégio de Advogados da Corunha.

A sessão de encerramento será presidida pelo eminente jurisconsulto dr. Luís Legaz Lacambra, reitor honorário da Universidade de Santiago de Compostela e subsecretário da Educação Nacional de Espanha.

Nos trabalhos desta sessão de estudo poderão inscrever-se os advogados portugueses que para o efeito, deverão dirigir-se ao dr. José Puentes González, secretário do Colégio de Advogados da Corunha.

O Chefe do Estado

assistirá à corrida de touros da Casa da Imprensa

Os nossos camaradas Morais Cabral, dr. César Afonso, Saraiva Mendes e Nuno Rocha, dirigentes da Casa da Imprensa, foram ontem recebidos pelo sr. Presidente da Republica, a quem convidaram para assistir á grande corrida anual de touros organizada por aquela instituição. O sr. almirante Américo Thomaz aceitou o convite para a corrida, que se efectua no próximo dia 29, no Campo Pequeno.

COMPETÊNCIA DISCIPLINAR

Uma portaria da Presidência do Conselho e dos Ministérios do Exército e da Marinha estabelece regras destinadas a definir a entidade com competência disciplinar sobre o militar que, pertencendo ou estando adido a uma unidade, preste serviço noutra, com carácter permanente ou transitório, a título exclusivo ou cumulativo. Revoga a portaria n.º 18 259.

Construção de casas para pescadores

A Junta Central das Casas dos Pescadores foi autorizada, por despacho do ministro das Corporações, a contrair na Caixa Geral de Depósitos e Previdência um montante de 15 mil contos, destinados á construção de habitações de renda económica para pescadores.

DOIS FUTEBOLISTAS para o Sporting

No avião dos T. A. P. chegaram esta manhã a Lisboa os jovens futebolistas Manuel Dias e Virgílio de Almeida, que alinhavam no Sporting da Beira e se destinam a reforçar as fileiras do Sporting C. P.

No aeroporto eram aguardados pelo dirigente «leonino», sr. Mário Cunha e pelo técnico do clube, sr. Gentil Cardoso.

DINHEIRO EMPRESTA-SE

Qualquer quantia sobre propriedades, em Lisboa, Arredores e Província ao juro da Lei. Transacção rápida.

A CONFIDENTE

Rossio, 3-2. **Telef. 369384/5/6**

ÀS EX.MAS CLASSES MÉDICA E FARMACÊUTICA

SOLACA – Sociedade de Lacas, Ld.ª, informa que chegou nova remessa do produto **DAGRAVIT TOTAL 15 e 30** pelo que o mercado se encontra reabastecido

SETE CORR

chegaram isolados a S

Vitória ao «sprint» do sportin

SANTIAGO DE CACÉM, 13. — Em Loulé, numa cerimónia que despertou natural interesse, o sportinguista João Roque vestiu a camisola amarela auxiliado pelo presidente do Município local, sr. José João da Ascensão Pablos.

Partiram 53 corredores á hora exacta: 9. Multidão de entusiastas surgiram a despedir-se dos ciclistas, que em quase todo o Algarve foram sempre festejados com vibração.

O Sol brilhava, mas de novo houve um começo de tirada disputado sob temperatura fresca, das mais convidativas para os «voltistas».

Frustradas tentativas de fuga

Umas centenas de metros depois da partida, o louletano Ildefonso Bexiga sentiu-se momentaneamente indisposto, tendo de ser assistido pelo médico da «Volta».

Pouco depois, o portuense Mário Miranda experimentou os efeitos de uma avaria mecanica, mas, logo que a remediou, não teve dificuldades de maior em se juntar ao pelotão.

Meia hora gastaram os ciclistas para percorrer 25 quilómetros — anotámos logo a seguir.

Assim como também verificámos pouco depois que Francisco Rainho, do Académico, mesmo em andamento solicitara os serviços do médico da «Volta», cuja intervenção deveria ser das mais confortáveis, porque quase imediatamente o mesmo Francisco Rainho resolveu tentar uma fuga, levando na sua roda o portuense Mário Sá, o benfiquista Peixoto Alves e... o sportinguista Pedro Carvalho. E logo o novo «camisola amarela», João Roque, prontamente secundado pelos seus outros colegas de equipa, gizaram a contra-ofensiva. Quer dizer: mais uma tentativa de fuga frustrada.

A equipa do Sporting alerta!

O conjunto «leonino» seguia com os olhos bem abertos. Vários «esticões», alguns deles realizados por cotados ciclistas, foram pronta e fácilmente anulados pelos sportinguistas ávidos de defender a todo o custo a posição do portador da camisola amarela.

Assim, em marcha de pelotão, se fizeram 44 quilómetros em uma hora.

Na meta volante

Com 55 quilómetros de prova, na povoação de Odiaxere, depois de Portimão, surgiu a meta volante. Registavam-se 1 h. 19 m. e 55 s. de corrida. A referida meta foi atravessada em 1.º lugar pelo sangalhense Antonino Baptista, que, ao que parece, tem decidida vocação para este género de êxitos. Seguiram-se-lhe Orlando Silva, do Académico, e Indalécio de Jesus, do Tavira.

E mais tentativas de fuga se observaram, ao longo do percurso. Mas os sportinguistas continuavam

Os fatos de banho

e os turistas estrangeiros

A «United Press International» transmitiu aos seus assinantes um comentário baseado na «Nota do dia» que consagrámos á diversidade de critérios que existe no nosso País acerca do uso de fatos de banho e que interessa tanto os banhistas nacionais como os estrangeiros que nos visitam. Evidentemente que esse rigor incompreensível, em relação ao uso de alguns modelos de fatos de banho em certas praias, tornando-se conhecido lá fora, contribuirá para desencorajar os turistas que pretendem passar as suas férias em Portugal. Procuramos, por um lado, desenvolver o turismo e por outro lado — o que se nos afigura um contra-senso — tomamos disposições que só contribuem para o desanimar.

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

TA A PORTUGAL

CORREDORES

ados a Santiago de Cacém

o do sportinguista Pedro Carvalho

M, 13. — ónia que e, o spor- tiu a ca- pelo pre- , sr. José

s á hora ntusiastas os ciclis- Algarve com vi-

novo hou- disputado das mais ltistas».

de fuga

os depois Ildefonso neamente assistido

nse Már- s efeitos mas, logo dificulda- ar ao pe-

ciclistas metros' —

rificámos o Rainho, m anda- os do mé- ervenção fortáveis, te o mes- olveu ten- sua roda penfiquis- ortinguis- o o novo Roque, elos seus gizaram er: mais strada.

alerta!

guia com ios «esti- ados por pronta e sportin- r a todo tador da

pelotão, em uma

e

prova, na epois de volante. 55 s. de foi atra- o sanga- que, ao vocação s. Segui- do Aca- esus, do

fuga se percurso. inuavam

anho

geiros

national» ntes um Nota do iversidade no nosso s de ba- os ba- estran- Evidente- preensí- alguns em cer- onhecido esencora- lem pas- gal. Pro- envolver do — o ra-senso e só con-

ratas imo? IA

)

alertados e, por isso, todas elas foram anuladas com presteza.

Não surpreende, pois, que Lagos fosse ultrapassada pelo pelotão em cadência ritmada.

Em Bensafrim começou a subida para Espinhaço do Cão, uma subida de 4 quilómetros. Depois, desceu-se por estrada aos torcicolos. Mas não houve nada que merecesse registo especial. O pelotão continuava agrupado. Apenas dele se haviam atrasado dois corredores: o leixonense Julio Rodrigues e o «académico» José Vieira.

Em dado momento, o benfiquista Custódio Cristina «furou». Teve de mudar de roda. Mas também não lhe foi difícil juntar-se ao pelotão. Até Aljezur, com 101 quilómetros percorridos, haviam-se malogrado, pois, todas as tentativas para surpreender ou perturbar as «forças leoninas»...

Súbita reviravolta na corrida: escaparam-se ao pelotão dois sportinguistas e dois benfiquistas!

Um pouco antes de Aljezur, quatro corredores tentaram uma fuga: António Acursio, do Benfica; Mário Sá, do F. C. Porto; Pedro Carvalho, do Sporting, e Manuel Machado, do Tavira.

Em Aljezur, que se atingiu ás 11 e 46, esses quatro corredores levavam meio minuto de avanço sobre o pelotão. E quando haviam aumentado a vantagem para 2 minutos, o pelotão decidiu reagir de tal forma

O sportinguista João Roque, durante a sua colossal prova contra-relógio de ontem, a qual lhe proporcionou a conquista da camisola amarela

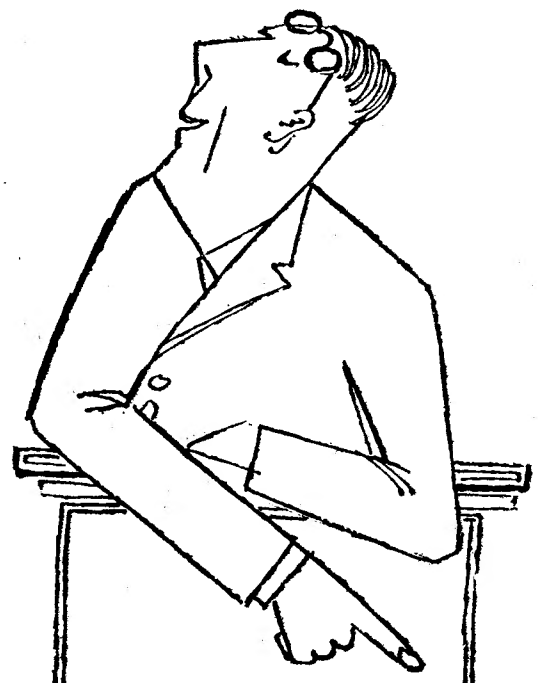
que não tardou a alcançar os autores da proeza.

Com 3 horas de prova haviam-se percorrido 107 quilómetros, á média de 35,666.

Antes de Mena Vinagre, ás 12 e 4, começou o abastecimento dos corredores.

Registou-se a seguir uma verdadeira reviravolta no perfil da corrida, quando outros quatro ciclistas decidiram escapar-se ao pelotão. Foram eles: António Acursio e Alcino Rodrigo, do Benfica, e Pe-

(Continua na 10.ª página)



Sr. automobilista,

Se me permite, dou-lhe um conselho:

quando pensar adquirir um rádio para o seu carro, decida-se por um modelo transistorizado e por uma marca de confiança. Philips reune as duas condições — trata-se de marca de reconhecida garantia mundial e todos os seus auto-rádios da Série 1963 são inteiramente transistorizados

Entretanto, é também indispensável acautelar a montagem; esta requer cuidados especiais e conhecimento de técnicos especializados.

MANUEL PIRES PINHEIRO

AGENTE OFICIAL PHILIPS

realiza vendas e procede a montagens em 2 horas na sua secção de

Serviço Autorizado Philips,

R. Silva Carvalho, 23-A, Telef. 65 11 80 (frente á Estação das Amoreiras).

AUTO-RADIO PHILIPS

Foi preso um motociclista

que atropelou um colega e fugiu sem o socorrer

No dia 10 do corrente, cerca das 2 horas, quando o ciclista José Domingues França, de 34 anos, solteiro, operário metalurgico, do lugar de Barroso, freguesia de Teresinha, concelho de Gaia, se encontrava na estrada dos Carvalhos a reparar uma avaria do veículo, foi atropelado e sofreu fractura de costelas, bem como ferimentos vários. Transportado ao Hospital de Santo António do Porto, ficou ali internado. O ferido declarou, na altura, que havia sido atropelado por um automóvel, cujo condutor se havia posto em fuga. O comissário Morgado, da P. V. T., encarregou a brigada 89 de proceder a investigações no sentido de descobrir o autor do atropelamento. O guarda José Eduardo dos Santos, daquela corporação, depois de várias e trabalhosas diligências, verificou não se tratar de automóvel, mas sim duma motorizada, indo encontrar o autor do atropelamento ferido na sua residência, e ainda sem tratamento. Trata-se do sr. Ilídio da Silva Leite, de 37 anos, que declarou não ter prestado assistência ao colega por julgar que ele não havia ficado ferido.

VIDA POLÍTICA

Presidência do Conselho

Com o sr. prof. dr. Oliveira Salazar trabalhou, esta manhã, o ministro de Estado adjunto do Presidente do Conselho.

● Ministro do Interior

O sr. dr. Santos Junior, titular da pasta do Interior, recebeu esta manhã o governador civil de Aveiro, sr. dr. Manuel Lousada, com o qual apreciou assuntos que interessam á vida política e administrativa daquele distrito.

● Ministro das Obras Públicas

O sr. eng.' Arantes e Oliveira, ministro das Obras Publicas, seguiu hoje para as Pedras Salgadas, em cujas termas permanecerá algumas semanas, em gozo de férias.

● Ministro do Ultramar

O sr. comandante Peixoto Correia, titular da pasta do Ultramar, trabalhou hoje com o sr. prof. Veiga Simão, reitor dos Estudos Gerais Universitários de Moçambique, e recebeu a comissão organizadora do 5.º Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, que lhe dirigiu convite para assistir a uma das sessões do congresso, a efectuar brevemente em Coimbra.

● Ministro da Saúde

Foram hoje recebidos pelo sr. prof. Pedro Soares Martinez, ministro da Saude e Assistência, o governador civil de Lisboa, que lhe expôs vários problemas de interesse para o distrito, em matéria de assistência; o provedor da Misericórdia de Moncarapacho, que submeteu á sua apreciação problemas relacionados com as actividades da instituição; e o provedor da Misericórdia de Cascais, que o convidou a assistir, depois de amanhã, á inauguração da praça de touros daquela vila.

● Ministério das Corporações

Deslocaram-se a Lisboa os vários delegados do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência de todo o Continente, que ontem e hoje se avistaram com o sr. prof. Gonçalves de Proença, titular da pasta das Corporações, para apreciação de assuntos respeitantes á política social nas várias regiões em que exercem a sua actividade.

Voltou-se

um automóvel que fora roubado e cujos ocupantes ficaram feridos

Esta madrugada, seguiam num automóvel que havia sido roubado para os lados da Outra Banda, Artur Santos Lopes, de 18 anos, serralheiro, residente em Feijó, Almada; Natália da Conceição, de 24 anos, empregada num recinto de diversões e residente na Calçada do Livramento, 15, porta 29, e outro indivíduo, cujo nome ainda se ignora. O veículo, dada a velocidade que levava, despistou-se na Avenida do México, voltando-se. Todos os ocupantes, embora feridos, conseguiram sair do carro e puseram-se em fuga.

Horas depois, a Natália da Conceição e o Artur Santos Lopes apareceram no Hospital de Santa Maria, a receber tratamento dos ferimentos recebidos. Depois de tratados, ficaram detidos pela Polícia, que ali os esperava. Falta agora capturar o outro cumplice no roubo do veículo.

Um morto e um ferido

em dois desastres de viação

LOULÉ, 13 — Pouco depois da meia-noite de ontem, o sr. João de Sousa Pedro, de 46 anos, trabalhador rural, morador no sítio da Silveira, freguesia de Santa Bárbara de Muge, no concelho de Faro, ia pela estrada, levando a sua bicicleta á mão. Junto dele um amigo, o sr. António Joaquim Alves.

Passou, entretanto, uma bicicleta motorizada que colheu o sr. Sousa Pedro e o matou imediatamente. A vítima fora colhida de trás para a frente, caindo de borco.

O causador do desastre não parou nem se apresentou, mas a P. V. T. posta em campo prendeu António Rodrigues Inácio, morador no sítio do Medronhal que acabou por confessar ser o causador do desastre, recolhendo á esquadra.

Outro desastre verificou-se no sítio da Fonte de Boliqueime, pelas 10 e 45 minutos. Um automóvel, ao ultrapassar um ciclista, foi colidir com ele e derrubou-o. A vítima, sr. Arménio da Conceição Neves, ficou internada no hospital desta vila, com uma perna fracturada. A P. V. T. tomou conta da ocorrência.

MILITAR MORTO

na província da Guiné

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreu na província da Guiné, por acidente com arma de fogo, o soldado n.º 312/63, António Rodrigues Teixeira Jesus.

5.184 CONTOS EM PRÉMIOS!

É quanto distribuem, em todas as sextas-feiras, as novas

LOTARIAS POPULARES

O ACORDO DE MOSCOVO—8

As negociações para um acordo suspendendo as experiências nucleares, sobre a base da identidade de interesses dos Estados Unidos e da União Soviética — empenhados em evitar a proliferação das armas atómicas — começaram em Janeiro de 1958 e prosseguiram, com sorte vária, durante cinco anos e meio até á sua conclusão em 25 de Julho. A iniciativa foi dos americanos os quais esbarraram na relutancia soviética. Os delegados russos apenas aceitaram um numero muito limitado de inspecções locais depois de as terem rejeitado como atentatórias da sua segurança. Simultaneamente do lado americano os adversários de qualquer entendimento com a União Soviética impediam-no com o argumento de que não há detecção possível das experiências subterraneas. Duas vezes os representantes dos Estados Unidos apresentaram, como base de discussão, planos pormenorizados, o primeiro em 13 de Abril de 1959, sendo presidente o general Eisenhower, o segundo em 27 de Agosto do ano passado, com o presidente Kennedy.

O primeiro era mais limitado do que o segundo e previa apenas a cessação das experiências na atmosfera. As conversações prolongaram-se em Genebra até Outubro, delas resultando a aceitação recíproca de uma moratória acatada durante trinte e três meses. Essa moratória foi o prólogo de mais aprofundadas negociações para o Acordo formal nas quais os peritos dos dois países mostraram o desejo de levar a bom termo a sua missão. Sucederam-se as propostas e contra-propostas destinadas a aperfeiçoar os sistemas de inspecção apresentados de um e outro lado. Essa tarefa ocupou-os até final de 1960. Foi então que se registou o episódio do «U-2» seguido do malogro da conferência de alto nível que devia ter lugar em Paris. As relações russo-americanas entraram numa fase crítica.

Os russos, para mostrar a sua falta de confiança nos interlocutores, opuseram ás suas propostas obstáculos e restrições cujo propósito era pôr termo ás negociações lançando sobre eles a responsabilidade do malogro. O segundo mandato do general Eisenhower estava a expirar e com a eleição do seu sucessor (Novembro de 1960) a atitude soviética explicava-se pelo desejo de colocar mal o presidente cessante o que não era difícil, tendo em conta as hesitações de que deu provas no caso do «U-2», intencionalmente manipulado pelos Serviços Secretos dirigidos por Allen Dulles. A morte de seu irmão, o secretário de Estado, não eliminara a influência dos adversários da política de entendimento com a União Soviética.

Com a entrada do novo presidente na Casa Branca, em Março de 1961, as negociações recomeçaram estando em vigor a moratória revogada em Genebra. Os delegados soviéticos mostraram-se de uma intransigência total a qual deixava prever um malogro a curto prazo e o recomeço das experiências o que se deu em 1 de Setembro daquele ano. Estas abrangeram prolongadas séries que mostravam uma demorada preparação técnica e descobriam as intenções reservadas das duas partes. Quando a segunda série de experiências soviéticas estava a terminar, em Agosto de 1962, os americanos apresentaram o plano cujas linhas gerais são as do Acordo agora concluído.

O plano americano, mais limitado do que esse Acordo, foi rejeitado pelos russos que insistiram em limitar a três o numero dos postos de inspecção. Em Outubro a crise cubana mostrou o perigo de deixar as conversações em ponto morto, perante as reivindicações da China e da França para entrarem no clube atómico, e o risco de o segundo desses países introduzir nele a Alemanha, pela via de um tratado bilateral. A ameaça removeu as objecções soviéticas e sobre a base do plano de Agosto passado se concluiram as negociações.

C. F.

A 26ª Volta a Portugal em Bicicleta

O sportinguista João Roque mantém a camisola amarela

(Continuação da 1.ª página)

dro Junior e Pedro Carvalho, do Sporting.

Na ponte do rio Odeceixe, esses dois sportinguistas e dois benfiquistas já haviam conquistado um minuto de avanço sobre o pelotão. Deste, em dado momento, também se escapuliu o portuense Mário Sá, que, isolado, passou a marchar entre o grosso da coluna e os quatro homens da vanguarda. Estes, revezando-se da melhor maneira no comando, já tinham aumentado o avanço para 3 minutos quando passaram por Odemira, ás 12 e 56.

E de novo o pelotão reagiu com autoridade, socorrendo-se de andamento veloz. Parecia desejoso de alcançar o mais depressa possível os fugitivos. E Mário Sá acabou por ser por ele absorvido.

A prova ganhou nesta altura um interesse extraordinário. Haviam-se percorrido já 151 quilómetros e faltavam apenas 59 para se atingir a meta, em Santiago de Cacém.

Os fugitivos aumentam o avanço

À saída de Odemira atrasou-se o tavirense José Martins.

No pelotão empreendiam-se por vezes «esticões» e até num deles colaborou o ex-camisola amarela, Jorge Corvo. Mas João Roque continuava atento a todos os movimentos do mais directo competidor...

A 44 quilómetros da meta, o sangalhense Henrique Castro, á custa de laboriosos esforços, também conquistou uma centena de metros sobre o pelotão, vendo, em dado momento, junto de si o benfiquista Perna Coelho e o portuense Joaquim de Freitas, que entretanto igualmente haviam conseguido despegar-se do pelotão, sobre o qual os quatro fugitivos tinham nesta altura a vantagem de 3 m e 20 s.

Soprava um forte vento contrário, que dificultava por vezes muito a marcha dos ciclistas.

Sete em Santiago de Cacém

A 28 quilómetros da meta, pedalavam os referidos quatro corredores, seguidos, a 2 minutos, por Henrique Castro, Perna Coelho e Joaquim Freitas.

Pouco depois, porém, quando faltavam apenas 5 quilómetros para o termo da tirada, registou-se a junção dos três corredores aos quatro da frente.

Estes sete homens prepararam-se, portanto, para o «sprint» final, sendo acolhidos entusiàsticamente pelo publico de Santiago de Cacém.

O benfiquista Alcino Rodrigo, desejoso de afirmar de novo faculdades nestas embalagens derradeiras, arrancou a cerca de 200 metros da meta. Mas a pouco e pouco o sportinguista Pedro Carvalho aproximou-se dele e conseguiu mesmo ultrapassá-lo quase sobre o risco final, por entre vibrantes aplausos.

Chegada emotiva. Pouco depois, chegava o pelotão, no qual seguiam os favoritos. A camisola amarela continuava em poder de outro sportinguista, João Roque.

Ordem de chegada

a Santiago de Cacém

Individual

		H.	M.	S.
1.º	J. P. Carvalho (Sp.)	5	31	54
2.º	Alcino Rodrigo (Bf.)	m.	t.	
3.º	Joaq. Freitas (F.C.P.)	»		
4.º	A. Ped. Junior (Sp.)	»		
5.º	António Acursio (Bf.)	»		
6.º	Perna Coelho (Bf.) ...	»		
7.º	Henr. Castro (Sang.)	»		
8.º	Orlando Silva (Acad.)	5	35	43
9.º	Fr. Marinho (Acad.)	m.	t.	
10.º	Aug. Fortes (Leix.)	»		
11.º	Art. Carreira (Sang.)	»		
12.º	Humb. Corvo (Tav.)	»		
13.º	João Roque (Spt.) ...	»		
14.º	Azev. Maia (F.C.P.)	»		
15.º	M. Miranda (F.C.P.)	»		
16.º	Carlos Simão (O. B.)	»		
17.º	José Vieira (Ovar) ...	»		
18.º	Jorge Corvo (Tav.) ...	»		
19.º	Peixoto Alves (Bf.)	»		
20.º	Alb. Carvalho (Acad.)	»		
21.º	Franc. Valada (Bf.)	»		
22.º	Laur. Mendes (Ov.)	»		
23.º	Octávio Trinta (Tav.)	»		
24.º	V. Tenazinha (Loul.)	»		
25.º	Joaq. Leão (F.C.P.)	»		
26.º	Sousa Santos (F.C.P.)	»		
27.º	Aug. Cardoso (Acad.)	»		
28.º	José Anastácio (Bf.)	»		
29.º	Ant. Baptista (Sang.)	»		
30.º	Manuel Castro (Sp.)	»		
31.º	Ant. Candido (Ovar.)	»		
32.º	Mário Sá (F.C.P.) ...	»		
33.º	Carlos Dias (Sang.)...	»		
34.º	Florêncio Silva (Bf.)	»		
35.º	Cust. Cristina (Bf.)	»		
36.º	Manuel Fontela (Ov.)	»		
37.º	V. Cristóvão (Sp.) ...	»		
38.º	Flor. Martins (Tav.)	»		
39.º	João Rosa (Sp.)	»		
40.º	Ant. Santos (Leix.)	»		
41.º	Manuel Costa (Ovar.)	»		
42.º	Henr. Silva (Sang.)	»		
43.º	Indal. de Jesus (Tav.)	»		
44.º	José Mariz (Sang.)	5	35	43
45.º	António Neto (Sang.)	»		
46.º	José S. Dias (Loul.)	»		
47.º	Cas. Cabrita (Loul.)	»		
48.º	Man. Machado (Tav.)	5	36	15
49.º	Fern. Jacinto (Tav.)	5	36	48
50.º	J. C. Martins (Tav.)	5	41	30

Chegou após o encerramento do «contrôle» o corredor Julio Rodrigues, do Leixões. Desistiram os corredores Ildefonso Bexiga (Loulé) e José S. Vieira (Acad.).

Equipas

		H.	M.	S.
1.º	Benfica	16	35	42
2.º	Sporting	16	39	31
3.º	F. C. Porto	16	43	20
4.º	Académico	16	47	09
5.º	Sangalhos	16	47	09
6.º	Tavira	16	47	09
7.º	Ovarense	16	47	09
8.º	Louletano	16	47	09

GERAL

Individual

1.º	João Roque	53	00	01
2.º	Jorge Corvo	53	00	26
3.º	Peixoto Alves	53	03	24
4.º	Azevedo Maia	53	09	38
5.º	Ant.º Pedro J.or	53	10	48
6.º	Humberto Corvo	53	16	00
7.º	Alberto Carvalho	53	16	58
8.º	Francisco Valada	53	17	02
9.º	J. P. Carvalho	53	17	49
10.º	Laurentino Mendes	53	19	22
11.º	Octávio Trinta	52	22	58
12.º	Vítor Tenazinha	53	23	00
13.º	António Acursio	53	24	58
14.º	Joaquim Leão	53	26	51
15.º	Sousa Santos	53	27	36
16.º	Alcino Rodrigo	53	27	39
17.º	Augusto Cardoso	53	27	43
18.º	Henrique Castro	53	27	56
19.º	José Anastácio	53	29	07
20.º	Augusto Fortes	53	29	27
21.º	José Vieira	53	29	51
22.º	Antonino Baptista	53	29	53
23.º	Manuel Castro	53	30	49
24.º	Indalécio Jesus	53	32	13
25.º	António Candido	53	33	28
26.º	Carlos Simão	53	33	35
27.º	Joaquim Freitas	53	33	43
28.º	Mário Miranda	53	38	23
29.º	Mário Sá	53	38	48
30.º	Carlos Dias	53	41	03
31.º	Florêncio da Silva	53	41	52
32.º	Artur Carreira	53	42	41
33.º	Perna Coelho	53	46	56
34.º	Casimiro Cabrita	53	46	58
35.º	Custódio Cristina	53	48	03
36.º	Fernando Jacinto	53	49	37
37.º	M. Fontela	53	53	04
38.º	José Mariz	53	54	11
39.º	Ventura Cristóvão	53	56	43
40.º	José Martins	53	56	54
41.º	Florival Martins	53	58	56
42.º	João Rosa	53	59	50
43.º	Orlando Silva	54	00	31
44.º	Manuel Marinho	54	01	30
45.º	Manuel Machado	54	03	16
46.º	José S. Dias	54	09	47
47.º	António dos Santos	54	12	23
48.º	Manuel Costa	54	13	06
49.º	António Neto	54	22	47
50.º	Henriques da Silva	54	26	32

Por equipas

		H.	M.	S.
1.º	Benfica	159	12	53
2.º	Sporting	159	22	35
3.º	Tavira	159	28	06
4.º	F. C. Porto	159	52	53
5.º	Ovarense	160	02	35
6.º	Sangalhos	160	25	16
7.º	Académico	160	32	32
8.º	Louletano	160	56	39

PEDRO DE CARVALHO
o primeiro corredor chegado a Santiago de Cacém

FALAM os homens do dia

PEDRO CARVALHO

SANTIAGO DE CACÉM, 13 — O vencedor da tirada disse-nos:

— Tive hoje uma boa oportunidade para melhorar a minha classificação, mas não forcei, para não prejudicar João Roque. A ordem recebida era a de não atacar — e eu não ataquei mesmo. Estou satisfeito por ter em Santiago de Cacém proporcionado mais uma vitória ao Sporting.

ALCINO RODRIGO

O benfiquista chorava depois de ter cortado a meta. Disse-nos:

— «Puxei» durante todo o percurso e por isso perdi as forças no momento decisivo da arrancada para a meta. «Sprintei» longe de mais. Estou desolado por não ter dado mais um triunfo ao Benfica.

TÁCTICA DE EQUIPAS
COM BRILHO E INTENÇÃO POR PARTE DO BENFICA

SANTIAGO DE CACÉM, 13. — A tirada entre Loulé e Santiago de Cacém, na distancia de 200 quilómetros caracterizou-se por duas fases distintas: até e depois do abastecimento. Na primeira, os corredores pedalaram agrupados, vigiando-se mutuamente os ases, e na segunda, a 90 quilómetros da meta, foi a vez do ataque persistente em que o Benfica assumiu papel relevante.

Premeditadamente, os «encarnados» lançaram o seu espectacular glope, aproveitando o facto de Alcino Rodrigo e António Acursio não receberem, de propósito, as suas bolsas com alimentos. Um raio de surpresa caiu sobre a estrada em virtude da iniciativa espelhar uma significativa intenção. Os factos posteriores reforçaram a ideia apercebida nesse momento, devido á pertinácia dos benfiquistas. No entanto, a reacção do lado sportinguista e a táctica aconselhada pelas circunstancias, visando a defesa da posição de João Roque, determinaram numa marcação natural aos adversários. E, assim, António Pedro Junior (no 5.º lugar da classificação geral) e José Pedro Carvalho (10.º), seguiram na roda dos benfiquistas dispostos a não colaborarem. Mais tarde, porém, reajustados certos raciocínios por parte dos técnicos, os dois sportinguistas decidiram entrar no revezamento, mas sem forçar a nota.

● João Roque não sofreu uma beliscadura, enquanto o Tavira foi afectado nos seus interesses pelo Sporting

Corporizada a fuga, deduziu-se fácilmente que o plano estratégico do Benfica tinha por finalidade principal reforçar a sua posição de «leader» da classificação geral por equipas, e, como ideia acessória, procurar a vitória na tirada — que é sempre uma honra que todos prezam.

Não há duvida de que a formação que Alves Barbosa orienta fora da corrida resultou quanto ao primeiro aspecto e só não teve êxito no segundo, devido a ter falhado o «sprint» de Alcino Rodrigo, iniciado a 200 metros da meta.

A atitude do pelotão, que chegou a Santiago de Cacém com o atraso de 3 m 29 s em relação aos fugitivos, é compreensível. João Roque confiou nos seus dois colegas Pedro Junior e Pedro Carvalho e limitou-se a observar aqueles que o podiam perturbar mais sèriamente, isto é, Jorge Corvo e Peixoto Alves.

Uma das consequências destes 200 quilómetros percorridos nas proximidades do mar, consistiu nisto: o Benfica atacou e o Sporting tirou algum proveito, lesando os interesses do Tavira, o qual, desta vez, não se comportou conforme as circunstancais impunham. Desencadeada a «táctica das equipas», os algarvios hesitaram longamente e depois conformaram-se com a sua sorte.

Interessará ainda realcar o facto de a média ter sido superior em 155 metros á estipulada e que, pela segunda vez consecutiva, o Sporting averbou um triunfo individual.

Resumindo: João Roque continua no seu pedestal, não querendo significar isso que não venham a surgir dificuldades, estigmatizadas de imprevisto, tal como hoje aconteceu em relação ao jogo das equipas.

FERNANDO SOROMENHO

MÉDIAS HORÁRIAS

Etapas	*Prevista*	*Realizada*
1.ª	(a)	45,188
2.ª	36.000	38,996
3.ª	37,000	37,375
4.ª	(a)	41,958
5.ª	37.000	42.399
6.ª	(a)	45.505
7.ª	39.000	44.934
8.ª	37.000	40.021
9.ª	(a)	37.344
10.ª	37.000	38,003
11.ª	35.000	33,340
12.ª	36.000	37.193
13.ª	36.000	31,360
14.ª	37.000	36,776
15.ª	(a)	44,800
16.ª	(a)	44 800
17.ª	36.000	36,155

(a) — *Disputadas contra-relógio.*

A «CHAVE» DO TOTOBOLA

Para que os nossos leitores possam rápidamente verificar o acerto ou erro dos seus prognósticos enviados ao Totobola, publicamos a seguir, a «chave» referente ás apostas do 3.º concurso.

Agrupamento das equipas	Etapas	Classif.	1	X	2
11 AGOSTO (Pista de Tavira)	15.ª ETAPA	1.º	1		
		2.º			2
		3.º		X	
12 AGOSTO (Tavira-Loulé)	16.ª ETAPA	1.º		X	
		2.º			2
		3.º	1		
13 AGOSTO (Loulé-S. Cacém)	17.ª ETAPA	1.º	1		
		2.º		X	
		3.º			2

Colas CASANOVA

COMUNICADO

Tendo cessado o anterior regime de distribuição no Centro e Sul do País, comunicamos á prezada clientela das nossas colas industriais «CASANOVA» (nossa marca registada) que

todos os futuros pedidos nos deverão ser dirigidos directamente

Além de pronta e cuidada execução das encomendas, asseguramos ao comércio revendedor:

— condições mais vantajosas
— a garantia de qualidade sempre igual das nossas colas
— a assistência técnica directa da nossa fábrica

Toda a embalagem de colas «CASANOVA» sai da fábrica em estado inviolável, com o selo de garantia

SIMET

sem o qual deve ser rejeitada no próprio interesse do cliente.

Os agentes-depositários na provincia e revendedores deverão comunicar-nos com urgência se pretendem continuar connosco a colaboração até agora prestada aos distribuidores cessantes, a cujos contratos não nos consideramos evidentemente ligados.

Também tomaremos em consideração novos pedidos de agência ou revenda de firmas idóneas.

Solicitamos

CONSULTAS
PEDIDOS DE VISITA
E ENCOMENDAS

pelos telefones **5 88 82** e **5 08 71**

ou por escrito

SIMET, Sociedade de Intercâmbio Mercantil e Equipamento Técnico, Lda.

Rua de Santa Bárbara, 81-1.º-A, LISBOA 1; Telegramas SIMETEL

VIGORMALTE
O CAMISOLA AMARELA DOS RECONSTITUINTES
★
VIGORMALTE ANDA NA VOLTA

A 26ª Volta a Portugal em Bicicleta

O «ROQUES...»

Loulé, 12 de Agosto de 1963...

A «Volta-63» subiu ao cume da emoção nesta pacata terra algarvia, quando milhares de pessoas, umas com os olhos postos no risco da meta e outras, distantes, mas com o pensamento também lá, seguiram o inesquecível contra-relógio individual em que dois especialistas (Roque e Corvo) e um adaptado por força das circunstancias (Peixoto) travaram um despique, de elevado índice desportivo, que deixou pela estrada fora uma atmosfera impregnada de perfume.

A força sobrepôs-se á técnica e á «genica». Mas uma força descomunal, de vínculo invulgar, que exige quanto antes a delapidação conveniente de forma a preparar-se o binómio «homem-atleta» para o futuro.

João Roque (é a ele que nos referimos) possui extraordinárias condiçõec físicas naturais para vir a ser um corredor de grande projecção desde que se observem determinados aspectos fundamentais para a fase progressiva que as suas qualidades inatas justificam presentemente.

De rúdeza simpática, a revelar o poder telurico da natureza rural, o rapaz de Casalinhos de Alfaiates (Silveira, Torres Vedras), com 23 anos feitos, assemelha-se ao diamante em bruto que os técnicos avaliam sem possuir ainda o brilho plurifacetaao que os joalheiros necessitam para a confecção de peças de requintada imaginação artística.

O «duelo» travado com o tavirense (em grande forma) e com o benfiquista (que impressionou pela sinceridade do esforço, ultrapassando porventura o limite das suas possibilidades) entrou pela porta principal da história do ciclismo português e, justamente, sentou-se no cadeirão majestoso que honra quem nele toma lugar.

Predisposto, por mera intuição, a preocupar-se consigo, apenas, pelo que alijou os complexos inibitórios que são inerentes ao vedetismo, o fogoso sportinguista limitou-se a «expelir» os efeitos do seu espantoso organismo. Com furia selvática. O exemplo de Monção, que lhe prendeu os movimentos na fase inicial, talvez devido á chusma de conselhos tão bem intencionados como complicativos, não o repetiu o impressionante Roque. A boca aberta (o problema da respiração neste rapaz parece requerer um minucioso exame que indicará, decerto, uma solução fácil) e «o amor á bicicleta», mesmo com maus tratos, bastaram para a conquista de uma vitória memorável.

Indomável e violento no seu esforço, com a determinação estampada numa vigorosa máscara de sugestivo simbolismo desportivo e de notável efeito plástico, o João Henrique Roque dos Santos (o «Roques» que granjeou fama entre franceses, espanhóis, belgas, italianos e alemães por ser, precisamente, um «intuitivo» do contra-relógio, a prova aferidora da qualidade) deu um passo gigantesco para ensopar por dois dias mais a camisola amarela que arrebatou, sensacionalmente, ao soberbo Jorge Corvo. A magra vantagem, na casa dos segundos, não representa a certeza do triunfo final, mas conforme foi difícil ao algarvio aumentar os dois segundos (e depois os seis, após o circuito da pista de Tavira) deduz-se que também será custoso, agora, desperdiçar os 25 segundos que guindaram o «leão» ao privilégio de ser o melhor.

Mas a «Volta» tem as suas voltas. Caprichos e surpresas. Ou não fosse ela feminina...

Seja como for, á partida de Loulé a locomotiva de Roque não deixará de fumegar e... apitar.

Aspectos da «galopada»

para a conquista da camisola amarela num contra-relógio de marca inconfundível

Entre Tavira e Loulé, teve a «Volta-63» o seu período mais apaixonante até agora. Os ultimos minutos da prova, aqueles em que os favoritos «voavam» para a meta, criaram uma atmosfera de tensão como raras vezes temos observado. A multidão, aglomerada junto ao risco, espreitava a estrada, presa da maior ansiedade.

A certa altura, faltavam apenas os quatro primeiros: Azevedo Maia, Peixoto Alves, João Roque e Jorge Corvo. O povo viu o portista embalar para a meta e percebeu imediatamente, que aquele era o melhor tempo efectuado até á altura. Mas a situação não durou. Peixoto Alves já lá vinha, quase em cima de Azevedo Maia. A multidão lançou as primeiras exclamações de espanto. O tempo do benfiquista era o melhor. Simplesmente, segundos depois, o barulho tornou-se mais insistente: João Roque estava ali, a poucos metros de Peixoto. Corrida sensacional do

O tavirense Jorge Corvo, em plena acção no contra-relógio de Loulé, quando exibia ainda a camisola amarela

sportinguista. E a assistência agitou-se numa grande ovação quando ele cortou o risco da chegada.

A tensão voltou... Jorge Corvo ainda não aparecera na longa recta que dava acesso a Loulé. Os tempos foram dados pelo alto-falante. Roque tinha um tempo assombroso, na casa da 1 h e 23 minutos, enquanto Peixoto, que era o segundo, estava na casa dos 26 minutos!

Finalmente, Corvo apareceu para conseguir o segundo lugar na tirada, a cerca de meio minuto de Roque. Concluira-se a etapa mais emocionante da «Volta», com uma luta memorável travada entre o sportinguista e o algarvio.

Coração de ferro

Logo que Roque cortou o fio de chegada e se verificou que Corvo ainda estava um pouco longe, começou a acentuar-se a ideia de que seria o sportinguista no novo «camisola amarela». Daí, o facto de os jornalistas, tentando furar entre o povo, se acercarem de Roque. O corredor não dava, por incrível que pareça, a sensação de estar «estoirado». Sereno, movimentando-se sem esforço, muito suado, Roque limpava-se com uma toalha, enquanto respondia a uma ou outra pergunta.

— Como está ele? — quis saber um jornalista, que se encontrava um pouco afastado.

— Está fino — respondeu outro. — Menos cansado do que eu.

A imagem, um pouco forçada, define o «coração de ferro» de João Roque.

O director da corrida acompanhou a prova de Roque

Embora João Roque fosse o segundo classificado da geral», á partida de Tavira, não deixa de ser curioso acentuar que o director da corrida, Eduardo Guerreiro, acompanhou a prova do sportinguista, fiscalizando-a.

A presença de Guerreiro junto de Roque significava, pelo menos, que em relação aos organizadores, a sua prova merecia uma atenção especial, possivelmente porque, de um modo geral, lhe era atribuído o favoritismo que ele demonstrou saber merecer.

Duas vitórias: 1.º na etapa e 1.º, na «geral»

A luta pela «camisola amarela» nem sempre tem que ver com o triunfo nas etapas. Quantas vezes um corredor chega ao primeiro lugar da «geral» sem ser o melhor na tirada! Simplesmente, com João Roque, verificou-se exactamente o facto de conseguir os dois êxitos, simultaneamente. Fez o melhor contra-relógio e ganhou o tempo suficiente a Jorge Corvo («camisola amarela» e 2.º classificado na tirada) para subir ao 1.º lugar.

Uma corrida de campeão, «grudado» á máquina, numa marcha implacável, poderosíssima. Um espectáculo, do primeiro ao ultimo minuto, por entre alas de povo, de olhos esbugalhados, que não sabia poder-se andar de bicicleta daquela maneira.

DINIS MACHADO

O povo algarvio de relógio na mão...

Nunca vimos nada de semelhante com o que se passou no contra-relógio Tavira-Loulé. Ao longo dos 60 quilómetros, centenas de pessoas com relógios na mão, assinalavam o tempo de passagem dos favoritos. Os corredores souberam sempre a distancia a que seguiam uns dos outros, embora com ligeiras alterações, porque ás vezes o ponteiro pára ou avança de acordo com as inclinações clubistas ou regionais...

Assim, as informações invadiam a estrada: «Força, Peixoto, ganhaste um minuto ao Azevedo Maia!»; «Embora, Roque, o Peixoto passou aqui há minuto e meio!»; «Corre, Corvo, estás á mesma distancia do Roque!».

Relógios na mão, contando àvidamente os segundos, espreitando para a estrada, o povo deixou-se conquistar por esta corrida. Nunca vimos tanta gente preocupada com o tempo numa corrida de bicicletas. Era a ansia natural de saber pormenores de uma luta gigantesca, á medida que ela decorria. Cronometristas do coração, os adeptos fizeram uma algazarra infernal, fornecendo á prova um ambiente de extraordinário entusiasmo, mesmo de frenesi.

No momento nevrálgico (luta Roque-Corvo) chegou a haver grandes discussões por causa de dois e três segundos. Toda a gente queria ter razão, como é natural.

Ao fim e ao cabo, souberam-se os tempos reais pelos trâmites próprios. Mas o povo tinha uma pressa enorme, «louca», de saber, «cientificamente», como corria a etapa...

«O quê? O Roque já vem aí?!»

Uma corrida contra-relógio oferece sempre pormenores curiosos. Na luta dos ciclistas contra o tempo, passam-se factos por vezes dramáticos, por vezes pitorescos.

A luta entre João Roque, Jorge Corvo e Peixoto Alves foi polvilhada de grande tensão. O benfiquista corria á frente do «leão» com desejos — naturalmente — de não ser apanhado. E não foi, Mas o carro de apoio do Benfica, que acompanhava Peixoto, é que não terá pensado na possível grande corrida de Roque. Por isso, quando o benfiquista estava a chegar á meta e começou um alarido um pouco estranho, a gente do carro de apoio dos «encarnados» voltou-se para trás com ar surpreendido. Foi quando alguém disse:

— O Roque já vem aí!

Os rostos mostravam verdadeira estupefacção. José Vidal, o actual orientador da equipa «encarnada», até parecia perguntar com os olhos:

— O quê? O Roque já vem aí?!

Era, realmente, extraordinário, até porque Peixoto Alves tinha feito uma boa corrida.

HOJE, À NOITE

FESTIVAIS — Em Cascais: hóquei em patins, entre o Cascais e o campeão da Alemanha, ás 21 e 30; handebol de sete, entre o Cascais e o Sporting C. P., ás 22 e 30 horas.

PUGILISMO — Sessão internacional, no Pavilhão dos Desportos, ás 21 e 45.

«Chora, Tavira, chora que Loulé fica a cantar...»

«É o 21. É o Tenazinha. Um algarvio. De Loulé...»

Esta era, invariàvelmente, a série de exclamações e comentários que sublinhavam a «fuga» vitoriosa do brioso louletano a caminho da meta instalada em Tavira.

A estrada incendiava-se de entusiasmo, legítimo na circunstancia, e o Algarve estremecia de gozo. Com a volupia quente da sua natureza...

O automóvel seguia, rápido, quando, num ápice, os seus ocupantes experimentaram a angustia de um movimento brusco, na mudança da direcção.

O coração comprimiu-se diante do sobressalto, mas o sentido do repórter alvoroçou-se quando pressentiu a nota pitoresca, de expressivo conteudo humano.

Era um velho (que a designação não é ofensiva...) que saltava sobre o asfalto. Saltava, agitando os braços onde os ossos pareciam romper a pele tostada pelo sol.

A nervosa agitação simiesca espelhava, tão-sómente, a incontida alegria do louletano que rejubilava, desvairadamente, com a proeza do seu conterraneo. E do tunel que se vislumbrava na dentadura, privada de alguns dentes, a voz estridente gritava, alto e bom som, para que toda a gente, ali de Cabanas, ouvisse:

— Aí, valente louletano. Vais ganhar nas barbas dos tavirenses. P'rá frente, herói...

E o febricitante velhote, de cabelos brancos e esquálida figura, sempre a saltar e a atirar os braços desajeitadamente para o ar, não se cansava de gritar: «Chora, Tavira, chora que Loulé fica a cantar...»

A rivalidade regionalista tinha ali um ardoroso defensor. O ridículo também é uma palavra que existe no dicionário. — S.

Estações

● **As meninas de S. Brás de Alportel foram a excepção nos aplausos dirigidos aos ciclistas algarvios. Uma, procuradora das restantes, deu a explicação esperada: «Somos algarvias, mas o meu grupo gosta mais dos lisboetas». E virando-se para a estrada, onde um gigantesco letreiro saudava o F. C. Porto, observou: «Palavra, que ainda hei-de saber quem foi o autor daquela «porcaria»... Que geniozinho, meu Deus...»**

● O vencedor da tirada Loulé-Santiago de Cacém teve um prémio de 1 000$00, atribuído pelo desportista sr. Damasceno Covão. Uma boa pintura...

● **Antonino Baptista realizou grande parte do seu contra-relógio á frente de uma furgoneta que...** transmitia musica. Inédito... Felizmente, não se ouviu o «twist»...

● Numa rua de Faro, ouvimos a uma mulherzinha: «Não há direito, fazerem uma coisa destas ao Jorginho. Pela certa, houve patifaria».

● **A equipa do Sporting e o João Roque receberam uma montanha de telegramas e telefonemas. Por causa disso, o serviço telefónico para Lisboa atingiu atrasos de respeito, delicados num período em que o turismo é a palavra de ordem no Algarve. O desporto e o clubismo...**

● Sabe o leitor qual foi a reacção do Jorge Corvo ao ser informado que fora derrotado? Disse, apenas: «Paciência». Os grande homens são grandes na sua simplicidade...

O benfiquista Peixoto Alves esforçando-se por chegar a Loulé em boa posição

PEQUENO MAGAZINE

PEQUENO MAGAZINE — DIBOA especial * especial * es

UM «STRADIVARIUS» TRANSFORMADO EM SALVA-VIDAS

★ **Um violoncelo «Stradivarius», avaliado em 2 mil contos foi entregue pela Polícia de Buenos Aires ao seu proprietário, Adolfo Baldovinos, membro do trio de Trieste, que viajava no «Ciudad de Asunción» quando este navio naufragou no rio da Prata. Outro náufrago usara o violoncelo como salva-vidas.**

AS «MEMÓRIAS» DE IKE

★ **Eisenhower recusou-se a mostrar ao presidente Kennedy os originais dos dois últimos volumes das suas «Memórias», que devem ser publicadas brevemente nos Estados Unidos e na Europa. Ao que parece, Kennedy mostra-se apreensivo pelos comentários de Eisenhower aos casos do Suez, Argélia, Cuba, Argentina e Brasil.**

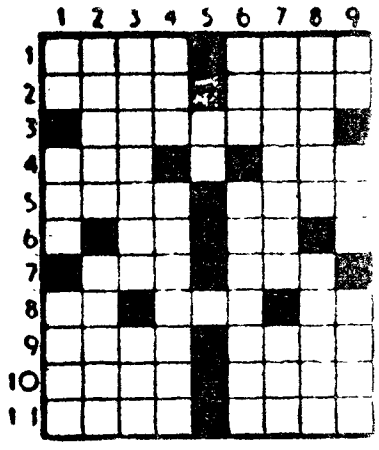
O HOMEM E A LUA

★ **Cientistas americanos declararam num Congresso: «Dentro de 100 anos, haverá mais de cem mil homens morando na Lua».**

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 3117



HORIZONTAIS: 1 — Causem dor. Agarra. 2 — Vagueia. Desterrado. 3 — Encostai. 4 — Fecha as asas para descer mais depressa. Pronome. Abreviatura de Correios, Telegrafos e Telefones. 5 — Catafalco. Remar para trás. 6 — Lingua antigamente falada entre o Loire e os Pireneus. Preposição latina que designa movimento. 7 — Pronome relativo. For (inv.ª). 8 — Símbolo químico do ouro. Contêm. Artigo definido. 9 — Invulgar. Entontece. 10 — Mais mau. Bocado. 11 — Parte do Mundo a que pertence o Laos. Pegadeiras.

VERTICAIS: 1 — Preposição. Acontecer. Levanta ancora. 2 — Rezais. Pronome relativo (pl.). 3 — Devastou. Ratei. 4 — Grande quantidade. Azedara. 5 — Satélite de Jupiter. 6 — Possui. Apelido. 7 — Acido resultante da combinação de um corpo simples com o exigénio e a água. Frequentavas. 8 — Em grande quantidade (fem.). Poder. 9 — O mais. Prefixo que designa três. Saudáveis.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

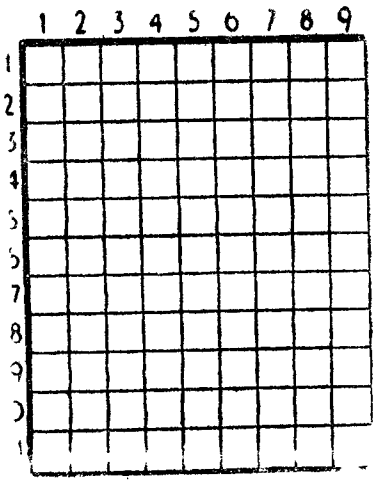
Solução do problema n.º 3116

HORIZONTAIS: 1—Rama. Apar. 2 — Unir. Aire. 3 — Decorou. 4 — Sam. Rãs. 5 — Ar. Cor. Se. 6 — Da. Al. 7 — Ter. Mar. 8 — Er. Rei. AC. 9 — Gema. Rosa. 10 — Amar. Elas. 11 — Sala. Sara.

VERTICAIS: 1 — Ru. Sai. Egas. 2 — ANDAR. Trema. 3 — Miem. DE. MAL. — 4 — Arc. Carrara. 5 — Oro. 6 — Aar. Ramirès. 7 — PIOR. Lá. OLá. 8 — Aruãs. Rasar. 9 — Ré. Seu. Casa. (Provérbio: ANDAR DE MAL A PIOR).

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 6062



HORIZONTAIS: 1 — Rosto. Um dos sete pecados mortais. 2 — Cantão da Suíça. 3 — Encarai. 4 — Preposição. Ilha inglesa no mar da Irlanda. Nota musical. 5 — Derreadas. 6 — Nome de homem. Rio de Portugal. 7 — Artigo definido. Nome dum astro. Nesse lugar. 8 — Rio de Itália. Símbolo químico do érbio. 9 — Progenitor. Lês. 10 — Atraiçoaram. 11 — Pedra de altar. Camareira.

VERTICAIS: 1 — Quadros pretos. Nota musical. 2 — O mais. Pronome pessoal (pl.). Igual. 3 — Álcool de melaço. Nota musical. Parte do bonê. 4 — Em lugar superior a. Estais. 5 — Sábio holandês autor de «Elogio de loucura». Pronome pessoal. 6 — Dá forma de grão. Transporta. 7 — Liguei. Oferece. Raera. 8 — Pêlo de certos animais. Limpa com água. Vaj para fora. 9 — Emparelhais. Ruim.

Solução do problema n.º 6061

HORIZONTAIS: 1 — Cama. As. 2 — Ás. Russia. 3 — Rio. Sãs. 4 — Copa. Pã. 5 — Age. Ver. 6 — Clarear. 7 — Dia. Ais. 8 — Rã. Soca. 9 — Doa. Sôr. 10 — Girafa. Ri. 11 — Ar. Saia.

VERTICAIS: 1 — Zarco. Draga. 2 — Sio. Cia. Ir. 3 — Opala. Dr. 4 — Ar. Agá. Boas. 5 — Mus. Era. Afã. 6 — Asas. Eis. Aí. 7 — SS. Vasos. 8 — Ai. Per. Cor. 9 — Safar. Caria.

REDES DE PESCA SEM NÓS

A Noruega emprega, já há algum tempo, redes sem nós na sua faina pesqueira. O uso destas redes aumentou de 17 toneladas em 1960 para 200 toneladas em 1962. Os produtores montaram 19 máquinas para o fabrico e, actualmente, o país importa somente 3 % destes produtos. O fio é de poliamida altamente resistente. A maior parte das redes é de malha apertada, e o seu custo é 25 a 30 % mais baixo em relação ás normais.

OS AMERICANOS E OS ANÚNCIOS

Acaba de ser votada no Estado de Nova York uma lei proibindo a publicação, nos jornais de anuncios que solicitem «secretárias jovens e bonitas».

com

DURO PLASTIC

RESOLVA POR SI PRÓPRIO TODOS OS SEUS PROBLEMAS DE REPARAÇÃO

ALUMINIO PLÁSTICO

PEÇA LITERATURA DETALHADA NO REVENDEDOR LOCAL OU NO

REPRESENTANTE EXCLUSIVO:

AUTO-LUSITANIA

AV. DA LIBERDADE, 73-79

LISBOA

BANCOS DE SANGUE PARA CÃES

Os E. U. A. e a Inglaterra são talvez os países que maior protecção oferecem aos animais domésticos. Na América existem bancos de sangue, para cães. A experiência adquirida nas clínicas veterinárias daquele país que têm bancos de sangue, revela que os cachorros toleram a transfusão sanguínea de qualquer doador...

— O sr. pergunta por que nos vestimos para jantar! Já alguma vez lhe caiu molho do bife quente pelo peito abaixo?

A MAIS MODERNA FÁBRICA ALEMÃ

KING

O REI DOS FRIGORÍFICOS

E. T. ROBERTO CUDELL, LDA.

PORTO LISBOA

À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

PROCURAM-SE AGENTES (PARA VÁRIAS ÁREAS)

BRINDE SENSACIONAL

FATO COMPLETO 550$00

SÓ TIRAR MEDIDAS E NÃO PROVA — SISTEMA AMERICANO

e damos como **BRINDE**

1 CORTE PARA CALÇA do mesmo tecido

NÃO ENRUGA ● CORES SÓLIDAS ● ESMERADA CONFECÇÃO

CASA SÉRGIO DOS SANTOS

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 98-B

FACILITA-SE O PAGAMENTO

POLICLINICA DA RUA DO OURO Entrada: Rua do Carmo, 98-2.º — Telef. 32 65 19

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina coração e pulmões — As 18 horas
Dr. António Ferrão — Doenças dos olhos — As 14 horas
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, Ossos e Articulações — As 18 horas
Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — As 16 horas
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das Senhoras e operações — As 15 horas
Dr. Romão Lotti — Doenças nervosas, electroterapia — As 14 horas
Dr. A. de Barros Simão — Garganta nariz e ouvidos — As 16 horas
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas
Dr. Carlos Ribeiro—Cardiologia e Electrocardiografia—As 5.ªs feiras, às 16 h.

MARLO

O HOMEM DO ESPAÇO

Por PHIL EVANS e TOM COOKE

sob a orientação científica do dr. J. M. LEVITT

571

UMA MULHER PARA QUATRO MARIDOS

por PHILIP KETCHUM

FOLHETIM SEMANAL DO

Diario de Lisbôa

RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR — O capitão da polícia Bill Ramsey vê-se perante um misterioso caso. Dois homens, Holt e Nugent, e uma rapariga, Emily Chapman, são trazidos á sua presença. Cada um dos homens afirma ter-se casado com a rapariga e esta nega ser casada. Emily leva Ramsey ao seu apartamento, pois vive ali com uma amiga, Ruth, que poderá atestar as suas afirmações. Ao entrarem, deparam com Harry Bromwell e este declara ser o marido de Emily!

CAPÍTULO II

Bill Ramsey entrou na sala. Tirou um cigarro e acendeu-o. Emily Chapman parecia pregada ao chão. Lívida, o olhar lançava chispas de cólera. E ofegava.

— Então, Emily? — perguntou Ramsey.

A jovem pareceu não o ter ouvido.

— Sr Bromwell — disse secamente — se está a dizer isso por pilhéria, declaro-lhe que a acho de muito mau gosto. Não sou sua mulher. Sou solteira e o senhor sabe-o muito bem.

Bromwell sorriu.

— Não te censuro, querida, por te ver tão sentida, e acredita que lamento o que se passou. Posso explicar-te tudo e foi justamente para isso que aqui vim...

A rapariga deu meia volta e abriu a porta.

— Rua! Saia imediatamente, Harry Bromwell!

Ramsey avançou em passos rápidos, fechou a porta, encostou-se a ela e abanou a cabeça.

— Não assim tão depressa, Emily. No fim de contas, quantos maridos tem você?

— O meu nome é «miss» Chapman.

— Desculpe, mas de certeza só sei que se chama Emily, e como tal tenho que a tratar.

O sorriso de Bromwell extinguira-se outra vez.

— Não compreendo o que se passa — disse com voz colérica para Ramsey. — Que quis o senhor dizer com essa piada?

Ramsey encolheu os ombros.

— Sua mulher tem muitos maridos, Bromwell. Ainda não há um quarto de hora, deixei eu, dois.

— Isso é mentira!

— Pergunte a Emily.

Bromwell aproximou-se da rapariga.

— Não acredito no que ele diz, Emily Vamos embora. — Segurou a jovem pelo braço e virou-se para a porta. Mas Ramsey continuava encostado á porta e não parecia disposto a dar passagem ao casal. Num repelão, Emily libertara-se da mão de Harry Bromwell.

— Isto já foi longe de mais! Deixe-me em paz, Harry Bromwell.

— Preciso de falar contigo — insistiu o homem Depois, olhou para o detective: — Afaste-se dessa porta!

Com o dedo, Ramsey fez cair a cinza do cigarro.

— Quando foi o casamento Bromwell?

— Há menos de um mês! Esta mulher é casada comigo e eu vou levá-la para casa Afaste-se dessa porta!

Ramsey empertigou-se. A mão de Bromwell surgira, empunhando uma pistola apontada ao detective e e este notou que o dedo no gatilho estava branco.

— Escute uma coisa, Bromwell — disse Ramsey. — Eu sou da Polícia e...

— Não quero saber quem você é! Atravesse a sala, abra a porta daquele roupeiro e meta-se lá dentro.

Ramsey compreendeu que o outro não brincava. Fora idiota em ter permitido que Bromwell puxasse da arma, mas se não queria apanhar um tiro na barriga, não tinha outro remédio senão acatar ordens.

— Procede mal, Bromwell. Esta mulher está sob prisão. Se...

— Se a quer prender, apresente-se com uma ordem de captura — respondeu Bromwell. — E agora, trate de se meter naquele roupeiro

Ramsey atravessou a sala e obedeceu. Julgou ter visto Emily a abrir a porta do apartamento no momento em que Bromwell batia a porta do roupeiro nas suas costas, mas não teve a certeza. Ouviu girar a chave na fechadura, o berro de Bromwell ao descobrir que Emily se aproveitara da sua distração para se escapular e depois o bater da porta do apartamento. O silêncio voltou a reinar á sua volta.

No roupeiro fazia breu e não havia muito espaço Riscou um fósforo e olhou em roda. Nos cabides, pendiam vários casacos e duas ou três camisolas. O fósforo apagou-se. Deixou-o cair e pôs-lhe o pé em cima. Tentou então arrombar a porta, mas só conseguiu magoar o ombro

Após minutos, sentou-se, acendeu um cigarro e considerou a situação em que se encontrava. Sabia que se chamasse por socorro, alguém acabaria por surgir e abrir-lhe a porta. Por outro lado, esse alguém chamaria primeiro a Polícia e o facto deixá-lo-ia em ingrata posição aos olhos dos seus colegas.

Ouviu nesse momento um ruído do outro lado da porta e depois o girar da chave na fechadura. Levantou-se de um pulo, empurrou a porta e pestanejou de assombro.

— Você?

Emily acenou a cabeça. Virou as costas a Ramsey e dirigiu-se para a janela.

— Porque foi que voltou? — perguntou Ramsey.

— Estava amedrontada.

— Teve medo da pistola?

— Sim. Subi ao andar de cima e quando me julguei a salvo, tornei a descer.

Ramsey fez uma careta. O regresso de Emily não condizia com as suas suspeitas de bigamia. Se acaso fosse realmente culpada, jamais Emily teria regressado ali. Olhou-a durante uns momentos e perguntou então:

— Você conhece esse tal Bromwell, não é verdade?

A rapariga acenou a cabeça.

— E não é casada com ele?

— Claro que não.

— Quem é Harry Bromwell?

— O meu patrão. É presidente da Vasco Oil Companhia. Eu trabalho lá no escritório

— Não é demasiado novo para cargo de tal importancia?

— Julgo que lhe veio por herança.

Bill Ramsey acenou a cabeça. As sombras começavam a invadir o quarto. Aproximou-se da janela e espreitou para fora. Os candeeiros já estavam acesos.

— A Ruth já cá devia estar. Vai esperar por ela? — perguntou Emily.

Ramsey encolheu os ombros.

— Se você não é casada com Bromwell, como se justifica que ele afirme o contrário. E que fazia ele aqui?

— Não... não sei.

— Ele pediu-a em casamento?

Apesar da escuridão que começava a reinar no quarto, o detective notou o rubor que cobriu as faces da jovem.

— Sim mas eu recusei. Já lá vão dois meses, pelo menos. Desde então, não o vi mais.. a não ser agora.

— Você trabalha no escritório da firma e não o via?

Tenho estado ausente. Ruth ganhou um cruzeiro por mar, e como não podia ir, eu comprei-lhe a passagem. Obtive uma licença. Eu... — Ai, mordeu os lábios. — Sabe, aconteceu hoje uma coisa engraçada quando voltei ao escritório.

— Que foi?

Emily olhou de frente para o detective.

— Um pouco antes das cinco, fui procurar o chefe do escritório. Bem vê, eu não tinha a certeza se teria ainda o emprego, conquanto tivesse obtido a licença para me ausentar. Seja como for, quando me apresentei ás minhas colegas todas elas me rodearam a dar-me os parabens e a tratar-me por sr.ª Bromwell. A princípio, julguei tratar-se de uma brincadeira, mas vendo que insistiam, expliquei-lhes que não me casara com Harry Bromwell. Pois, a atitude de todas foi de quem não acredita... Irritei-me e saí.

Havia uma nota de sinceridade na voz da rapariga. A vontade de Ramsey era acreditar em tudo quanto ela lhe contava. O detective afastou-se bruscamente, puxou de um cigarro e acendeu-o.

— E foi ao sair dos escritórios da companhia, que aqueles dois homens se meteram consigo? Eles são ou não seus maridos?

— Não são meus maridos.

— E como se explica que saibam tanta coisa a seu respeito?

— Não sei.

— Você é rica?

— Tenho economias no valor de mil dólares.

Ramsey abanou a cabeça. A si próprio perguntava, por que motivo procurava tão afanosamente uma saída para a rapariga. Sabia o que lhe competia fazer. Aquilo era um caso para o procurador da Republica. Nem mesmo devia ter vindo ali.

— Porque será que a Ruth se demora tanto? — perguntou Emily, como se falasse consigo própria.

Ramsey inspirou profundamente.

— A sua amiga não vem.

— Porque diz isso?

O detective abanou a cabeça. Teria ele vindo ali na esperança de que essa tal Ruth pudesse realmente ter explicado tudo? Em dez anos que levava de serviço, já mais de uma vez dera voz de prisão a uma bonita mulher, mas, até ali, jamais deixara que as suas opiniões pessoais pudessem interferir com a sua atitude.

— Tenho que a levar comigo — declarou, sem rebuços.

— Quer dizer... que estou presa?

— Sim.

— E sob que acusação?

— Sabe bem qual é.

Teve o pressentimento de se trair pela expressão do seu rosto. Mas aparentemente, tal não aconteceu, porque, após uns momentos, a rapariga disse com voz calma:

— Muito bem. Vamos, então!

(Continua)

BOSCH

AS MELHORES MARCAS NAS MELHORES CONDIÇÕES

Ponto Azul

FRIGORIFICOS TELEVISORES AUTO-RÁDIOS

GRANDES FACILIDADES DE TROCA E PAGAMENTO

ELECTRO SOLAR, LDA.
Rua Morais Soares, 71 C
Lisboa — Tel. 84 25 14

FOLHA-DE-FLANDRES
SEMPRE A PREÇOS MUITO ACESSÍVEIS
CICC, LDA. - RUA D. JOÃO V, 7-1.º
LISBOA - TELEFS. 68 41 4[illegible]

DOMINGO
18
DE AGOSTO
EXPRESSO POPULAR
DE
LISBOA
A
VIANA DO CASTELO
E VOLTA
ROMARIA DA SENHORA DA AGONIA
2.ª CLASSE 160$00

HIPOTECAS
SOBRE
AUTOMÓVEIS
ÓPTIMAS CONDIÇÕES
ROBREL
R. BARATA SALGUEIRO, 15
Tel. 44602 736569 — LISBOA

A PRESTAÇÕES
FATOS, CALÇADO, ETC.
C/ E S/ FIADOR
Telefone 5 63 76

Em ALCANENA o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na Agência de JOAQUIM RAMOS VIEIRA.

SEM FIADOR
T. V. — T. S. F.
Frigorificos e toda a aparelhagem Electro-Doméstica.
CASA MAX
2 C — Av.ª Praia da Victoria — 2 D

MOBÍLIAS
EM TODOS OS ESTILOS, MAPLES E DECORAÇÕES, FABRICAMOS, FAZEMOS TROCAS E MODIFICAÇÕES
FACILITA PAGAMENTO
Rua António Pedro, 72-A
— Telefs. 46501 - 49712 —

PERFIS ACRÍLICOS
VARÕES ACRÍLICOS
CHAPAS ACRÍLICAS
TECTOS DECORATIVOS
TWO-RAY
REPRESENTANTE EXCLUSIVO EM PORTUGAL
dagol
Rua Joaquim Bonifácio, 2 C
Telefones 48897/8 — LISBOA

FESTAS DE VERÃO NA CORUNHA

Nos dias 1 a 31 de Agosto de 1963

Por motivo destas festas a C. P. tem á venda nalgumas estações (entre as quais Lisboa-Santa Apolónia, Coimbra, Porto, Braga, Viana do Castelo), bilhetes especiais de ida e volta a preços reduzidos para a estação de Corunha.

Periodo de venda — 27 de Julho a 31 de Agosto

Validade para regresso — 1 de Agosto a 5 de Setembro.

Vida religiosa

Colóquios Biblicos em Fátima

Na Casa dos Padres Capuchinhos, em Fátima, começaram hoje os Colóquios Bíblicos, que se prolongarão em dias seguidos e alternados até 13 de Outubro.

Nesses colóquios, efectuados com o fim de contribuirem para um mais completo conhecimento da vida de Jesus Cristo e da doutrina cristã, far-se-á a leitura e meditação diária de trechos da Sagrada Escritura, a exemplo do que se tem verificado em várias dioceses, com a colaboração dos componentes da Acção Católica, sacerdotes, catequistas, etc.

Missa solene na capela do Paço de Vila Viçosa

O conselho administrativo da Fundação da Casa de Bragança manda celebrar missa solene, em honra de Nossa Senhora, na capela do paço ducal de Vila Viçosa, no próximo dia 15, ás 12 horas. A cerimónia será presidida pelo arcebispo de Evora. A homilia será pronunciada por mons. dr. Avelino Gonçalves.

Pedido de captura

A Polícia Judiciária pediu a todas as autoridades do País a captura de Julio Esteves Pereira, de 43 anos, casado, fotogravador, natural do Fundão e que residiu em Lisboa, na Rua da Costa, 28, 2.º, esq.º.

As pessoas que saibam do seu paradeiro deverão comunicá-lo àquela Polícia.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

BOSCH

AS MELHORES MARCAS NAS MELHORES CONDIÇÕES

Ponto Azul

FRIGORIFICOS
TELEVISORES
AUTO-RÁDIOS

GRANDES FACILIDADES DE TROCA E PAGAMENTO

JORGE GONÇALVES
Av. 5 de Outubro, 53-1.'
Lisboa — Tel. 5 29 81

Linha de CASCAIS

HASTA PÚBLICA

de terrenos em Cascais

A Camara Municipal de Cascais procederá á venda, em hasta publica, de oito lotes para construção de moradias no Bairro do Rosário, junto á Praça de Touros. A hasta abre ás 15 horas do próximo dia 17, nos Paços do Concelho.

De todos os lotes, com cerca de 335 metros quadrados, destinados a moradias isoladas, unifamiliares ou bifamiliares, desfruta-se de boa vista sobre a baía de Cascais e serra de Sintra.

O preço de licitação é de 250$00 o metro quadrado.

Cinemas

PAÇO DE ARCOS — *Cine-Teatro* — Às 21 e 15: «A amada infiel» (17 anos).

OEIRAS — *Oeiras-Cine* — Às 21 e 15: «Ele, ela e os espiões» e «Parto sem dor» (17 anos).

CARCAVELOS — *Vitória-Cine* — Às 21 e 30: «Max, o carteirista» (17 anos).

ESTORIL — *Casino* — Às 17 e ás 21 e 30: «Os cadernos do major Thompson» (17 anos); *Cine-Esplanada* — Às 21 e 30: «Garotas, garotas, garotas» (12 anos).

CASCAIS — *S. José* — Às 21 e 30: «Corpos e almas» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — *Miramar* — Rua Ernesto Silva, 81 (Tel. 212048)

CAXIAS — *Nova* — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).

PAÇO DE ARCOS — *Godinho da Silva* — Av. Patrão Lopes, 4 (Tel 2420039)

OEIRAS — *Godinho* — Rua Candido dos Reis, 98 (Tel. 2430090).

PAREDE — *Grincho* — Av. da Republica, 77-C (Tel. 2171204).

ESTORIL — *Marques dos Santos* — Rua Ferreira, J. A., 15 (Tel. 260116).

CASCAIS — *Marginal* — Avenida Marginal (Tel. 280078).

Obras hidráulicas

CORUCHE, 13 — Na Associação de Regentes e Beneficiários do Vale do Sorraia efectuou-se, esta tarde, um concurso publico para adjudicação da empreitada de construção de passagens sobre o rio Sorraia, em Gravinha e Amieira. Foram admitidas várias propostas.

Halina 150 AUTOMATIC

O PROJECTOR DE «SLIDES» AUTOMÁTICO QUE CUSTA APENAS ESC.

990$00

INCLUINDO LÂMPADA DE 150 W. E UM CARREGADOR PARA 40 «SLIDES»

CADA CARREGADOR SUPLEMENTAR PARA 40 «SLIDES» CUSTA APENAS ESC. 30$00

À VENDA NAS BOAS CASAS DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

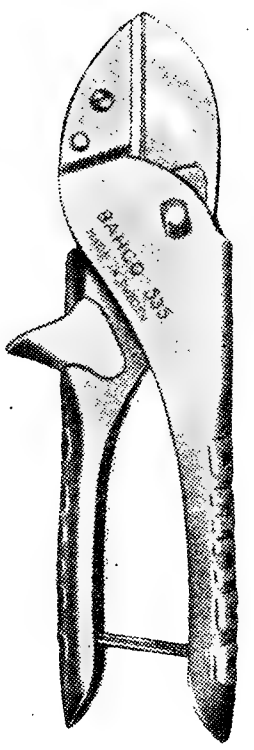
SOC. DE REP. M. SIMÕES JR., LDA.

Rua da Conceição, 46, 1.' — Telef. 31545 — LISBOA

SOCIEDADE DE REPRESENTAÇÕES M. SIMÕES JR., LDA.

Serviços Técnicos

Comunica aos seus estimados clientes que, por motivos de férias do seu pessoal, estarão encerrados de 19 a 31 do mês de Agosto.



Tesoura podar sueca N.º 535

Esta tesoura, não é uma tesoura vulgar, destinada aos trabalhos rurais O seu sistema de corte diferente de todas as outras, tem o poder de cortar troncos da grossura de 20 mm, o que não acontece com as tesouras tradicionais, em bico de papagaio, que mastigam e não cortam. Todas as peças da tesoura BAHCO 535, são substituíveis, o mesmo é dizer, que é uma tesoura para toda a vida.

A tesoura «Bahco» 535 foi prévia mente estudada pelos técnicos da lavoura, e sómente depois foi fabricada segundo esses dados.

AGENTES EXCLUSIVOS

VILAS & VILAS

Rua Primeiro de Dezembro, 45-2.º — Lisboa

Telefones 322346 - 366375

YBARRA & C.IA, S. A.

SEVILHA

PARA:

AMÉRICA DO SUL

CABO SANROQUE | 1 de Setembro | Tenerife, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo, Buenos Aires

OS AGENTES:

Em Lisboa: AGÊNCIA MARÍTIMA TRANSATLÂNTICA, LDA. Rua do Alecrim, 20-F, 1.' Telefone 32 72 64

No Porto: KENDALL, PINTO BASTO & C.', LDA. Rua Nova da Alfândega, 18 Telefone 2 84 21

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se na AMADORA na Papelaria e Tipografia BARROS.

Alfredo Raul Alves Mourão Garcês Palha

FALECEU

Lurdes Beatriz Mourão Garcês Palha e Duarte, seu marido e sobrinhos participam o falecimento do seu saudoso irmão, cunhado e tio e que o funeral se realizou hoje ás 16 horas da Igreja da Boa Hora para o cemitério da Ajuda.

Tratou Agência Gustavo Batista Telef 638065

Pilhas Berec para maior duraçao

Boletim do dia

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 13 de Agosto de 1933 publicava, na sua secção de «Factos e Comentários», o seguinte:

«Na quinta-feira foi tornado publico o quinto decreto da série de seis, respeitantes á integração do Estado, no direito corporativo. Diz respeito a casas económicas.

Na quinta e sexta-feira esteve reunido o Conselho de Ministros, sendo fornecida á Imprensa a seguinte nota oficiosa:

«O Conselho de Ministros reuniu em Belém sob a presidência do Chefe do Estado. Depois de o Presidente do Conselho ter posto o sr. Presidente da Republica ao corrente da situação política interna e externa, foram discutidos e aprovados na generalidade os decretos já do conhecimento do publico sobre o Estatuto do Trabalho, Organização Corporativa e Casas Económicas, e, pelo Ministério das Colónias, a Carta Organica do Império Colonial e a Reforma Administrativa Colonial.

O Conselho continua amanhã, de manhã, na Sala do Conselho de Estado do Ministério do Interior, para apreciar os referidos diplomas na especialidade».

RÁDIO

EMISSORA NACIONAL — *Programa A* — 451 m — 655 kc/s — Ás 17: Melodias napolitanas por Aurelio Fierro; 17 e 15: Orquestras ligeiras; 17 e 30: Cançonetas hispano-americanas; 17 e 45: O pianista George Shearing e Orquestra Billy May; 18: Noticiário; 18 e 10: Musica de dança; 18 e 45: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 19: Opereta; 19 e 50: Musica ligeira espanhola; 20: A Orquestra Ligeira de Franck Pourcel; 20 e 35: O povo canta e dança; 21: Noticiário — Comentário — Crónica de Angola; 21 e 40: Variedades: «Girandola»; 22 e 28: Orfeão de Vila Praia de Ancora dirigido pelo rev. José Pereira Lima; 23: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 23 e 10: Musica de dança; 23 e 45: Noticiário; 0: Encerramento.

Programa B — 397 m — 755 kc/s — Ás 18: Reabertura; «Histórias naturais» (Ravel), barítono, Gérard Sousay; piano, Jacqueline Bonneau; 18 e 20: 18.º programa da série dedicada a obras de Brahms, «Sonata n.º 2, op. 2, em fá sustenido menor»; 18 e 50: Noticiário regional; 19: A ópera do século XX: epílogo de «3 séculos de ópera», por João Pais; 19 e 50: «Andante cantabile», de Tchaikowsky-Stokowsky; 20: Noticiário; 20 e 15: Musica de tecla: «Fantasia quase sonata» (Liszt), pianista, Orazio Frugoni; 20 e 30: Concerto pela Academia de Instrumentistas de Camara; «Concertino n.º 5 em bemol» (Pergolesi); «Serenata» (Elgar); 20 e 54: Canções de Mozart pelo soprano Rita Streich, acompanhado ao piano por Erik Werba; 21 e 15: Musica sinfónica: «Sinfonia n.º 1, em mi bemol maior» (Borodine), Orquestra Nacional da U. R. S. S., direcção de Ivanov; 21 e 50: Musica contemporanea: obras de Lutoslawsky e Kabalevsky; 22 e 43: Três sonatas para órgão e orquestra de Mozart; 23: O programa internacional A Voz do Ocidente; 1: Encerramento.

Modulação de frequência — Ás 23: Musica portuguesa; 23 e 45: Noticiário; 0: Encerramento.

RÁDIO CLUBE — Ás 17: Os nossos artistas; 17 e 45: Noticiário; 17 e 50: Orquestra; 18: Carrilhão; 18 e 15: Artista; 18 e 30: Conjuntos; 19: Sumário do programa da noite — Canções de todo o Mundo; 19 e 45: Noticiário; 20 e 45: Carta de Berlim; 21: Noticiário; 21 e 15: Orquestras; 21 e 30: Êxitos da Broadway; 21 e 45: Solistas; 22 e 15: Curso de língua inglesa, de Collin Sanders; 22 e 30: Motivos portugueses; 22 e 45: Cançonetas; 23: Variedades; 23 e 30: Ritmos de baile; 23 e 45: Noticiário; 0: Carrilhão; 0 e 45: Noticiário; 1: Carrilhão; 1 e 45: Noticiário; 2 e 55: Noticiário; 3: Fecho.

Emissor de Miramar — Ás 18: Ritmos de baile; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19: Sumário do programa da noite; 19 e 16: Orquestras e vocalistas; 19 e 45: Solistas; 20: Noticiário; 20 e 30: Um conjunto ligeiro; 21: Noticiário; 21 e 30: Intermédio musical; 21 e 45: Selecções; 22 e 30: Variedades; 23 e 15: Ritmos de baile; 23 e 45: Noticiário; 0: Carrilhão; 0 e 45: Noticiário; 1: Carrilhão; 1 e 30: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — Ás 18 e 25: Leitura do boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 5: Orquestras; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 20 e 30: Noticiário e boletim de Rádio rural; 20 e 55: Meditando; 21: Ritmos de Portugal; 21 e 30: Variedades; 21 e 45: Solistas; 2: Encerramento.

Estação do Porto — Ás 19 e 5: Migalhas doutrinais; 19 e 10: Deixai vir a mim as criancinhas; 19 e 25: Resumo do programa, boletins religioso e de filmes; 20 e 30: Noticiário e boletim de Rádio rural; 20 e 55: Meditando; 21: Carillhão; 22: Calendário; 2: Carrilhão.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Das 17 ás 19 e 30: Voz de Lisboa; 19 e 30 ás 22: Clube Radiofónico de Portugal; 22 á 1: Voz de Lisboa; 1 ás 2: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje — Ás 19 e 30: Abertura; 19 e 32: Telejornal — edição da tarde; 19 e 45: «Terça-Feira á Tarde» — programa juvenil para as raparigas; 20 e 05: «No Centenário de Eugéne Delacroix» — Delacroix e Baudelaire; 20 e 25: «Onde a Ciência Começa» — programa de divulgação científica; 20 e 40: TV Motor — programa de automobilismo, motociclismo, motonáutica e aviação; 21 e 20: Telejornal — edição da noite; 21 e 55: Boletim meteorológico; 22: 7.ª Arte; 23 e 30: Volta a Portugal em Bicicleta; 23 e 45: Telejornal — ultimas notícias; 23 e 50: Fecho.

Amanhã — A's 19 e 30: Abertura; 19 e 32: Telejornal — edição da tarde; 19 e 45: Desenhos animados; 19 e 55: Programa da Junta da Acção Social; 20 e 15: «Let's Learn English» — aprenda inglês pela televisão; 20 e 45: Presença do Ultramar; 21 e 20: Telejornal — edição da noite; 21 e 50: Boletim meteorológico; 21 e 55: Concerto pelos Menestreis de Lisboa, sob a direcção de Santiago Kastner; «Sonata de Quantz» e «Concerto a Tre de Teleman»; 22 e 20: Ribalta — Noite de Teatro: «Lourdes», original de Alfredo Cortês, adaptado por Nuno Fradique, com: Gina Santos, Maria Armanda, Raul de Carvalho, Alma Flora e Catarina Avelar; 23 e 20: Jogos Luso-Brasileiros; 23 e 30: Volta a Portugal, em bicicleta; 23 e 45: Telejornal — Ultimas notícias; 23 e 50: Fecho.

MARÉS

PREIA-MAR

Dia 13 — Ás 10 e 20 (3,39 m); 23 horas (3,42 m).
Dia 14 — Ás 11 e 40 (3,41 m).
Dia 15 — Ás 0 e 22 (3,43 m); 12 e 59 (3,55 m).

BAIXA-MAR

Dia 13 — Ás 3 e 39 (1,47 m); 16 e 17 (1,54 m).
Dia 14 — Ás 5 e 06 (1,54 m); 17 e 42 (1,50 m).
Dia 15 — Ás 6 e 20 (1,48 m); 18 e 52 (1,36 m).

CARTAZ DO DIA

(Para maiores de 12 anos)

TEATROS

AVENIDA — A's 21 e 45: «Vamos contar mentiras».
NACIONAL — Ás 21 e 45: «Os pássaros».

CINEMAS

S JORGE — «Sinfonia da Vida».
EDEN — «O Miúdo da Bica».
CONDES — «A furia dos Vikings».
POLITEAMA — «A fonte dos amores».
ALVALADE — «O rapaz atómico».
ODEON — «A irmã San Sulpicio».
COLISEU — «A carga da Brigada Ligeira».
RESTELO — «La cumparsita».
ROYAL — «Do couplet ao tango».
OLIMPIA — «A furia dos bárbaros».

(Para maiores de 17 anos)

TEATROS

MONUMENTAL — A's 21 e 23 — «Boa noite, Lisboa!».
ABC — As 21 e ás 23: «Gente nova em bikini»

CINEMAS

TIVOLI — «Um golpe sensacional».
MONUMENTAL — «Fogo na floresta».
IMPÉRIO — «Sabrina».
ROMA — «Cruel destino».
AVIS — «A maldição do vampiro».
LYS—«O maior império do mundo».
ESP. PORTUGALIA — «Eddie e a Interpol».
CHIADO TERRASSE — «Coração que bate».
IDEAL — «Congo».
ARCO-IRIS — «As chuvas de Ranchipur».
JARDIM — «Oito vidas por um título».
CAMPOLIDE — «Eva».
S. L. BENFICA — «Visão do medo».

FARMÁCIAS

TURNO D

(Ver pelos bairros das mediações e telefones entre parêntesis)

AJUDA — Mendes Gomes, Calç. da Ajuda, 222 (638256) ✲ **Tapada, Ld.ª**, Cal da Tapada, 83/A (634721).
ALCANTARA — Ester Noronha, R. de Alcantara, 5-A (637563).
ALMIRANTE REIS — Lusa, Av. Almirante Reis, 199-A (41269) ✲ **Romano Baptista**, R. Passos Manuel, 6-10 (50593) ✲ **Magalhães**, Av. Almirante Reis, 4-D a 4-F (49479).
ALTO DO PINA — Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque RSV (843571).
ALVALADE — Líbia, Av. da Igreja, 4-B-C (711681) ✲ **Nova Iorque**, R. António Patrício, lote 347 da Av. dos Estados Unidos da América (760658).
AMOREIRAS — Amoreiras, Pr. das Aguas Livres, 8 (681515).
AREEIRO — Marbel, Av. de Roma, 131-A (776235) ✲ **Lusitana**, Av. de Roma, 18-A (725443) ✲ **Chinde**, R. Agostinho Lourenço, 6-B (710331).
AVENIDAS NOVAS — Lungenit, Av. da Republica, 55-A (772132) ✲ **Providência**, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (770324) ✲ **Sá da Bandeira**, Rua Marquês Sá da Bandeira, 36 (41961) ✲ **Oliveira Viegas**, Rua Viriato, 29-29-A (48966)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (389216).
BAIXA — Silva Carvalho, R. dos Fanqueiros, 126 (326575)
BENFICA — Vicente, Est. de Benfica, 466-A (782606) ✲ **Alegria**, Est. de Benfica, 180-A-B (780511) ✲ **Progresso**, R. A-da-Maia, 64-C (702226).
CAMINHOS DE FERRO — Cruz de Malta, L. Chafariz de Dentro, 36 (866126).
CAMÕES — Andrade, R. do Alecrim, 125 (323446).
CAMPO DE OURIQUE - Maria Pia, R. D. Maria Pia, 514 (687949) ✲ **Linaida**, R. Ferreira Borges, 30 (660955).
CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (53308).
CAMPOLIDE — Ronil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (683438) ✲ **Zenel**, Rua A, 182 (Bairro da Liberdade) (651840).
CARNIDE — Leal de Matos, R. Neves Costa, 33 (780181).
CHARNECA — São Bartolomeu, Quinta dos Balsares de Baixo, Vila Paulo Jorge, 1.
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO Madre de Deus, R. da Margem, 15-B (382470) ✲ **Zema**, R. General Justiniano Padrel (á Calçada dos Barbadinhos), 21-A (832580).
ESTEFÂNIA — Fonseca, Largo de D. Estefânia, 4-5 (54808).
ESTRELA E LAPA — Alb, R. de Santana, á Lapa, 156 (663562).
GRAÇA — Almeida Dias, L. da Graça, 38-A-39 (862909) ✲ **Higiénica**, R. Heliodoro Salgado, 20-A (844361).
LUMIAR — Patuleia, R. do Lumiar, 122 (790332) ✲ **Douro**, Al. Linhas de Torres, 93 (791131).
MADRAGOA — Moderna, R. Garcia de Orta, 24 (663117).
MOURARIA — Ferrão, R. da Mouraria, 12 (860464).
PALHAVÃ — Canto, Est. das Laranjeiras, 202 (780841).
PEDROUÇOS — Higilux, R. de Pedrouços, 50-52 (610280).
PICHELEIRA — Mariuz, Calç. da Pichelreira, 40-B-C (720703-728395).
REGO — Berne, Av. de Berne, 44-A, (773568).
S. BENTO — Valentim, Ld.ª, R. Poço dos Negros, 88-90 (661353).
SANTO AMARO — Botânica, R. da Junqueira, 38-40 (638132).
SANTA MARTA—Luís de Magalhães, R. de Santa Marta, 15-A-B (46490). ✲ **Santa Luzia** — R. da Saudade, 2 (869831).

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 % T. 10 ...	640$50	640$00	641$00
Cons. 3 % T. 10	671$00	670$00	672$00
Cons. 3 1/2 % T. 10 ...	—	788$00	—
Centenár. 4% 1940	1.812$00	1.810$00	1.812$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942	—	1.013$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	1.013$00	1.030$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	1.013$00	—
Externo 1.ª série	—	1.190$00	—
Ext. 1.ª série car.	—	1.190$00	1.210$00
Externo 2.ª série	—	1.190$00	—
Ext. 2.ª série car.	—	1.200$00	—
Externo 3.ª série	—	—	—
Ext. 3.ª série car.	—	—	1.350$00
Caut. 3.ª série s/j	—	225$00	228$00
Obrigações			
Águas Lisboa 5 %	—	495$00	500$00
Norte de Portugal 5 %	—	103$00	105$00
Gás Elect. 3 3/4 %	—	950$00	—
Gás Elect. 4 %	—	955$00	965$00
Gás Elect. 4 1/2 % ...	—	990$00	1.000$00
Gás Elect. 5 %	—	—	1.010$00
U. E. P. 3 3/4 %	—	90$00	92$00
U. E. P. 4 % 1945	—	—	—
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	—
U. E. P. 5 % 1951	—	—	99$00
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—
H. E. do Douro	—	—	998$00
H. E. S. Est.	—	—	—
C. P. 4 1/2 %	1.005$00	1.004$00	1.005$00
Metropolitano	—	970$00	990$00
Acções			
Bancos			
Alentejo	—	—	—
Angola	—	1.100$00	1.700$00
Espírito Santo	—	—	—
Lisboa & Açores	1.860$00	1.850$00	1.870$00
Portugal	1.600$00	1.597$00	1.610$00
Ultramarino	1.080$00	1.080$00	1.081$00
Agricultura	—	47$00	50$00
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	295$00	310$00
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
Soberana	—	1.000$00	1.500$00
C.as Ultramarinas			
Ag. Cassequel	—	460$00	465$00
Ag. das Neves	—	—	120$00
Agric. Colonial	—	90$00	—
Açucar de Angola	535$00	530$00	540$00
Boror	—	80$00	—
Cabinda	—	—	25$00
Cadá	—	—	—
Colonial do Buzi	—	50$00	56$00
Ilha do Príncipe	—	260$00	—
Incomati	—	800$00	900$00
Moçambique	28$00	28$00	29$00
Zambézia	35$00	34$00	36$00
Diamantes	—	380$00	391$00
Lobito	—	—	290$00

C.as Diversas			
Cimentos Tejo	—	—	—
Cimentos Leiria	—	—	600$00
Crédito Predial	—	—	—
Industrial Aliança	—	—	—
Portugal e Colónias ...	745$00	735$00	750$00
Nacional Navegação ...	—	—	—
Colonial Navegação ...	—	330$00	370$00
Port. de Celulose	3.500$00	3.490$00	3.500$00
Portuguesa de Pesca...	880$00	—	900$00
Port. de Tabacos	—	229$00	235$00
Tabacos de Portugal ...	—	150$00	—
Aguas, Electricidade e Gás			
Águas Lisboa 1934	—	345$00	—
Águas Lisboa 1936	—	330$00	—
Eléct. das Beiras	—	1.480$00	1.500$00
Gás e Electricidade ...	316$00	315$00	317$00
H. Alto Alentejo	150$50	150$00	151$00
H. E. Cávado	1.083$00	1.081$00	1.085$00
H. E. Zêzere	—	1.215$00	1.220$00
Nac. de Electricidade ..	—	1.187$00	1.190$00
União Eléctrica Port.	145$50	145$00	146$00
H. E. do Douro	1.050$00	1.045$00	1.050$00
H. E. Portuguesa	—	—	—
H. E. S. Estrela	—	—	—

BANCO BORGES & IRMÃO

PAISES	COMPRA	VENDA
Notas:		
África do Sul	38$75	39$50
Alemanha	7$10	7$30
América:		
Dólares de 1 a 2	28$30	28$60
Dólares de 5 a 1000	28$50	28$80
Argentina	$18	$22
Áustria	1$10	1$15
Bélgica	$56	$58
Brasil	$03,2	$04
Canadá	26$15	26$65
Dinamarca	4$05	4$25
Espanha	$47,5	$48,5
Congo	$05	$10
França (N. Franco)	5$77	5$92
Holanda	7$85	8$10
Inglaterra	79$50	81$00
Itália	$04,55	$04,7
Marrocos	5$05	5$35
Noruega	3$90	4$10
Suécia	5$40	5$70
Suíça	6$58	6$73
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	281$00	289$00
Portugal — Barra	—	—
Portugal — Barra fino	32$50	33$00

J. BURNAY, L.DA Papéis de crédito
Notas estrangeiras
RUA DO OURO, 12 Telef. 3 1273

VIDA SOCIAL

LEOPOLDO DE ALMEIDA

Seguiu para Munich, no avião da TAP, o escultor Leopoldo de Almeida, professor aposentado da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. De Munich, seguirá para Atenas, Bangkok, Hong-Kong e Macau.

Mestre Leopoldo de Almeida é acompanhado nesta viagem por sua esposa e filho, o arquitecto urbanista Leopoldo das Neves Almeida, que vai realizar em Macau trabalhos da sua profissão.

DR. FERNANDO DE OLIVEIRA

Segue amanhã para Espanha, de automóvel, o ministro conselheiro da Embaixada de Portugal em Madrid, sr. dr. Fernando de Oliveira, que vai reassumir as suas funções, na capital espanhola.

FOI LOCALIZADO O ESCONDERIJO

DOS BANDIDOS QUE ASSALTARAM O COMBOIO-CORREIO INGLÊS

(Continuação da 1.ª página)

supondo-se que em consequência de se verificar a possibilidade de três homens, recentemente desaparecidos de Dublin, terem participado no roubo.

A QUADRILHA NÃO DEVE TER FUGIDO PARA LONGE

Entretanto a Polícia recomeçou hoje em força as pesquisas para encontrar a quadrilha responsável pelo roubo.

Com cães polícia, efectuaram minuciosa busca num raio de 48 quilómetros do local do roubo. Esta busca inclui edifícios de quintas, e barracões desertos, tendo sido feitas a noite passada pesquisas em mais de 40 casas desta cidade.

O detective-superintendente da Scotland Yard, Gerald Mcarthur que conduz a investigação, acredita que, a despeito da demora, devido ao corte de linhas telefónicas, que sofreu o pedido de socorro, a quadrilha não deve ter tido tempo de efectuar uma fuga completa, e pode estar ainda escondida com o espólio nas proximidades do local do crime.

HÁ REGISTO DE PARTE DAS NOTAS ROUBADAS

O imenso exército de homens e mulheres utilizado na caça aos bandidos, tem sido encorajado pelas notícias de que pode ser viável, no fim de contas, encontrar e seguir o rasto proveniente das notas roubadas.

Inicialmente houve receio de que as notas fossem velhas e destinadas a serem destruídas. Mas, de acordo com essas notícias, talvez metade do dinheiro fosse em notas novas, emitidas no Norte da Inglaterra e Escócia, apenas duas semanas antes do roubo, destinadas a acorrer ás despesas do feriado do empregado bancário.

Os numeros de série das notas novas foram comunicados para todo o país

Assim, logo que surja uma dessas notas, o aparelho policial pôr-se-á em movimento, para seguir a pista até á pessoa que tenha posto a libra em circulação.

Por outro lado funcionários da Scotland Yard já estudaram hoje informações recebidas da Polícia irlandesa, acerca de três malfeitores de Dublin que, segundo se pensou, estariam relacionados com o roubo.

Os três homens, um deles antigo ferroviário, desapareceram cerca de uma semana antes do golpe.

O ORGANIZADOR DO ROUBO PODE SER UM ANTIGO OFICIAL DO EXÉRCITO

São três as premissas de base para as investigações policiais:

— Alguém tinha conhecimento de que o comboio Glasgow-Londres transportava uma grande quantidade de notas, de cuja numeração se não havia feito registo.

— Alguém tinha de saber onde contratar os electricistas especializados e outros técnicos em assuntos ferroviários, observando-se a condição essencial de todos esses homens serem criminosos ou estarem dispostos a ingressar no mundo do crime.

— Alguém teve de seleccionar os locais, na província, onde a quadrilha voltou a reunir-se depois da operação.

Assim, a Scotland Yard não despresa a hipótese de o organizador do roubo ser alguém até agora afastado do crime, por exemplo, um antigo oficial do Exército ou dos «Comandos» ingleses, perito na organização de operações em que a sequência cronométrica dos acontecimentos constitua a base indispensável para o seu êxito.

O SEGREDO NÃO SE MANTERÁ POR MUITO TEMPO

A Polícia considera, igualmente, o facto de a quadrilha ser composta por algumas dezenas de indivíduos como uma circunstancia susceptível de facilitar, até certo ponto, evidentemente, a descoberta dos criminosos. Esta é também, aliás, a opinião de um antigo criminoso, chefe de uma quadrilha hoje desaparecida, que declarou: «Não se esqueçam de uma coisa: se os homens forem 30, temos de considerar que cada um deles deve ter, pelo menos, namorada, mulher, ou qualquer pessoa de família. Serão, consequentemente, muitas pessoas juntas, e é preciso um máximo de discrição para o segredo se manter durante muito tempo».

Assinale-se, ainda, que com este assalto ao comboio-correio, a Grã-Bretanha mantem — se não aumentou — a sua curiosa posição no mundo do crime. E' certo que na Inglaterra se registam menos crimes de morte do que nos Estados Unidos — mas os ingleses são sempre mais sensacionais. Também os roubos são em menor numero — mas muito mais espectaculares, como é o caso deste, que passa a figurar nos anais da História como o maior de todos. — (A. N. I., F. P. e Reuter).

A LOCALIZAÇÃO DO ESCONDERIJO

LONDRES, 13. — Um informador da Polícia afirmou hoje que foi localizado o esconderijo dos bandidos que assaltaram o comboio-correio de Glasgow-Londres, furtando mais de 2 500 000 libras.

Foi George Hatherill, adjunto do comando da Scotland Yard quem anunciou a descoberta. E acrescentou: «Dispomos de toda uma casa para revistar. Há muito trabalho a fazer. Não deixamos que ninguém, de momento, se aproxime do edifício. O local será revistado de alto a baixo».

Informou, ainda, que foram encontradas algumas sacas de correspondência, mas sem dinheiro.

O quartel-general dos assaltantes era numa quinta isolada, em Oakley, perto de Brill no Bunkinghamshire, a uns 50 quilómetros de Londres — acrescentou a Polícia. A quinta está afastada de estradas importantes.

Denominada Leathersdalle Farm, tem uma casa de tijolos encarnados.

«Temos a certeza» — declarou Hatherill — «que os homens que assaltaram o comboio viveram ali durante algum tempo. Com efeito encontrámos ali um camião e dois «Land-Rovers».

A casa, a poucos quilómetros da cena do roubo, estava bem provida de alimentos.

Há indícios de que os seus ocupantes partiram apressadamente, há três dias, ou talvez, mesmo, no domingo.

Hatherill acrescentou que ainda não foram concluídas as buscas e que esse trabalho pode durar mais de três dias, até que a revista a toda a propriedade seja dada por concluída.

De Londres foram chamados peritos em impressões digitais e outros técnicos.

Hatherill declarou depois: «Tem sido dada grande publicidade a este caso e os assaltantes farejaram a nossa aproximação. Estavam prestes a queimar ou a enterar diversos objectos mas partiram apressadamente». — (F. P. e R.).

Milhares de informações com mira na recompensa

LONDRES, 13. — Só deve terminar dentro de 10 a 15 dias a operação de limpeza de grande envergadura efectuada pela Polícia no condado de Buckingham, e nos cinco vizinhos, num raio de 50 km, em volta de Cheddington.

Por outro lado, a Polícia recebeu até esta manhã 2500 informações de pessoas interessadas na recompensa de 260 mil libras (cerca de 20 800 contos), oferecida pelas autoridades e companhias de seguros. «O interessante é que quase todas essas informações vêm da região onde se deu o assalto, onde pensámos encontrar os 2 500 000 de libras roubadas», disse o inspector-chefe Mcarthur, encarregado de dirigir superiormente as investigações. — (F. P.).

Christine Keller proibida de frequentar o seu cabeleireiro

LONDRES, 13 — Um cabeleireiro da Bond Street, muito em voga entre as senhoras da aristocracia britânica, proibiu Christine Keeler e «Mandy» Rice-Davies, as duas vedetas do «escandalo Profumo», de voltarem a frequentarem o seu estabelecimento, em virtude da pressão exercida pelas suas clientes regulares, que se recusam a sentar-se perto delas.

Entre essas clientes, figuram uma princesa europeia, «ladies» inglesas e actrizes de renome, que para evitarem encontrar-se com as duas jovens, pedem ao cabeleireiro que envie a suas casas as suas assistentes a fim de as pentearem, a «preço especial». — (A. N. I.).

As repercussões do discurso do Chefe do Governo português

MADRID, 13 — Em virtude da hora tardia a que o presidente Salazar pronunciou o seu discurso, não há ainda comentários na Imprensa madrilena da manhã. Com grandes títulos, atravessando as primeiras páginas, os jornais destacam as passagens «defenderemos os territórios africanos até ao limite dos elementos humanos e dos nossos recursos» (A.B.C.); «Angola e Moçambique são criações portuguesas» (YA), os diários da capital espanhola publicam breves apresentações do discurso dos seus correspondentes em Lisboa.

«Um homem de gelo, um homem político frio e calculista, uma estátua de granito, assim é o presidente Salazar para os seus adversários», escreve o correspondente do «A.B.C.» que acrescenta «mas é um grande servidor do Estado português».

O correspondente do «YA» diz que o presidente Salazar não podia falar mais claramente na questão do colonialismo, na campanha contra as províncias do Ultramar e na atitude do O. N. U. quanto a estes problemas.

O correspondente do «Arriba» salienta «a firme atitude do presidente Salazar inteiramente disposto a lutar contra todos os movimentos terroristas ou políticos internacionais que tentam abordar as fronteiras de Angola e de Moçambique». — (F. P.).

Na Imprensa londrina

LONDRES, 13 — «Portugal lutará até á morte» — escreve o «Guardian», no título com que encima a notícia consagrada, na primeira página, ás declarações do chefe do Governo português.

O «Times» refere-se ao discurso na principal página de noticiário internacional, sob a epígrafe: «O dr. Salazar declara que Portugal permanecerá firme».

«Portugal defender-se-á até á ultima» — intitula, por seu turno, o «Daily Telegraph» no seu resumo do discurso do Presidente do Conselho de Portugal. — (A. N. I.).

Na Imprensa alemã ocidental

HAMBURGO, 13 — No resumo telegráfico de cerca de trezentas palavras que a agência noticiosa alemã «DPA» distribuiu á Imprensa da Republica Federal sobre o discurso de Salazar, salientou-se em particular a afirmação do chefe do Governo de Lisboa, segundo a qual a política norte-americana em África estaria a reduzir as possibilidades defensivas da Europa e o seu potencial de resistência á influência comunista. — (A. N. I.).

Na Imprensa francesa

PARIS, 13 — Toda a Imprensa francesa alude, com destaque, ao discurso do prof. Oliveira Salazar, inserindo títulos que, na generalidade, salientam a decisão de Portugal de defender as suas províncias ultramarinas.

O discurso foi distribuído aos jornais, na íntegra, só a partir das 22 horas, pelo que não há ainda comentários, com as unicas excepções do «Combat», que salienta a afirmação de Salazar, de que fora de Portugal, Angola não tem existência possível, e o jornal económico e financeiro «Les Echos», que observa, em título, tratar-se de uma «evolução» para uma «larga autonomia administrativa na base da igualdade das raças». — (A. N. I.).

Edições internacionais dos dois grandes jornais nova-iorquinos

PARIS, 13 — O discurso sobre política ultramarina proferido pelo Presidente do Conselho português é hoje inserto, em primeira página, nas edições internacionais do «New York Times» e do «New York Herald Tribune».

Em títulos, o primeiro escreve «Salazar defende a sua política: alude a reformas na África»; e o segundo: «Salazar promete defender os territórios ultramarinos. — (A. N. I.).

Imprensa italiana

ROMA, 13 — Os telegramas sobre o discurso do Presidente do Conselho português, chegaram aqui demasiado tarde para que a maioria dos matutinos os pudesse ainda publicar.

Reproduzem-nos três jornais além de «Il Messagero» — que os publica sob o título: «Portugal defenderá por todos os meios as suas possessões de além-mar» — «L'unita», comunista, e «Il Popolo», orgão da Democracia Cristã, ambos sob títulos hostis. — (A. N. I.).

A edição americana do «New York Times»

NOVA YORK, 13 — O «New York Times» publica seis colunas com extractos do discurso de Salazar, com a fotografia do chefe do Governo português.

Hoje, só o comunicado do secretário do Estado norte-americano, Dean Rusk, ao Congresso, acerca do acordo nuclear com a Russia, mereceu ser publicado pelo «New York Times» com igual destaque. — (A. N. I.).

Na Holanda

AMSTERDÃO, 13 — O matutino conservador «Telegraaf» publica, na terceira página, uma síntese do discurso do Presidente do Conselho português, sob o título: «Os portugueses lutarão pela Africa, caso seja necessário». — (A. N. I.).

Em Luanda

LUANDA, 13 — Parou o trânsito em Luanda, á hora em que as emissoras transmitiam a declaração ao País do Presidente do Conselho. As ruas da Baixa ficaram desertas.

Poucos minutos depois de terminada a emissão, os cafés encheram-se; magotes de populares concentraram-se nos pontos habituais de reunião da cidade, as conversas subiram de tom e alguns «vivas» surgiram.

Os matutinos de hoje são dedicados, na quase totalidade, ao discurso do prof. Salazar. — (L.).

Em Moçambique

LOURENÇO MARQUES 13—Toda a Imprensa desta manhã dedica as primeiras páginas ás palavras de Salazar.

Uma explosão de patriotismo deu-se em Lourenço Marques, como nas outras cidades da Província, quando Salazar terminou o seu histórico discurso.

Os jornais salientam a referência feita por Salazar ás palavras proferidas pelo governador-geral de Moçambique, almirante Sarmento Rodrigues, falando á juventude. — (Lusitania).

Três mortes no Nordeste brasileiro devido à luta pela posse da terra e pela melhoria das condições de vida

RECIFE, 13 — Dois episódios sangrentos ameaçam abrir novo capítulo na história da «guerra da terra» no Nordeste brasileiro. No Estado de Pernambuco, um dirigente das «Ligas Camponesas», Jeremias Roberto Pinto, foi morto numa rixa com fazendeiros. Ao mesmo tempo, no Estado de Sergipe, o deputado federal Euclides Paez Mendonça e seu filho foram mortalmente atingidos quando pretendiam opor-se a uma manifestação popular.

Segundo as primeiras informações chegadas de Pernambuco, Jeremias Roberto Pinto reuniu 500 camponeses para apresentar aos proprietários de uma das maiores fazendas da região reivindicações de salário. As conversações não resultaram e a discussão transformou-se em desordem. Na refrega perdeu a vida o chefe das «Ligas Camponesas» e os seus homens, expulsos da propriedade, juraram vingá-lo.

No Estado de Sergipe as vítimas foram um grande proprietário. Euclides Paez Mendonça e seu filho. Todo o Norte deste Estado, um dos berços tradicionais do «cangaço», a «vendetta» brasileira está hoje em pé de guerra.

Deputado federal pela União Democrática Nacional, partido conservador, Euclides Mendonça reinava há dois anos como senhor absoluto na pequena cidade de Itabaiana e arredores. O duplo homicídio, que se verificou no decorrer de uma verdadeira batalha, ameaça reavivar uma guerra de clãs que há muito se encontrava latente.

A família das vítimas acusa de instigadores do crime o pároco, o juiz de paz e o comissário da Polícia, que se passaram sucessivamente para o clã adverso. Como a família Paez Mendonça tem sicários ao seu serviço, receiam-se vinganças sumárias. A pessoa mais ameaçada parece ser António Fernandes, antigo padeiro, que parece estar implicado no tiroteio que custou a vida ao deputado e a seu filho. — (F. P.).

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE: Em Portugal continental, o céu estava em geral muito nublado, e o vento era fraco de vários rumos, por acção de uma depressão de origem térmica centrada sobre a Espanha.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS: Porto, 18°; Portalegre, 14°; Penhas Douradas, 16°; Coimbra, 18°; Lisboa, 18°; Faro, 22°; Sagres, 17°; Funchal, 21°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 10 HORAS NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 19°; na água do mar, 16°.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 16 HORAS: máxima, 25°; mínima, 17°,5. No mesmo dia do ano passado: máxima, 26°,5; mínima, 18°,2.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ: Céu muito nublado, vento fraco de vários rumos, neblina e nevoeiro nas regiões do litoral oeste, durante a noite e manhã. Possibilidade de trovoadas nas regiões montanhosas do interior.

INAUGURAÇÃO DA PRAÇA DE TOUROS DE CASCAIS

Quinta-feira, 15 de Agosto

VISITA A QUELUZ, SINTRA E ESTORIL

Transporte, bilhete para a tourada e jantar no restaurante «A TOCA» incluídos no preço — Esc. 220$00

Consulte a

STAR

TURISMO VIAGENS

Peça já informações, pelos telefones 538971, 362501 e 260839

LOTARIAS E TOTOBOLA

CAMPIÃO

SEMPRE PREMIOS GRANDES

Diario de Lisbôa · N.º 325

Juvenil

DOS JOVENS PARA OS JOVENS

EU

Hoje não fui mais eu.
Fui o Outro, o roubado,
o ser idealizado
das minhas tardes de imperfeição.
Ah! Ainda pode haver felicidade!
— Foi a Vontade a pôr estrelas no chão.

NENA

Um jovem ao acaso

P — Como se chama?
R — Maria Adelaide Martins de Almeida Queirós.
P — Que idade tem?
R — 19 anos.
P — Estuda?
R — Se estudo? Toda a gente sabe que existe o «lobo solitário» e o que se move em alcateias. Em turma, não dou nada; sózinha, procuro saber. Sou um «lobo solitário»!
P — Que pensa de si própria?
R — Não gosto dessa pergunta. Não respondo. Peço perdão, mas as situações desesperadas exigem remédios desesperados.
P — Pratica algum desporto?
R — Natação.
P — Qual a pessoa que mais admira?
R — Admiro o meu padrasto. É um pai, e é mais do que isso, é um exemplo de bondade e compreensão.
P — Gostaria de viajar?
R — Comecei a fazê-lo este ano e só não saí da Península por causa da bolsa. Li algures «Ambula e lege» e suponho que é a melhor forma de saber. Saber mais, mais e mais, tornou-se-me uma obsessão. Descobri que, aprendendo, vivo mais vezes.
P — Gosta de ler?
R — A ler passo todo o tempo disponível.
P — Que livro, até hoje, mais a impressionou?
R — Aí está uma grande dificuldade! São muitos os livros que arrecadei num cantinho do coração onde guardo as coisas boas.
R — Também leio poesia, que me dá um prazer quase sacrílego. A propósito de poesia, quero aproveitar esta ocasião para felicitar António de Matos Pereira pelo seu «Poema da vinda dum homem» que me encantou.

(Continua na ultima página)

RE-VERSO

por Sibila Aguiar

Ontem as crianças brincavam já sem forças, com os lábios brancos de sede, os corpos esqueléticos e os ventres enormes, enquanto os adultos de olhos postos no céu esperavam quase sem fé o momento em que a nuvem desabasse com chuva, muita chuva, sonhavam com ela enquanto abriam a terra ressequida para enterrar os que não resistiam.

João está alegre porque finalmente a terra se sacia, os outros estão contentes, João não podia ficar indiferente a isso; triste, porque aquela água era tão tardia que só na terra as crianças e a mulher podiam bebê-la... João continuava sentado á sua porta e a água corre depressa para baixo. Há sempre uma voz que grita de alegria... A própria terra parece contente, engolindo, ansiosa, a água fresca...

João olhava... a nuvem desfez-se, choveu, choveu muito; a terra bebeu a água, saciou-se, mas não parou de chover... as palhotas enlameadas pareciam cada vez mais desoladas; as crianças brincavam chapinhando na água seus ventres redondos... e a chuva não parava... inundava os campos de milho e amendoim que afogavam o verde tenro das primeiras águas... E os caniços dobravam e as palhotas pareciam arruinadas. Os velhos de olhos cansados duvidavam ainda. Qual seria

(Continua na 4.ª página)

QUARTZO — 2

por MARQUES AFONSINHO

Pobre do E.! O esforço que ele faz para fazer crer que pertence a uma classe mais elevada! As criadas, os automóveis, os palacetes...

Ele começa a perceber que o «compreendo». À minha frente já evita repisar os seus temas preferidos. Tenho de ter com ele uma conversa muito a sério. Um remédio violento, que o possa ainda salvar...

●

O poema... Um poema deve ser o relato verídico duma aventura vivida, Toda a arte que não tiver costela de «diário de bordo» me aborrece.

Poeta que me lês... Estás certo de fazer o teu «diário de bordo»?

●

O homem livre é aquele que se libertou dos medos.

●

Estudar sem ser para

(Continua na 4.ª página)

LEITURA E MEDITAÇÃO

Palavras de Picasso:

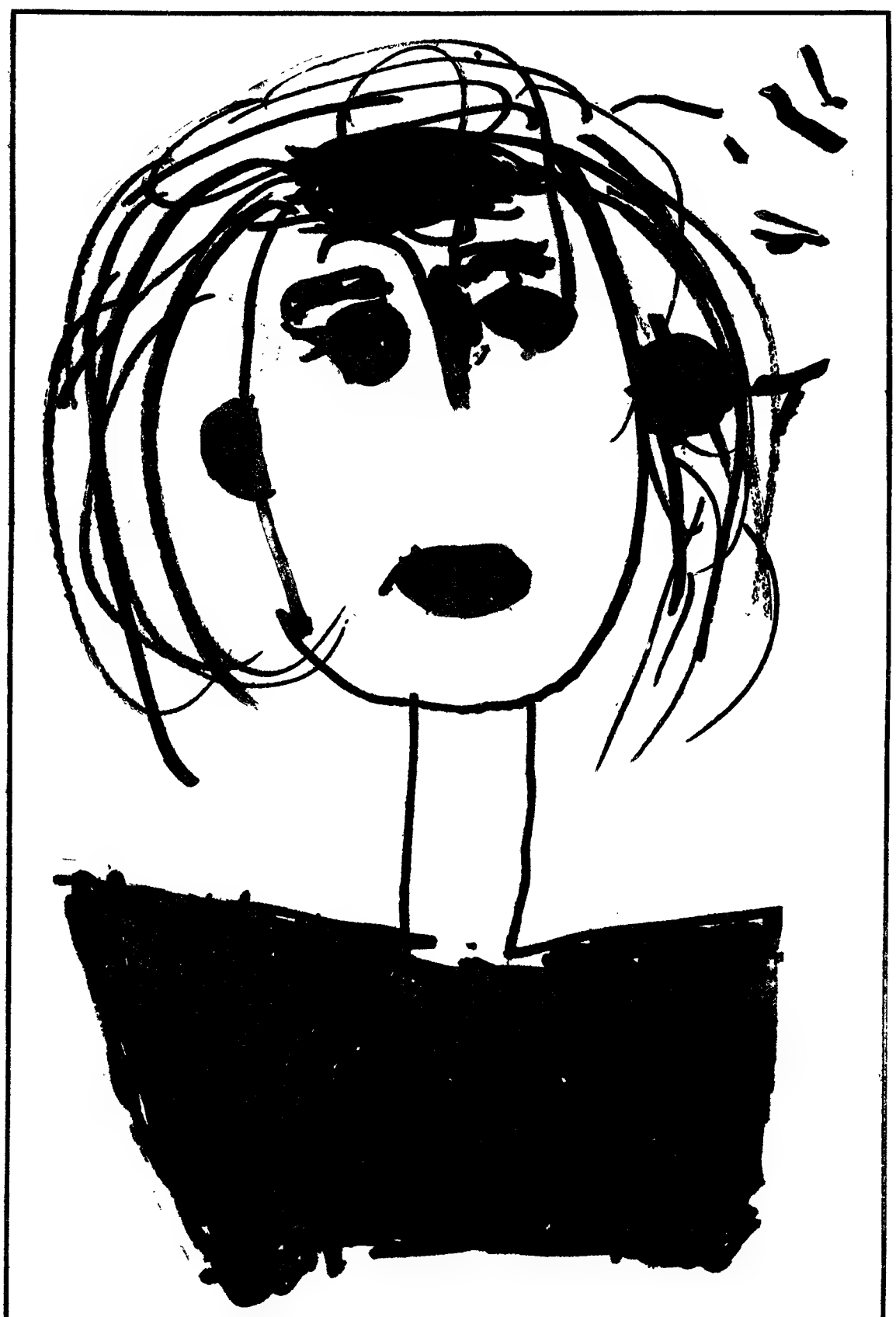
«Eu trabalho como os chineses, como os mexicanos: não conforme a natureza, mas como a natureza».

Trabalho, isto é, crio. Não estará nesta frase de Picasso o princípio da distinção entre o *criador* e o *imitador*, entre o natural e o artificial, entre, em resumo, o verdadeiro artista e o artista mentiroso?

*

De Claude Roy: «O que Goya conquistou não foi sómente uma maneira de representar: foi uma maneira de ser. Na medida em que a pintura se tornou para nós não já uma simples ilustração, mas uma linguagem, reconhecemos Goya no mais pequeno, no mais modesto

(Continua na ultima página)



A infância passa. Suas surpresas e emoções teimam em permanecer nos sectores menos acessíveis da nossa personalidade. O jovem irmão de Ana Rita L. P. Rocha, de 4 anos, não quis que este belo desenho de sua irmã passasse despercebido. Esta é a sua primeira e original colaboração.

ELE...

Ela estava doente, delirava, o quarto escuro, aquele vaivém de médicos e enfermeiros, o cheiro a hospital, o tédio, tudo reinava ali. Ela sofria, desesperava-se, não dormia. Lá fora o sol, a Primavera, a felicidade. Cá fora, o grupo, ele, lá fora tudo, tudo.

Ela estava só, as faces pálidas, os lábios contraídos, olhos fechados.

.....

Ela chorava, estava só, podia fazê-lo. Na frente dos outros não queria ser fraca... o quarto escuro, sem sol, ela recordava o seu querido quartinho de menina, em casa.

Não, não poderia viver mais ali, tendo por companhia a solidão, a tristeza, o vazio, os seus pensamentos, a saudade. Não, não, suportaria mais.

Bateram de mansinho á porta. Era uma mulher de branco, chamavam-lhe enfermeira, que lhe entregou uma carta.

— Leia devagar, ainda está fraca.

A voz da enfermeira era mecanizada, dura, desumana, todos eram cruéis, desumanos, ninguém a compreendia, ninguém.

Rapidamente rasgou o sobrescrito e... oh, mas era a letra dele, ele tinha-lhe escrito, não a esquecera ainda. Seria possível? Não era um sonho? Um bonito e agradável sonho?

Ele... esta palavra tinha poesia... Ana leu e releu desesperadamente a carta, devorou-a, a letra dele, a sua assinatura. Ana apetecia-lhe beijar uma a uma aquelas palavras... De repente, o quarto já não era o mesmo, havia sol, o ar cheirava a flores e Primavera, havia felicidade, lá fora o céu tinha tonalidades de sonho e fantasia.

MARIA EDUARDA VIEIRA
CORTE-REAL GRAÇA

Desenho de Cecília

MA-DRUGADA

Música nos olhos...
A madrugada escuta...
O caminho de bruma
Estilhaça-se à luz
Do sonho que canta.
É o meu?
Quem olha? Quem espera?
Sou eu,
Ou o Sonho sem mim?

Música nos olhos...
E donde o som aguado
Que me tange esta crença
De te ter perdido?

Num espanto vermelho
A madrugada escuta...
Música nos olhos...
Um Sonho fingido...

Fevereiro 1962

Maria de Lourdes Teresa Santos Martins

EN-TARDECER DE OUTONO

Entardecer de Outono...
Entardecer Lisboeta...

As folhas caíam
Em murmúrios
Murmúrios que embalavam
Nosso amor,
Depois, já no chão
Era seguir-lhes
Os movimentos
À roda, à roda, à roda...
E quando alguma
Vinha pousar
Nas nossas cabeças,
Eram risadas, era silêncio
Era um pretexto...

O vento de mansinho
Ou forte,
Era sempre bem-vindo!
Caminhar contra ele
Lado a lado
Olhando em frente...
Maior prazer? Não havia!
«A menina tem vento!»
Minha maneira infantil
De dizer: tenho frio!
Tinha o seu quê de verdade...
Era... mais juntinhos, mãos apertadas com força.
Era um pretexto...

As castanhas
Estalando, quentinhas...
Nos carrinhos verdes
Nos cones de jornal.
E a campainha
Tocando, alegre
Como um sino:
Cá está o Outono!
Eu gostava,
Se eu gostava de castanhas!
E abrias o cartuchinho quente (dava gosto pegar-lhe)
Era a mais loira, a mais gorducha... p'ra mim!
Era um pretexto...
Entardecer de Outono...
Entardecer Lisboeta...
Pretexto de Amor...

MARIA DE FÁTIMA
OTTONE DA CRUZ
1960

Desabafando

Existo neste mundo há 18 anos. Nasci 2 meses antes da tragédia de Hiroshima, e talvez por uma ironia do destino, os meus colegas chamavam-me «Nuclear». Apesar deste cognome tão «explosivo», não sou tão doido, como a palavra exprime, aliás sou calmo, e medito bastante antes de iniciar algo que me interesse.

Divido-me sempre em duas pessoas: «Eu», escriturário, e o «eu» estudante; no primeiro caso considero-o relativamente bom, pois as preocupações são quase nulas e uma ou outra dificuldade que aparece é sempre devida á organica de serviço que por vezes falha. No segundo, com sinceridade e pesar, digo que me deixa muito a desejar, porque infelizmente o ambiente na escola é deplorável pela falta de camaradagem e amizade que existe. Sob este ambiente vale-me o «grupo», constituído por parte da turma que num gesto de camaradagem e compreensão atenua mutuamente aos seus componentes o «ar pesado» que se respira.

Sentado, com a minha «bica» e a «Matemática» na frente tento estudar. Ainda chove, e dentro do «café» sinto-me bem. Esta sala publica influi em mim muito estranhamente. Quando aqui entro tenho uma sensação de alegria, que depois se torna em angustia. Creio que das poucas vezes em que sonho acordado são aquelas em que aqui entro. Pareço que estou novamente sentado a falar com... Sim, foi aqui que conheci uma «alma gémea» da minha, quase no fim do ano, mas nunca nos compreendemos.

Sempre a contactar com raparigas, e a ouvir da família sempre esta frase: — «Trata as moças como se fossem tuas irmãs»...

Vinte horas. Acabo de tomar a «bica», que estava quase fria. Acendo um cigarro meu companheiro fiel de todos os momentos.

A «Matemática» na minha frente lembra-me que tenho de estudar... Ah? Esqueci-me deles! Aí vem o «grupo bem disposto e com vontade» (isso demonstram por fora, por dentro...) de estudar. Arrumamo-nos o melhor que podemos. Seguem-se as perguntas da praxe: — «Como estás?», «Estás com cara triste?», «Hoje correu-te tudo bem?», etc. Calmamente respondo. 20,30 horas. Continua a chover; mais uma «bica» á minha frente e começamos a estudar. Daqui a 24 horas temos ponto de Cálculo, ou Matemática se preferirem.

Lisboa, 16-3-63.

RUI BARROS
(18 anos)

A FATALIDADE DOS DIAS

Comigo nasce o sol
que sobe como um gato
e vai deixando as unhas
nas paredes de um velhaco assassino
que beijou a carne de um prisioneiro fraco.

Comigo levo o fogo
que incendeia as camas de homens descansados.

O choro por um jovem
pintado de carvão
no campo da batalha.

Daí crescerem as bibliotecas!

Depois comigo fujo dos amigos
e vou nas horas ociosas
ler a história de qualquer desgraça...

ANTÓNIO DE MATOS PEREIRA

Suplemento do Diario de Lisbôa

EXITO

teatro * cinema * rádio * televisão
teatro * cinema * rádio * televisão
teatro * cinema * rádio * televisão

Michelangelo Antonioni

entrevistado por Baptista Rosa

«IL Y A DES GENS QUI CROIENT QUE JE FAIS DES FILMS AVEC LA TÊTE; PEU D'AUTRES PENSENT QUE J'Y METS LE COEUR; POUR MA PART, J'AI LE SENTIMENT DE LES FAIRE AVEC LE VENTRE» — CONFESSA...

Nada de especial o chamava a Berlim. Michelangelo Antonioni detesta os festivais, o seu mundo de vedetismo, os negócios urdidos nos seus ambientes, os seus discutidos prémios. E, no entanto, Berlim já lhe concedeu um «Urso d'Oiro» com «La Notte»... mas Cannes repudiou o seu «Eclipse».

A sua presença na Kunfurstendam é como que um testemunho de reconhecimento ao festival que mais efusivamente prestou homenagem ao seu talento. Triste, angustiado, frio, Antonioni escapa-se ao convívio artificioso destas manifestações, mas não se furta ao convívio com a Crítica. Tomámos parte na conferência de Imprensa que concedeu e tivemos depois oportunidade de manter por algumas horas um convívio que permitiu a recolha de certas impressões do realizador de «O Grito».

— Fazer um filme nada tem que ver com a redacção dum romance. Flaubert dizia que viver não era o seu «métier»; o seu «métier» era escrever. Fazer um filme é, ao contrário, viver . pelo menos para mim, que adoptei esta cómoda comparação apenas para valorizar as minhas intenções. A minha história pessoal não pára durante a rodagem dum filme mas, ao contrário, é então que ela se torna mais intensa. Esta sinceridade, esta maneira de ser, duma maneira ou doutra autobiográfica, o que é senão uma forma de participar na vida, de acrescentar qualquer coisa de válido (pelo menos nas intenções) ao nosso património pessoal, sobre cuja riqueza ou pobreza os outros julgarão?

Antonioni parecia angustiado, melancólico, triste, olhando a meia centena de jornalistas com certo nervosismo.

— «Eu penso que os homens de cinema devem sempre estar ligados, conforme a sua inspiração, ao seu tempo, não totalmente para exprimirem e interpretarem os seus acontecimentos mais realistas e mais trágicos, mas para recolherem as suas repercussões, para serem conscientes e sinceros consigo próprios, honestos e corajosos com os outros. Creio que é esta a unica maneira de estar vivo... de merecer viver!».

A assistência sente-se presa, entrega-se ás reflexões serenas de Antonioni que responde sem uma hesitação.

— ...«E' evidente — e até uma verdade generalizada — que tudo o que me aconteceu na vida me tem incitado a inventar certas histórias, de preferência a outras. Isto eu posso afirmá-lo, mas já não posso determinar com precisão quais são as experiências cinematográficas ou extracinematográficas que contribuiram para a minha formação. E' difícil dizer como nasce uma história, como imaginei a história de «Crónica de Um Amor» ou «O Grito». Os filmes nascem em mim como os poemas no coração de um poeta (não me faço passar por poeta, estabeleço uma comparação). Palavras, imagens, conceitos impõem-se ao espírito, tudo se mistura e o poema surge Creio que sucede o mesmo com os filmes. Tudo o que lemos, sentimos, pensamos, vemos se concretiza em imagens num dado momento e dessas imagens surgem os resultados. São, portanto, os factos precisos que sugerem as histórias...».

Estes conceitos, estas afirmações são agora reafirmados e repetidos por Antonioni que os fez em colóquios, em entrevistas, em conferências de Imprensa e até em escritos seus.

— O meu próximo — «O Deserto Vermelho» — está a ser feito a cores. A acção decorre em Ravena, actualmente transformada em zona industrial que modernizou a população e a paisagem. A

(Continua na página central)

A carreira de Chevalier

O sempre jovem Maurice Chevalier está de novo a correr Mundo, com o maior êxito.

Maurice diz que não sabe apontar o motivo do seu êxito, quase eterno. Acha, porém, que o público, principalmente o feminino, exige uma determinada coisa do artista, que ele não sabe bem definir ou explicar o que seja. E por intuição procura oferecer-lhe o que ele deseja. Outro facto que considera importante na sua carreira é o trabalho. Nascido em 12 de Setembro de 1888, na Rue de Retrait, em Paris, Chevallier foi o nono filho de uma família muito pobre. E desde muito cedo teve de aprender que o trabalho era a coisa mais importante da vida.

Artista aos 12 anos

Desde muito cedo surgiram os seus méritos artísticos. Entusiasmado com espectáculos de sal-

(Continua na página central)

Os dois artistas gregos, tendo a seu lado Rogério Paulo, falam para o nosso jornal que, aliás, folheiam com curiosidade

Na Grécia há 50 companhias teatrais que representam as peças que querem, sem qualquer espécie de restrição

— disse-nos o encenador Dimitri Murat, director do Teatro de Atenas

Em Portugal, e supomos que em quase todos os países, sabe-se mais do teatro grego da época anterior a Cristo do que do ambiente teatral da Grécia de hoje. E, no entanto, há nos dias que correm um evidente surto de florescimento teatral na pátria de Sófocles.

Aproveitámos, pois, a oportunidade que se nos ofereceu a presença de Dimitri Murat, director do Teatro de Atenas, para obtermos para os nossos leitores algumas informações que nos parecem de interesse.

Uma cena do filme «L'Ape Regina» (A Abelha Mestra), com Marina Vlady e Ugo Tognazzi

● 21 teatros em Atenas

Chegámos á fala com Dimitri Murat por intermédio de Rogério Paulo, que o conheceu durante o congresso ultimamente realizado pelo Instituto Internacional de Teatro, na capital da Polónia. Junto dele encontrava-se sua esposa, a actriz Voula Zoumboulaki, primeira actriz dramática do Teatro de Atenas.

Actor e encenador, Dimitri Murat é, também, presidente do Centro Grego do Instituto Internacional de Teatro.

A nosso pedido, começou por falar do ambiente teatral no seu país:

— Em Atenas há a funcionar, permanentemente, 21 companhias de teatro declamado, comédia e «music-hall». Em Salónica há, com carácter permanente, 4 teatros e na província actuam mais 25 companhias itinerantes. No total, 50 companhias teatrais. Num país com oito milhões e meio de habitantes não é mau, pois não?

— É magnífico. Entre nós não haverá uma duzia.

— Sim? No Verão, quer na capital, quer na província, efectuam-se espectáculos em 16 teatros ao ar livre.

— Os preços dos bilhetes são caros?

— À volta de 40 dracmas, isto é, o preço de uma refeição comum num café ou restaurante médio.

— Há interesse pelo teatro?

— Bastante. É certo que, se uma peça não agrada, pode cair em três ou quatro dias. Mas se desperta interesse está em cena,

(Continua na página central)

Baptista Rosa e Antonioni em Berlim

Michelangelo Antonioni

entrevistado por Baptista Rosa

(Continuação da 1.ª página)

história é simples, acessível como sempre procuro. Eu parto sempre duma história... nunca dum tema. Se depois do filme feito esse tema surge, é porque eu sou um homem com ideias!».

A notícia desta sua nova obra provoca uma tempestade de perguntas. Fala-se no fracasso de bilheteira de «Eclipse», que o Festival de Cannes desprezou em 1962. Citam-se as dificuldades que Antonioni enfrenta para encontrar produtores para os seus projectos e é ainda ele que esclarece:

— «Diz-se que este meu ultimo filme foi interrompido e não chegará a concluir-se. Diz-se... em Itália, o cinema atravessa neste momento uma das suas crises mais graves. Os produtores desconfiam dos chamados filmes intelectuais e acentuadamente artísticos. Há excepções, mas estas só confirmam a regra. O Banco de Estado italiano, a que recorrem todas as firmas produtoras de Roma e sobretudo os produtores independentes, recusa agora adiantar dinheiro e projectos, cujo sucesso comercial seja duvidoso. Eu, os meus filmes e os produtores com que trabalho somos vítimas crónicas e já tradicionais do Banco de Estado que, no caso de «O Deserto Vermelho», recusa apoio financeiro, mesmo com uma garantia de distribuição mundial, que ultrapassa o orçamento previsto.

Felizmente, uma importante firma distribuidora internacional assegurou já a continuação das filmagens».

Quando a conferência de Imprensa terminou e Antonioni se submetia, em pequenos grupos, a um ou outro esclarecimento, aproveitámos a oportunidade para uma pergunta a que obtivemos amável resposta:

— «Tive muita pena de não poder estar presente em Lisboa, para assistir á exibição de «O Grito» no quadro do Festival da Imprensa e aproveito este contacto para um esclarecimento. A data que me indicaram para me deslocar a Portugal coincidiu com a decisão do Banco de Estado (a que me referi) e com a necessidade duma deslocação urgente a Paris para o estabelecimento de negociações com os distribuidores.

Já tive oportunidade de confessar a Fonseca e Costa, que assistiu á rodagem de «Eclipse», o meu interesse em visitar o vosso país. Perdi uma excelente ocasião, mas aproveitarei outra que surja».

No dia seguinte, Antonioni deixou Berlim a caminho de Paris. Soubemos mais tarde que todos os entraves á rodagem de «O Deserto Vermelho» haviam sido removidos.

— «Eu não gosto de nenhum dos meus filmes nem tenho predilecção particular por qualquer deles e isto porque ainda não pude fazer um filme em condições normais e exprimindo tudo o que queria...».

Maurice Chevalier

timbancos, montou, aos 12 anos, um numero acrobático com um dos seus irmãos, tentando a sorte num café-concerto. Dali passou a figurante em algumas revistas musicais, conseguindo, finalmente, um contrato para participar da então fabulosa companhia, cuja figura principal era uma «estrela» não menos fabulosa: Mistinguett.

O chapéu de palha

Nos anos da primeira guerra mundial esteve muito tempo fora dos palcos, pois foi feito prisioneiro pelos alemães. Quando a paz voltou, Maurice também voltou á pátria e aos palcos. Durante o longo tempo do cativeiro imaginara e criara um novo numero que seria a chave do seu sucesso e que serviria para imortalizá-lo: cantava e dançava de «smoking» e sempre usando uma bengala e um chapéu de palha.

Cinema

Naquela época o Cinema ainda gatinhava mas ele já tinha a experiência de alguns filmes mudos realizados em França. Hollywood chamou-o, levando-o ás telas de todo o Mundo, através de êxitos inesquecíveis como «A canção de Paris», «Parada do amor», «Folies Bergère», «A viuva alegre», etc. Durante oito anos triunfou nos estudios de Hollywood pela sua capacidade pessoal e pelo seu «charme» e encanto.

Regresso á revista

Em 1936 Maurice resolveu suspender as actividades cinematográficas, retornando ás revistas e reconquistando os centros nocturnos de Paris. De 1940 a 1944 percorreu em «tournées» toda a Europa não ocupada e realizou vários espectáculos para os soldados aliados. Terminada a guerra filmou «O silêncio é de ouro» e realizou recitais nas principais casas de espectáculos de França, Inglaterra, Estados Unidos e Canadá, estendendo-se até á América do Sul. Pela segunda vez o Cinema chamou-o.

Êxito permanente

Durante alguns anos, Chevallier voltou a Paris, afastando-se temporáriamente das actividades artísticas e mostrando desejos de não mais regressar. Em 1956, Hollywood passava por uma fase de crise. Alguns estudios lembraram-se de convocar os ídolos do passado. Custou muito a convencer Chevallier. Mas para os que diziam que ele estava acabado e superado, respondeu com o êxito de «Gigi».

Contratado a peso de ouro, Chevallier voltará a percorrer a América Latina para se exibir na televisão e nos teatros, personificando o milagre da longevidade.

ÉXITO

Cinema em Festival — San Sebastian-63

Dois «monstros sagrados»

(Bette Davis e Joan Crawford)

num filme americano

por OLIVEIRA PINTO

Esta quinta jornada do festival foi vivida sob o signo da mulher. Debaixo da impressão profunda e dominadora da sua graça, dos seus encantos e beleza e do seu talento. Graça, encantos e talento de estilo norte-americano e, também, ao jeito francês.

Dois «monstros sagrados» presentes no «écran» e uma actriz jovem e aplaudida da cena e dos estudios franceses, presente ao «vivo» e também apresentada na «tela» do palácio do festival.

Ao quinto dia aconteceu, na verdade, o reinado e triunfo da mulher. De mulheres do novo e do velho mundo. Eram elas Bette Davis, Joan Crawford e Nicole Courcel.

TRIUNFO CLAMOROSO DE DUAS VETERANAS PELA MÃO DE ALDRICH

«What ever happened to baby Jane?» é uma história atroz de loucura e de crueldade. O filme que foi exibido extraconcurso, dado o facto de se ter candidatado, antes, em Cannes, é uma história bastante *hitchcockesca*, urdida hábilmente, desde a sua motivação argumental até á feição nitidamente teatral, com um objectivo fundamental senão unico — festival autêntico de duas actrizes fora de série, veteranas talentosas do cinema, frente a frente numa pugna pacífica de interpretação dramática — Bete Davis e Joan Crawford. Por trás delas, o pulso firme e criador de Robert Aldrich, o famoso realizador de «Ataque».

Ao longo de todo o filme assiste-se ao processo evolutivo, já na fase derradeira, de uma perturbação mental durante a qual ressurgem vivências infantis, alternando com crises de furor e com um raciocínio frio que levarão, por fim, á violência e ao assassínio. Esse papel coube a Bette Davis. A vítima, em angustia permanente agravada pela invalidez física, é Joan Crawford. Uma e outra conduzem as suas interpretações ao nível de autêntico tratado da arte de bem representar.

Bette Davis é a mulher que não se resigna á perda da fama e popularidade que sempre a tinham rodeado enquanto fora «menina-prodígio». Agravando, ainda, esta situação, enquanto declinava o seu encanto infantil, crescia a celebridade de sua irmã Blanche, como actriz de cinema. Um dia, porém, deu-se um acidente de automóvel que cortou cerce a sua carreira ascencional. A partir de então, imobilizada, ela será a vítima indefesa nas mãos demoníacas da irmã, cada vez mais enlouquecida. Vítima de rancores tremendos e de pequenas e sinistras maldades. O clima dramático da acção atinge, então, uma plenitude inusitada que conduz, depois, a um final que tem tanto de impressionante como de lógico.

Robert Aldrich teve em «What ever happened to baby Jane?» um bom exercício de cinema funcional, onde cada pormenor se integra, da melhor forma, num conjunto impecável. Poderá, porém, e talvez, apontar-se, por vezes, excessos de um «suspense» rebuscado. Assim, e por exemplo, cada vez que a desgraçada Blanche procura fazer algo que a liberte da opressão fraterna, como seja pedir auxílio exterior durante as ausências da irmã, pensa-o e tenta-o, sempre demasiado tarde, quando o seu verdugo está já prestes a chegar e a anular, portanto, os seus intentos.

Contudo, é sabido que este género é assim mesmo e já de há muito. Com efeito, o «suspense» sempre se apoiará em artifícios emocionantes. O que não podemos deixar de admirar, porém, é a forma feliz como Aldrich joga com todos eles.

Para além das interpretações admiráveis, soberbas, de Bette Davis e de Joan Crawford, aponte-se, ainda, a presença de Victor Buono, Anna Lee e Maidie Norman.

Diz-se com certa frequência que é muito fácil a qualquer boa comediante viver e criar o papel de uma louca. Mas viver a loucura «sensata», plena de uma lucidez encaminhada unicamente para o mal como Bette Davis o faz, só uma trágica da sua categoria. Contudo, e numa apreciação muito pessoal, quase nos atrevemos a expressar preferência pela criação portentosa de Joan Crawford, menos brilhante de aparência, é certo, mas bem mais difícil em profundidade.

NICOLE COURCEL (ACTRIZ DO CINEMA E DO TEATRO), INTÉRPRETE DE «OS DOMINGOS DE CIBELE», NÃO GOSTA DA «NOVA VAGA»

Tem sido fulgurante a carreira de Nicole Courcel. O seu primeiro encontro com Jacques Becker (sempre em busca de rostos novos e de valores desconhecidos) modificou o curso apagado da vida de Nicole, a vida de uma burguesinha acomodada. A sua estreia no cinema verificou-se em «Rendez-vous de Juillet». Depois, Marcel Carné deu-lhe o papel da protagonista de «La Maria de Port», com Jean Gavin e Blanchette Brunoy. E vieram muitos outros filmes, entre os quais «La grand pavois» que lhe valeu o prémio da melhor interpretação feminina em Vichy.

E interpretou, ainda e finalmente, «Les dimanches de Ville d'Avray» («Os domingos de Cibele»), de Serge Bourguignon, ao lado de Hardy Kruger e da pequena Patricia Gozzi. Dado que este filme já foi apresentado (e com êxito), e é sobejamente conhecido entre nós, não faremos aqui a sua apreciação. Apresentaremos, antes, a entrevista que nos concedeu Nicole Courcel, presente em San Sebastian a fim de assistir á exibição daquela película.

*

E' culta. E' alta e elegante, típicamente parisiense. Loira e bonita, fará 32 anos em Outubro próximo. Casada com o actor Michel Piccoli (intérprete do filme «Le jour et l'heure», de Clement, apresentado anteriormente no festival) parece viver ainda em plena lua-de-mel. Emociona-se a falar dele e os olhos brilham-lhe de felicidade.

— Qual a sua opinião sobre Serje Bourguignon?

— A melhor. Admiro-o muito. E' muito exigente com os intérpretes, mas também possui outra excelente qualidade — uma vez devidamente ensaiadas as cenas, dá-nos inteira liberdade interpretativa. Com ele, os actores trabalham com toda a naturalidade e desenvoltura. Bourguignon é um autor e não um executante, bem preparado e que sabe formar um conjunto homogéneo, unido pela melhor amizade. E' um verdadeiro amigo. Durante a rodagem de «Les dimanches de Ville d'Avray» todos trabalhámos unidos, não com a ansia de ganhar dinheiro, mas sim procurando fazer algo de sério e muito sentido que era a obra de todos nós. Assim, quando o filme ganhou o «Oscar» para o melhor filme estrangeiro Bourguignon exclamou: «Vencemos! Fomos todos nós que o conseguimos!»

— Quando se estreou no cinema?

— Foi aos 17 anos, com Jacques Becker. Um grande amigo que perdi. Era um director que gostava dos intérpretes. Devo-lhe a prova de amizade e de confiança que me deu chamando-me para aparecer no seu filme e estrear-me no cinema. Era um mestre e um amigo.

— Quantos filmes interpretou até hoje?

— Vinte e cinco. Trabalho em dois filmes por ano, em média. E, além disso, também actuo no teatro. E a propósito, não é esta a minha primeira vinda a Espanha. Há anos estive em Madrid, onde representámos Racine.

Nicole Courcel, a pequena Patrícia Gozzi e Hardy Kruger em «Os domingos de Cibele». Filme recebido com aplauso em todo o Mundo, ele vinca a harmonia entre a pureza plástica da imagem e a pureza que emana de uma poética história de amor entre um homem de 30 anos e uma criança de 12

AS DECLARAÇÕES PROFERIDAS PELO PRESIDENTE DO CONSELHO

(Continuação da 1.ª página)

ultramarina, independentemente das apaixonadas e interessadas polémicas internacionais. O resultado da minha reflexão é o que exponho a seguir.

A Constituição Política define a Nação Portuguesa como um Estado unitário, na complexidade dos territórios que a constituem e dos povos que os habitam. A fórmula constitucional não é neste ponto mais que a declaração de um estado de consciência estratificado em séculos de história, e, através desses séculos, pelo trabalho dos portugueses e pelo humanitarismo cristão de que foram portadores.

Evidentemente, a consciência da Nação pode obnubilar-se em momentos críticos e mesmo subverter-se, e a Constituição é um texto que formalmente a vontade nacional que a definiu pode também modificar. Isso nos tem sido sugerido de muitos lados com alguma ligeireza. Porque a questão não é essa: a questão é saber se os dirigentes podem propor e aconselhar à Nação mudar a sua mesma estrutura pela pressão de razões estranhas ao seu próprio ser e, se as modificações estruturais, mesmo quando aceites pelos povos, serão para seu bem. O que se impõe aos governantes há-de ser em cada momento encarado à luz do sentimento nacional e do interesse da grei; de modo algum por sujeição a desígnios que a um e outro se opõem.

Conceito de nação

O conceito de nação é inseparável no caso português da noção de missão civilizadora, muito para além e muito diferente da introdução de novas técnicas e da exploração das riquezas naturais dos territórios achados. Tratando-se de um conjunto de povos, de raças, idiomas e cultos diferentes, e desenvolvimento económico díspar, a acção nacionalizadora não pôde desprender-se do esforço que foi plasmando as populações, aproveitando os elementos úteis de culturas que encontrou no seu caminho, atenuando os divisionismos e rivalidades tribais, fazendo participar a todos do trabalho comum, finalmente despertando a consciência do *nacional*, isto é, criando uma pátria e elevando as gentes ao nível de uma civilização superior. Os que descrêem sorriem desdenhosamente de nós; mas esta é a nossa maneira de estar no Mundo como já tem sido afirmado por outros.

Não importa ao esclarecimento do problema actual o facto de que o nosso grande império de Quinhentos foi perdido através de vicissitudes históricas, porque, em parte tomado por outros, estes o exploraram e também o perderam já. Mas importa frisar que onde ao português foi dado tempo pelos seus concorrentes para instalar-se, agarrar-se à terra, conviver e misturar-se com as populações, guiá-las à sua maneira; onde e quando isso foi possível, o português ou deixou um traço indelével de lusitanidade ou pura e simplesmente estendeu Portugal. E é assim que também somos, além do mais e a melhor título que outros, uma nação africana.

Ouve-se falar, reclama-se lá fora em altos gritos a independência de Angola; mas Angola é uma criação portuguesa e não existe sem Portugal. A única consciência nacional vincada na província não é angolana, é portuguesa; como não há angolanos mas portugueses de Angola. Abstraindo de Portugal, há o Ngwizako a solicitar se reconstitua o reino do Congo em forma de Estado moderno; há as etnias dos distritos do Moxico e Lunda que nos solicitam a criação da República do Mushiko, independente das mais. Se não houver Angola, terão de retalhar-se os Congos; barrar a Léopoldville a saída para o mar e converter o Congo ex-belga em Estado interior; cortar no Sul da província ou mais assisadamente no Sudoeste africano para reconstruir o império dos Muanhamas que teve entre nós a sua capital em Ngiva, hoje Vila Pereira de Eça.

O mesmo que fica dito se aplica a Moçambique. Há meses o governador-geral dirigiu à juventude um discurso que todo é e se resume nesta proposição: Moçambique só é Moçambique, porque é Portugal, que o mesmo é dizer: é feito o cimento que nos liga e que o faz parte da Nação Portuguesa, não haverá mais Moçambique nem na história nem na geografia. Os que viveram os acontecimentos das últimas décadas ligados à região e porto de Lourenço Marques; os que têm acompanhado a legítima ansiedade das Rodésias quanto às suas ligações com o mar; os que não ignoram certas ideias ou ambições muito correntes nos Estados limítrofes, do Tanganica e da Zâmbia, ajuizarão da premência com que se procederia à redistribuição de territórios e valores que fundamentalmente se nos devem e são de direito portugueses.

Estes problemas, quando pretendemos resolvê-los à luz dos princípios com que algumas potências europeias iniciaram no século XIX a colonização em África, não revestem complicações de maior. Como as sociedades capitalistas se criam, se fundem, se desdobram, se liquidam e se lhes nomeiam novos administradores, com alargamento ou restrição de competência, assim se pode operar nos territórios africanos, contanto que o elemento humano, na sua ânsia de viver, de civilizar-se e progredir, não tenha de ser considerado no jogo. Quando, porém, se tem diante de nós uma obra de elevação social, de civilização, começada, prosseguida, assente em princípios morais e com determinantes políticas já seculares, reclamados pelo bem dos povos, não se pode agir tão à vontade.

A crise africana

Os dirigentes contemporâneos têm a tremenda responsabilidade de uma crise do continente africano que não se atenuará e muito menos sanará em dois ou três séculos, pelas muitas guerras que ali se farão, pretendidos reajustamentos geográficos ou rácicos, anexações, divisões de Estados, reagrupamento de outros, instabilidades do poder público, falta de meios de progresso, pois, havendo-se perdido o comando, nada poderá ser resolvido nem pelo concerto das potências, nem pela unidade que se proclama e todos sentem impossível de realizar. Se a estes factos de ordem material acrescentarmos os choques morais, inevitáveis em tal convulsão e sucessivamente impostos às populações pelos novos conquistadores — porque aqueles povos também têm alma —, poder-se-á ajuizar da extensão da catástrofe.

Quanto a nós, a crise africana veio atingir-nos num momento em que ainda se podem notar revivescências de estádios anteriores de evolução, não inteiramente apagados pelo nosso esforço nacionalizador. Tais revivescências, que é natural se afirmem nestes momentos convulsos, estão a ser impulsionadas por interesses estranhos, mas não têm vigor para contrapor-se, só por si, a unidade adquirida. A língua que ensinamos àqueles povos é superior aos seus dialectos ou não? A religião propagada pelos missionários sobreleva ao feiticismo ou não? Construir uma nação de expressão civilizada e projecção mundial vale mais do que fechar-se no acanhado regionalismo, sem estímulos de desenvolvimento sem meios de defesa e sem apoios para o progresso? Se respondemos afirmativamente a estas interrogações, não podemos deixar de concluir que esse estado de consciência nacional criado pelos portugueses entre povos tão diversos representou benefício para todos, benefício que se perderia inteiramente se condescendessemos em retrogradar.

Unidade política e igualdade jurídica

A existência do elemento nacionalizador na inspiração desta concepção política fez que todos e em toda a parte sejam portugueses; a variação das condições geográficas e dos climas, como a preponderância de certos fundos étnicos fazem que uns sejam europeus, outros africanos, outros asiáticos. E estas diferenças projectam-se nas normas político-administrativas por que nos regemos e no modo de convivência das populações. A unidade nacional não exige metrópole e territórios, que podem até considerar-se uma dualidade aberrante, mas exige uma capital, um governo, uma política; a variedade das populações impõe a igualdade jurídica de todas as etnias, ou seja, o multirracialismo nas leis e na vida; a diversidade dos territórios, da sua extensão e condições naturais, leva a certa diferenciação na constituição e competência dos órgãos encarregados de administrá-los e nas suas relações com os órgãos centrais.

À medida que os territórios progridem económica e socialmente, que as élites locais são mais numerosas e capazes, podem aparecer forças centrífugas que aspiram à plenitude do poder e ao monopólio das situações, e isso representa um risco para a unidade da Nação. No caso português, porém, estão abertas e cada vez mais facilitadas as vias de acesso aos mais altos postos — Adriano, nascido em Espanha, pôde ser imperador em Roma —; e por outro lado, havendo um quase equilíbrio populacional, há ainda grande desequilíbrio de possibilidades nas parcelas europeia e ultramarina de Portugal, e por isso essas forças, se existem, representam interesses egoístas de minorias que agem contra si próprias e contra a colectividade e o interesse geral. Em tal direcção ou tendência deverão ser combatidas, ao mesmo tempo que utilizadas ao máximo e canalizadas para o trabalho comum.

Multirracialismo e racismo negro

O multirracialismo que hoje começa a ser citado e admitido pelos que praticamente o não aceitaram nunca, pode dizer-se uma criação portuguesa. Ele deriva por um lado do nosso carácter, e por outro dos princípios morais de que éramos portadores. Se não fora a clamorosa exemplificação que dessas sociedades mistas — luso-tropicais — pode hoje ser apresentada, talvez mesmo nos negassem que para a sua existência histórica tivéssemos concorrido. O racismo negro que as novas independências africanas defendem e afirmam pretender implantar naquele continente é neste ponto a negação das nossas concepções, mas não poderá manter-se senão aderindo a elas. Já começa a ver-se que a única probabilidade de êxito desses novos Estados está em consagrar os mesmos princípios de não discriminação ou de igualdade racial, que nós proclamámos e praticámos sempre. A grande dificuldade está em que uma sociedade multirracial não é uma construção jurídica ou regime convencional de minorias, mas acima de tudo uma forma de vida e um estado de alma que só podem equilibrada e pacificamente manter-se, apoiadas numa longa tradição. Deste modo não somos nós que temos de desviar-nos do caminho; são os outros que em seu próprio interesse deverão tomá-lo. E aquelas minorias centrífugas a que acima me referi, seja qual for o grupo étnico a que pertençam, haviam de meditar em que não têm futuro no desconhecimento destas verdades fundamentais.

Unidade nacional e descentralização administrativa

A unidade nacional, respeitados os seus elementos essenciais — uma capital, um governo, uma política —, é perfeitamente compatível com a máxima descentralização administrativa, na constituição de órgãos locais e na definição da sua competência. Evidentemente, que a administração tem de mover-se dentro do círculo mais largo, que é a política nacional, e terá de agir em obediência às suas directrizes. Para sermos coerentes devemos, assim, ao alargar a descentralização administrativa, não esquecer a parte que os diferentes territórios desempenham na constituição e funcionamento dos órgãos superiores da Nação, bem como a necessidade de observância da linha política nacional. O desenvolvimento dos territórios multiplica os problemas locais e exige órgãos que deles se ocupem directamente, e em reconhecê-lo não esteve nunca a dificuldade. A dificuldade está em saber como se conjuga uma administração plenamente autónoma com a unidade governativa nacional; em definir a coordenação dos serviços nacionais com serviços congéneres das províncias; em organizar o Ministério do Ultramar, tanto na competência que exerça em exclusivo, como na que tome como intermediário entre órgãos locais e o Governo. Ora tudo isto comporta tantos e tão delicados problemas que não podemos estar seguros de todos terem logrado sempre a melhor solução. Mas deste assunto não me ocuparei hoje.

A Constituição permite a descentralização administrativa que, sendo conforme o estado social dos territórios, não atente nem lese a unidade nacional.

Ora nós podemos dizer que, à parte esta exigência, as grandes províncias ultramarinas são, na legislação actual, verdadeiros estados administrativamente autónomos, integrados politicamente e para cujas populações se busca uma assimilação de cultura.

A Lei Orgânica do Ultramar acaba de ser reformada de acordo com tendências ou aspirações reveladas pelas províncias e com o que pareceu serem as indicações do presente momento. O modo de ver das províncias foi revelado no Conselho Ultramarino designadamente pelos seus representantes directos — os governadores e os membros eleitos dos Conselhos Legislativos locais e ainda indirectamente pelos representantes de actividades económicas. As grandes linhas de orientação que puderam notar-se nas discussões do Conselho Ultramarino, da Câmara Corporativa e da Assembleia Nacional, podem, apesar da complexidade das matérias, enunciar-se como segue:

- maior representatividade dos órgãos locais;
- mais lata competência destes órgãos no âmbito da Administração;
- maior intervenção das províncias na direcção da política nacional.

A primeira aspiração pôde ser satisfeita através da extensão dos Conselhos Legislativos a todas as províncias, do alargamento do número de vogais e predominância eleitoral da sua designação, e também da criação de Conselhos Económicos e Sociais, de funções consultivas, tanto junto do Conselho Legislativo como do governador.

Obedeceu-se à segunda linha de orientação no alargamento da competência dos Conselhos Legislativos quanto à matéria dos diplomas deles emanados, em entregar-se aos órgãos locais tudo quanto respeita à elaboração e aprovação do orçamento, e em passar-se para o governo de cada província a competência que tem sido do ministro do Ultramar nalguns pontos importantes da administração, como seja, organização de serviços, quadros e vencimentos.

Foi por fim revelado o empenho de maior intervenção das províncias na condução da política nacional, e viu-se, desde logo, que a primeira e mais segura fonte desta intervenção se encontraria na constituição dos órgãos superiores do Estado. Elegendo já as províncias deputados à Assembleia Nacional, havia de assegurar-se também a representação ultramarina na Câmara Corporativa, no Conselho Ultramarino, bem como em todos os Conselhos Consultivos de âmbito nacional. São estes muito pouco numerosos no actual momento, mas se a evolução se fizer, como deverá ser, no sentido da multiplicidade de conselhos tècnicamente especializados mas de competência extensiva a todo o território nacional, aí se deverá garantir a representação efectiva de todo o Ultramar.

Não tanto como matéria nova mas como fruto do desenvolvimento da vida local, a revisão da Lei Orgânica alarga e fomenta a organização das pequenas e médias autarquias, cujos representantes ou administradores serão da origem electiva. Essa floração da vida e administração dos interesses locais espera-se tenha, como na formação da parte europeia de Portugal, cuja tradição se pretende continuar além-mar, os mais fecundos resultados no desenvolvimento dos agrupamentos populacionais, na satisfação dos interesses dos vizinhos e na preparação gradual das gentes para a administração.

Quando se reflecte nos traços desta reforma e se faz a comparação com muitas outras organizações políticas em vigor por esse Mundo, mesmo de Estados de tipo federativo, repara-se-á em como é rasgada e vasta a autonomia que consagra, e como em certas matérias as excede. A reforma é sobretudo confiante nas qualidades dos povos que hão-de servi-la e nas possibilidades dos territórios a que se aplica. E se uns e outros acaso reclamassem mais ou coisa diferente, é que de facto pretenderiam também coisa diversa do que se contém no nosso ponto de partida — a unidade da Nação Portuguesa.

A posição de Portugal em face dos Estados africanos

II

O segundo capítulo desta exposição destina-se a esclarecer e a esclarecer-nos acerca das posições de Portugal em face dos Estados africanos e dos Estados africanos em face de Portugal. Vou esforçar-me por não magoar ninguém, sem embargo de haver de salientar factos e princípios no desconhecimento dos quais a nossa inteligência se perderia.

Durante a visita oficial a Brazzaville nos começos de Junho, declarou o presidente da República da Guiné, re-

(Continua na página seguinte)

As declarações do Chefe do Gover

(Continuação da página anterior)

ferindo-se aos povos, a seu juizo ainda colonizados, de África: «Se esses povos não quiserem a independência, nós que estamos conscientes e livres, temos o dever de libertar toda a África». É desta posição de espírito tão claramente expressa por um dos chefes africanos que derivam as atitudes tomadas pelos Estados independentes de África para com Portugal. Tais atitudes assentam em dois postulados: uma definição para uso próprio de território colonial; a reivindicação do direito de proceder à «libertação» dos povos «oprimidos», mesmo que estes, como os portugueses, sejam livres há muito tempo e desse modo dispensem agora ser libertados por outrem.

Seguros da sua noção de colonialismo e investidos de uma missão providencial, têm-se vários países africanos empenhado numa campanha que nas Nações Unidas lhes têm consentido inegáveis triunfos e culminou não há muito na conferência de trinta e dois — quase a totalidade — dos chefes de Estado e de governo africanos em Adis-Abeba. Aí se tratou de conjugar esforços de modo muito especial contra os nossos territórios de África e se votaram princípios de acção e resoluções que já começaram a ser aplicados por alguns: corte de relações diplomáticas e consulares; embargo do comércio, navegação marítima e aérea; recusa a Portugal de cooperar nos organismos técnicos internacionais.

Como já tem sido explicado, o corte de relações dos raros países africanos com quem as estabelecemos, às vezes a seu pedido, não tem em geral senão carácter espectacular sem resultados positivos. Evidentemente, onde temos colónias de portugueses, a recusa da representação consular, se também incluída, pode atingir indirectamente a defesa dos legítimos interesses que essas colónias prosseguem e representam. Mas como do facto podem resultar consequências nocivas para os próprios que do corte de relações tomam a iniciativa, pode bem ser que as decisões de Addis-Abeba venham a ser nalguns casos confrontadas com os prejuízos resultantes da sua execução.

Quanto ao comércio com o Continente africano, excepturada a parte que ali também é Portugal, ele é suficientemente limitado para não causar prejuízos sérios a sua suspensão. E pelo que respeita à navegação aérea, os acordos locais são pouco numerosos e de âmbito muito restrito; os direitos de sobrevoo reconhecidos pelas convenções internacionais penso deverão ser respeitados, pelo menos até ao momento em que os países interessados as denunciem, mas então com prejuízo para o tráfego mundial.

O isolamento internacional

A luta contra a presença portuguesa em organismos técnicos internacionais onde estamos de pleno direito é facto que não favorece os africanos e não honra os ocidentais. A nós nos era fácil evitar enxovalhos não comparecendo às reuniões ou não reivindicando integralmente os nossos direitos. A posição que nos tem parecido preferível, porém, é obrigar os adversários com a nossa presença a lançar-se abertamente no campo da ilegalidade, e é dentro desta ilegalidade, isto é, no claro desprezo das normas estatutárias dos organismos, que eles vêm de facto actuando. Da nossa atitude uma de duas coisas poderá resultar: ou a formação de uma consciência generalizada de que está a proceder-se mal, retrocedendo-se; ou o reconhecimento de que em tais termos não podem funcionar os organismos cujo maior proveito se pode afoitamente dizer reverte para os países de independência recente.

Esclareçamos que os países africanos não teriam força para impor-nos as suas excomunhões, se não fossem apoiados pelo voto dos governos comunistas que pretendem destruir o Ocidente e pela atitude de alguns países do Ocidente que deveria ser considerada como deserção se não significasse o desejo de captar a simpatia africana para servirem o que julgam ser seu interesse. Assim a África está sendo o campo em que se digladiam dois mundos: nós constituímos apenas ocasião e pretexto.

Esta a situação que aceitamos como nos é posta e sem que a mesma possa ou deva ter a menor influência na política ultramarina portuguesa e até nos nossos sentimentos para com os que nos atacam. Como estamos em África há séculos, é natural que tenhamos estabelecido com os territórios limítrofes, independentemente do seu estatuto jurídico, as melhores relações. A nossa política foi sempre conviver amigàvelmente com todos, ajudar-nos mùtuamente, esforçar-nos por dar satisfação aos interesses comuns, na parte que de nós dependiam. Daí derivou recebermos as independências que se foram processando como factos da vida interna dos Estados, não devendo ter influência nas nossas relações de vizinhança. Se correspondiam ou não aos interesses dos povos, deixámos sempre os outros ser desta causa juízes. Assim nenhum país de África pode com razão apresentar queixa de nós; mas nós não podemos dizer o mesmo de todos.

O «espírito de Addis-Abeba»

Os países representados em Addis-Abeba pensaram decerto não serem suficientes aquelas resoluções, que aliás como sanções a aplicar a Portugal são contrárias à doutrina da Carta da O. N. U., e por isso se deixaram levar a maiores extremos. Estes que já aqui e além se encontravam em prática foram os seguintes: concessão de campos de treino para elementos revolucionários; a oferta de voluntários ou mercenários; a subscrição de fundos para as despesas das campanhas terroristas; o fornecimento de armas e técnicos de guerra subversiva. Neste ponto estamos já abertamente fora das normas que até há pouco regiam a comunidade internacional. Em termos de há muito poucos anos isto significaria que todos estes países na medida em que executassem tais decisões se deviam considerar em estado de guerra com Portugal; hoje, porém, não é assim, e não só pela força de factos de passado recente que se deixaram em silêncio, ou sem réplica, como porque as «ambições sagradas» que certos homens e povos encarnam em determinados momentos se sobrepõem a todos os deveres e a todos os direitos. A estes faltaria mesmo a legitimidade para defenderem-se.

Na lógica desta posição não importa o relativo adiantamento dos nossos territórios que por isso muitos Estados africanos se obstinam em não mandar verificar; nem a vontade real das populações, que levam em paz a sua vida no uso de plena igualdade jurídica com as mais; nem as bases da sua organização política e da sua administração; nem constituírem esses territórios partes integrantes de um Estado independente, muito antes de eles o serem. Parece não importarem também — ao menos não têm sido lembrados — os homens, mulheres e crianças que tombaram para sempre ou estão sendo atacados na sua terra por terroristas estrangeiros, com absoluta violação dos direitos humanos que por outro lado se diz ter-se por fim defender. Nós vimos acima que a libertação dos povos de África é reivindicada como *direito contra a vontade dos próprios*, com algum escândalo dos que se cansam a fazer votos para que se baseie numa autodeterminação qualquer.

Levadas as coisas a estes extremos de paixão e extravio da razão humana, não há possibilidade de discussão nem de mútuo entendimento; e ou se verifica da parte das potências mais responsáveis uma palavra eficaz de regresso ao bom senso ou não resta a cada um senão o direito natural de defender-se e de defender os seus. Assim começam as guerras.

As deliberações de Adis-Abeba, embora unânimemente votadas perante o Mundo, parece-me não poderem representar a unanimidade de consciência dos povos africanos. Muitos deles conhecem o valor das normas por que se regem as sociedades humanas e não deviam estar dispostos a que na ara da independência alheia fossem sacrificados os princípios da sua própria vida e formação.

Mas então porquê o facto que anotamos?

Neutralismos suspeitos

Verifica-se em África, no actual momento, um duplo fenómeno: no processamento da independência dos territórios vai-se enxertando sempre que possível um movimento revolucionário. Esse movimento é mais acentuado nos países da orla mediterrânea, mas já se estende a outros que aqueles pretendem dominar ou conduzir com o seu extremismo, pela ânsia de transferir sob sua chefia para a África ao Sul do Sahará novas ideias de revolução política e social, não falando na sonhada unificação do continente. Correntemente se ouvem palavras suspeitas: não alinhamento, neutralismo ou neutralismo positivo; estado socialista; total independência económica; inadaptabilidade das monarquias ao novo condicionalismo; formação de novas estruturas sociais e políticas, sem se querer ver se o estado sociológico as pode tolerar. Por exemplo, o interesse da Argélia e da R. A. U., país meio africano e hoje meio asiático, em Angola, não pode ser religioso, nem rácico, nem humanitário, nem económico, nem libertador de qualquer opressão. Da parte desses Estados e de outros que se encarniçam na luta contra nós, procurando disfarçar a hostilidade entre árabes e africanos, só pode haver um interesse — o interesse revolucionário; e este está longe de ser partilhado por todos, até porque o receiam. Mas o alvo é bem escolhido, porque se sabe que representamos, naquele sentido e na modéstia dos nossos meios, uma barreira a transpor. Apenas levantamos uma ponta do problema, porque julgamos iludirem-se os que, através de apadrinhamentos equívocos, pensam poder mais tarde conduzir aos seus apriscos, como mansos rebanhos, as novas independências africanas.

O fenómeno da descolonização

Mas não haverá também equívoco quanto ao próprio fenómeno da descolonização, e tanto da parte dos descolonizados como dos colonizadores?

Na resolução 1541 da Assembleia Geral das Nações Unidas (15 de Dezembro de 1960) andou-se à cata de uma definição de territórios coloniais e fala-se em territórios geogràficamente separados e étnica ou culturalmente distintos do país que os administra. Prudentemente se acrescentou porém haver outros elementos a entrar em linha de conta, de natureza administrativa, política, jurídica, económica ou histórica — o que parecia cobrir inteiramente as províncias ultramarinas portuguesas, tanto mais que na resolução 1514 de 14 de Dezembro de 1960 se dizia: «toda a tentativa que vise a destruição parcial ou total da unidade nacional e da integridade territorial de um país é incompatível com os objectivos e os princípios da Carta da O. N. U.». É nítido ali o caso português, mas a paixão que domina estes assuntos não tem permitido se nos faça justiça conformemente aos textos.

Nas campanhas e areópagos internacionais reclama-se a cada momento a descolonização: esta seria a maior necessidade do século e a mais elevada obra que a humanidade do nosso tempo se podia propor. Como não se cuidou de definir o termo, não temos ainda uma noção precisa do que em fenómeno tão complexo se contenha. Quando porém se atenta na íntima conexão a cada passo estabelecida entre a descolonização e a independência, verifica-se fixar-se a essência daquela na posse exclusiva do poder, ou seja, na transferência do Poder do branco onde o detém para o negro que o reivindica e deve exercê-lo só por ser mais numeroso. Nestas condições não se deveria ao menos fugir a uma primeira condição — a de as populações estarem aptas para escolher o governo e as élites suficientemente preparadas para fazer funcionar as estruturas da administração. Mas já se proclamou solenemente e votou nas mesmas Nações Unidas que a falta de preparação nos domínios político, económico e social ou no da instrução não deve nunca servir de pretexto para demorar a concessão da independência (resolução 1514). Deve dar-se a independência imediatamente e depois se verá.

Ainda que não sejamos tidos nem achados no caso, é custosa de admitir esta tese que considera a independência dos povos como contendo em si mesma todas as virtualidades, pelo que não tem de cuidar-se nem da extensão dos territórios, nem do volume e valor das populações, nem dos meios ao dispor dos governantes para realizar o bem comum. A verdade é que os territórios a que nos referimos são — e a si próprios se reconhecem — subdesenvolvidos demográfica, económica e culturalmente. Não importa embrenhar-nos por teorias complicadas que levam à descoberta das causas: nós sabemos que muitas dessas teorias são formuladas e conduzidas de modo a fundamentar a culpabilidade do colonizador, como base das suas responsabilidades para com o povo colonizado. O essencial é reter que o progresso que se considera necessário exige técnicos, capitais e trabalho, este a reunir ao menos em parte localmente, os restantes meios provenientes de fora. Ora por mais que pretendamos modelar as intervenções de países mais adiantados e ricos, encontraremos sempre um mínimo de condições que acompanham essa técnica e acompanharão esses capitais. São exigências por assim dizer orgânicas e naturais, e quer a economia local enverede pelo socialismo quer se conforme com um grau maior ou menor de liberdade económica e de iniciativa privada. Os povos que, receosos de uma tal ou qual influência exterior, não escolherem esta via, terão as outras — de um progresso tão lento que não se pode considerar tal, ou de um retorno a condições de vida inferiores.

Temos visto defender a este respeito doutrinas as mais ousadas. Países há que julgaram dispor de meios suficientes para levantar em seus braços o continente africano e fazê-lo, em décadas, tão progressivo como a Europa se fez em séculos. Notaram a breve trecho o demasiado da tarefa e vão agora tentando distribuí-la por vários que participem a título de subsídios humanitários, de cooperação técnica, de incentivo para abertura e conquista de mercados. Vimos outros inclinarem-se para a formação acelerada de dirigentes, técnicos e operários especializados como meio de suprir ràpidamente o vazio local: *formar quadros* continua a ser uma obsessão em África, para satisfazer a qual se está a prescindir do meio em que as populações se desenvolvem, do seu clima psíquico, e se despacham os candidatos para todos os cantos do mundo, de onde depois se recolhem técnicos e políticos das mais diversas formações. Nesta obra em que vemos muito de precipitação e de ingenuidade, parece confundir-se civilização e progresso material, progresso e industrialização, destribalização e liberdade, liberdade e, expulsão do branco, depois de verificar-se quanto é útil a sua cooperação na organização das empresas e na direcção de trabalho. E assim em nenhum destes domínios se viu ainda corresponderem às aspirações as realidades.

A confusão de conceitos quanto à descolonização nós a encontramos também no referente à autodeterminação e à independência. O art. 73.º da Carta da O. N. U. não alude à independência dos territórios de que se ocupa, mas apenas à possibilidade de governo próprio, o que se afigura significar administração autónoma, exercida pelos naturais e compatível com muitas formas de enquadramento num Estado. Mas quando se liga a autodeterminação à independência, como em diversas votações respeitantes a Portugal, desconhece-se que aquela significa a possibilidade de opções diversas e que indicar ou impor como fim da autodeterminação a independência é o mesmo que restringi-la a um só objectivo, negando-a parcialmente.

Autodeterminação igual a independência

Outra dúvida se nos oferece pôr, e a essa não temos também encontrado resposta. A dúvida é a seguinte: se a autodeterminação busca fundamentalmente reconhecer o assentimento à forma de Estado ou de governo sob que as populações vivem, não se entende que só haja uma forma de o conseguir ou de determinar esse assentimento, e que essa forma única seja a eleição em plebiscito posterior às ilegítimas reivindicações da O. N. U. Toda a vida passada, todos os actos de intervenção na vida política e na organização do poder público não teriam, contràriamente à razão e à história, o menor valor.

Estas duas graves confusões — autodeterminação igual a independência; autodeterminação igual a plebiscito — começam a ser notadas e os próprios Estados Unidos parecem ter evoluído nos dois últimos anos no sentido da boa razão. É que tais construções anómalas da O. N. U., feitas *ad odium* e para fins determinados, acabam por dar aos povos a impressão de independências impostas de fora a substituir-se a uma saudável evolução natural.

De todo o exposto deduzo que as duras lições da experiência vão tornar mais modestos os povos africanos. Elas vão fazer com que a esta euforia se sucedam estados de maior calma, em que a convivência das raças e a cooperação das nações se hão-de sobrepor aos arrebatados idealismos de hoje. Terá de reconhecer-se que, mesmo abstraindo de uma colonização de pura exploração económica, as nações e as civilizações exercem constante influência umas sobre as outras conforme as suas relações e o seu relativo grau de adiantamento, pelo que nos mais independentes e isentos se encontrarão sempre vestígios que nos nos termos de hoje se poderiam chamar colonialistas. Posso apresentar exemplos?

Um século depois da independência, ainda os Estados Unidos podiam ser tidos uma colónia económica da Inglaterra. As múltiplas intervenções na nossa vida interna do século XIX permitiram a muitos considerar Portugal nesse tempo, apesar de independente, quase uma colónia política da Grã-Bretanha. Em Janeiro deste ano, interrogado sobre as características nacionais da sociedade brasileira qu
dependência, o sociólogo G
re respondeu que eram
tes no aspecto económico
Brasil deixou imediatame
uma colónia de Portugal p
colónia inglesa. Mas não
porque é a própria vida.

Do que disse e se subent
posto acima, deduzimos p
comportamento em face do
canos as seguintes posiçõe

a mais estreita e am
boração, se a julgarer

a maior correcção, se
pensados de colaborar

a defesa dos territóric
tituem Portugal até a
nossos elementos hum
nossos recursos, se ent
bem converter as su
em actos de guerra e
nossos territórios.

A posição de Por perante a O. N

III

Resta-nos examinar a po
te a O. N. U., ou, melho
governo universal, em que
tendem transformar as
das, para fins da sua
cional.

Quando da constituiçã
nismo e durante anos ab
de nos candidatar à admis
estarmos convencidos das
que dela nos adviriam. F
pois, a pedido da Inglater
tados Unidos, que viam
admissão o meio de alarga
do Ocidente nas Nações U
como a Rússia, cujo voto
pensável, tinha precisame
mo modo de ver, houve q
anos, até se estabelecer
nação mais lata. Portugal
bastante tempo para exa
pecto negativo da questão
não podiam mesmo vir-lh
gens da sua admissão na

Pareceu devermos estar
em face do artigo 2.º n.º
que prescreve: «Nenhuma
da presente Carta autoriza
Unidas a intervirem em a
dependam essencialmente d
de qualquer Estado, ou
membros a submeterem ta
a uma solução nos term
sente Carta». Mas o capítu
tigos 73.º e 74.º — sobre ter
governo próprio, era prude
mo as mesmas Nações U
tendiam e aplicavam. Ora,
mos admitidos na Organiz
pacìficamente assente que
tados responsáveis por qua
tórios a entidade compete
declarar e para se consid
metidos ou não à obrigaç
tar ao secretário-geral ini
tísticos ou de outro carác
relativos às condições eco
ciais e educacionais dos t
sua responsabilidade.

Aliás, o mal não estava
necerem informações: o m
que fornecendo-as ao abr
73.º, se aceitava imperat
orientação ali definida pe
nadas soluções políticas, q
ou podiam colidir com a
trina constitucional. Era
únicos pontos e ressalvas
duvidar-se da nossa boa
díamos duvidar da boa fé
potências, desde que a
pretação da Carta se base
letra e espírito, na doutr
mentadores e na jurisprud
tica da instituição.

Aconteceu, porém, que
mentos se verificaram pos
o primeiro, ten[illegible] a afi
versalidade do colonismo,
considerar-se conforme ao
Carta; outro, o alargame
deres da Assembleia Gera
do Conselho de Segurança
do veto russo, inclinaram-
àquela a apreciação de
maior gravidade na vida in
e, na suposição de continu
por da maioria, confiaram
em condições de garantia
nor. E deste modo, a Ass
só se tem arrogado uma
capacidade genérica sobre
mas do Mundo, como a si
meçou a considerar-se for
da sua competência.

A Carta contém dispos
vas à sua revisão e emen
processo prescrito nos ar
109.º nunca foi utilizado.
trada maciça de membro
ticos na Organização, e d
tes reconhecerem o valo
advinha do apoio dos país
tas e até de outros de fo
dental, as Nações Unidas
funcionar como uma rod
ligações à Carta são mais
e só por isso a constituir

verno sobre a política ultramarina

lade brasileira quando da in-
cia, o sociólogo Gilberto Frey-
ideu que eram insignifican-
aspecto económico, já que o
eixou imediatamente de ser
nia de Portugal para ser uma
nglesa. Mas não continuemos
a própria vida.
disse e se subentende do ex-
ma, deduzimos para o nosso
mento em face dos povos afri-
seguintes posições:

ais estreita e amigável cola-
ão, se a julgarem útil;

dor correcção, se formos dis-
idos de colaborar;

esa dos territórios que cons-
n Portugal até ao limite dos
s elementos humanos e dos
s recursos, se entenderem por
converter as suas ameaças
ctos de guerra e trazê-la aos
s territórios.

ição de Portugal ante a O. N. U.

III

los examinar a posição peran-
N. U., ou, melhor, perante o
universal, em que alguns pre-
transformar as Nações Uni-
a fins da sua política na-

) da constituição do orga-
durante anos abstivemo-nos
ndidatar à admissão, por não
convencidos das vantagens
nos adviriam. Fizemo-lo de-
edido da Inglaterra e dos Es-
nidos, que viam na nossa
o meio de alargar a posição
nte nas Nações Unidas; mas
Rússia, cujo voto era indis-
tinha precisamente o mes-
de ver, houve que aguardar
se estabelecer uma combi-
ais lata. Portugal teve assim
tempo para examinar o as-
rativo da questão — isto é, se
am mesmo vir-lhe desvanta-
sua admissão na O. N. U.
devermos estar tranquilos
do artigo 2.º n.º 7 da Carta
creve: «Nenhuma disposição
te Carta autorizará as Nações
intervirem em assuntos que
n essencialmente da jurisdição
quer Estado, ou obrigará os
a submeterem tais assuntos
solução nos termos da pre-
rta». Mas o capítulo XI — ar-
e 74.º — sobre territórios sem
próprio, era prudente ver co-
esmas Nações Unidas o en-
e aplicavam. Ora, quando fo-
itidos na Organização, estava
ente assente que eram os Es-
ponsáveis por quaisquer terri-
entidade competente para os
e para se considerarem sub-
ou não à obrigação de pres-
ecretário-geral informes esta-
u de outro carácter técnico,
às condições económicas, so-
ducacionais dos territórios de
nsabilidade.

o mal não estava em se for-
informações: o mal estava em
ecendo-as ao abrigo do art.º
aceitava imperativamente a
o ali definida para determi-
luções políticas, que colidiam
m colidir com a nossa dou-
nstitucional. Eram estes os
ontos e ressalvas: não podia
e da nossa boa fé nem po-
uvidar da boa fé das outras
, desde que a nossa inter-
da Carta se baseava na sua
spírito, na doutrina dos co-
es e na jurisprudência e prá-
nstituição.
ceu, porém, que dois movi-
e verificaram posteriormente:
o, tendeu a afirmar a uni-
de do organismo e este pode
r-se conforme ao espírito da
utro, o alargamento dos po-
Assembleia Geral. Membros
lho de Segurança, cansados
usso, inclinaram-se a confiar
apreciação de assuntos da
vidade na vida internacional,
osição de continuarem a dis-
aioria, confiaram-lhos mesmo
ções de garantia muito me-
este modo, a Assembleia não
n arrogado uma espécie de
le genérica sobre os proble-
Mundo, como a si mesma co-
considerar-se fonte exclusiva
ompetência.
a contém disposições relati-
a revisão e emenda; mas o
prescrito nos art.os 108.º e
ca foi utilizado. Desde a en-
ciça de membros afro-asiá-
Organização, e depois de es-
hecerem o valor que lhes
do apoio dos países comunis-
de outros de formação oci-
Nações Unidas passaram a
como uma rodagem cujas
Carta são mais que ténues
isso a constituir um perigo
para a paz e a vida ordenada das nações. Desde que se aceite o princípio de que a doutrina da Carta é o que em cada Assembleia Geral a maioria definir, e de que as Nações Unidas têm a competência que em cada momento se atribuam, o funcionamento da instituição passou a ser um risco sério para as nações que, não se integrando em blocos partidários, fazem parte de minorias inorgânicas, não negoceiam as soluções, não traficam os votos, não entram nos conciliábulos dos corredores. A situação tem de ser considerada, se se pretende salvar a instituição, tanto mais que as grandes potências tratam os seus problemas mais importantes e ocupam-se dos seus diferendos fora do organismo, e, em caso de conveniência ou necessidade, não acatam mesmo as suas decisões, conforme os próprios têm declarado, e não correm nisso o menor risco.

Palavras de Roosevelt

Nestes últimos tempos as Nações Unidas têm tido como principal e mais candente assunto das suas discussões as nossas províncias ultramarinas e o facto de entendermos que estas fazem parte e devem continuar a fazer parte da Nação Portuguesa. As campanhas não são de estranhar em face do endeusamento da instituição e do desprezo que à maioria, formada a respeito do assunto, merecem alguns princípios fundamentais da Carta. Mas é talvez de estranhar que perfilhem a mesma doutrina nações que se tinham obrigado a defender os nossos territórios do Ultramar ou declararam em tempos serem em mãos portuguesas necessários à defesa do Ocidente. Recordo a chamada declaração de Windsor, de 14 de Outubro de 1899 e as palavras que me dirigiu o Presidente Roosevelt na sua carta de 8 de Julho de 1941: «Na opinião do governo dos Estados Unidos o exercício permanente da jurisdição plena e soberana de Portugal sobre todos os territórios ultramarinos oferece completa garantia para a segurança do hemisfério ocidental no que respeita a essas regiões... Por consequência, é firme desejo dos Estados Unidos que não haja qualquer restrição à soberania portuguesa naqueles territórios». Como a geografia não mudou é difícil admitir que possam ter mudado os conceitos.

Temos comparecido em Nova York para defender os nossos modos de ver que são conformes aos textos e às interpretações que lhes foram dadas pela própria O. N. U.; mas as discussões parecem-se bastante a diálogos de surdos. Comparecer e discutir é assim para nós mais uma questão de consideração e de respeito mútuo, do que de utilidade, porque podemos interrogar-nos sobre o que aconteceria de pior se já tivessemos abandonado o organismo, como aliás temos previsto.

Não tenho pressentido que o Mundo se haja inquietado com o problema, porque temos sido quase os únicos em causa. Mas quando a Assembleia Geral se lembre de ocupar-se de questões que interessem à vida interna de muitos outros países, como inevitàvelmente sucederá, o caso passará a ser diferente. Não há na verdade razão, dentro das actuais concepções da O. N. U., para que não venha a decidir problemas como—a incompatibilidade das monarquias com as exigências dos tempos modernos; a inconveniência económica de ser reconhecida a propriedade privada dos bens de produção; a instituição uni ou bicameral nos parlamentos; a democracia orgânica ou a democracia popular; a estrutura do poder público. Desde que a Assembleia pode fazer a cada momento a sua própria lei e definir o âmbito da sua competência, todos os desvarios de uma maioria inconsiderada são possíveis e esses desvarios têm ainda de tomar-se como correcta manifestação da vontade geral.

Nós não estamos convertidos a estas concepções e continuamos a considerar que a vida internacional em aspectos tão graves como é a integridade das nações, a não intervenção na sua vida interna, a orgânica constitucional, os interesses vitais das populações não pode estar à mercê de conluios inter-raciais, de fórmulas compromissórias, de votos obtidos em combinações escusas, manipulados por dizeres emotivos, não inteligíveis nem responsáveis. Isto é, entre a nossa fórmula constitucional que aliás consideramos conforme ao texto da Carta da O. N. U., de harmonia com a única interpretação válida, e as deliberações votadas pela Assembleia ou pelo Conselho de Segurança em sentido contrário, não temos visto outra solução possível que a de defender a doutrina da Carta e opormo-nos à ingerência abusiva de terceiros na nossa vida de Nação independente. Foi o que fizemos há poucos dias, sem que se tivessem ouvido razões convincentes em contrário.

Adesão e abstenção

É doloroso verificar que tantos países responsáveis têm aderido ou se alheiam, por abstenção de votações que nos atingem, umas condenando a nossa atitude, outras considerando a nossa recusa de obedecer às injunções da maioria como ameaça à paz e segurança internacionais (resoluções da Assembleia 1807 e 1742). E o Conselho de Segurança em 9 de Junho de 1961 chegou mesmo a deplorar «os massacres maciços e as severas medidas de repressão em Angola»; e pareceu ao mesmo Conselho que a persistência desta situação devia ameaçar a manutenção da paz e segurança internacionais. Esta resolução que desconheceu ou deformou os factos de maneira tão ofensiva para a verdade e a repercussão que os mesmos podiam ter na paz e segurança do Mundo só teve a abstenção da França e da Inglaterra. Os mais membros do Conselho acharam que estava perfeitamente bem.

Temos examinado o problema sob o aspecto jurídico; mas podemos perguntar o que politicamente se quer. Na resolução 1542, de 15 de Dezembro de 1960, a Assembleia enumera todos os territórios portugueses, desde Cabo Verde a Timor. É-nos impossível admitir que não lhes conhecesse a superfície, a população, o grau de desenvolvimento económico e cultural. Mas como na resolução 1807, de 14 de Dezembro de 1962, convida o Governo Português a reconhecer imediatamente o direito à independência dos povos que administra (mesmo os de S. João Baptista de Ajudá, um administrador e dois guardas!), devemos concluir que o único objectivo é permitir ou a divisão dos territórios sem unidade sólida ou a anexação, por outros, dos territórios portugueses que mantemos por não poderem sustentar a sua independência. Assim aconteceu, em Goa, convertida de Estado florescente em colónia da União Indiana, por força de ataque armado que a Carta proibia e se estava efectuando ao mesmo tempo que o Conselho de Segurança, paralisado pelo veto russo e pela bem expressiva declaração do delegado indiano («com Carta ou sem Carta, com direito ou sem ele»), verificava a sua impossibilidade de agir ou seja a sua inutilidade na defesa do direito. Estes exemplos levam-nos a duvidar do perfeito conhecimento de causa com que estas deliberações são tomadas e da correcção de motivos com que se nos pretendem impor. Mas algumas razões que não estas meramente aparentes estarão na base da campanha da O. N. U. contra Portugal.

A concepção comunista em relação a África

Sabe-se qual o pensamento comunista em relação à África: Lenin dividiu a evolução em três fases — anticolonialismo, nacionalismo, comunismo; e embora a posição leninista tenha sido revista em 1960, a linha geral manteve-se e pode dizer-se que a primeira fase, ou seja a descolonização, se encontra quase inteiramente realizada. Seria pueril que o regime mais colonialista do nosso tempo, pois submeteu ao seu domínio muitos Estados livres e reduziu a colónias territórios que deviam ser libertados, seria pueril pensar que nesta vasta operação política tenha um mínimo de propósito libertador dos povos africanos. O que se passa é que, constituindo o conjunto de África comunidade de tipos diversos com os países europeus ocidentais, a desintegração do sistema provocaria só por si uma diminuição do respectivo potencial económico e político. A satisfação com que de alguns sectores nos afirmam não verem em África constituídas sociedades comunistas, o que demonstraria a incapacidade de Moscovo de aí se estabelecer, faz-nos sorrir, porque o que Moscovo desejava fazer está sendo feito pelo Ocidente e o resto do programa será a seu tempo executado. Em todo o caso sabe-se que a Rússia está por detrás de todos os movimentos de pseudo-emancipação, se estabelece discretamente por toda a parte e mantém com os chefes os contactos necessários de carácter económico, político e cultural, para marcar sem sobressaltos a sua presença e acção. Desses contactos nascerão os frutos que hão-de colher-se mas só quando estiverem maduros.

A política africana dos Estados Unidos

Por outro lado, os Estados Unidos não fazem segredo da sua política africana: são expressivas as declarações oficiais e os factos da Administração americana no sentido de trabalhar e ajudar com todo o seu poder a constituir em toda a África Estados independentes, correspondentes às antigas colónias ou territórios integrados nas nações europeias. Sob este aspecto podem considerar-se paralelas as políticas americana e russa, e o facto de os Estados Unidos auxiliarem a chamada emancipação da África para livrá-la da influência russa ou comunista não altera em nada a essência das coisas. Que uma potência parta do propósito, largamente invocado como imperativo nacional, de dar a liberdade a todos os homens e povos, e outra parta da sua concepção de revolução mundial que deve fazer a inteira felicidade dos homens, pouco importa ao carácter do facto em si — as duas nações fazem uma política idêntica, embora aparentemente com fins diversos.

Há, porém, além disto, uma diferença substancial: é que, enquanto a política russa é coerente e lógica, a política americana contém em si mesma um grave princípio de contradição. E este consiste em que, sendo princípio fundamental da política dos Estados Unidos auxiliar a defesa da Europa à qual se sacrificaram já em duas grandes gueras, começam eles por provocar a diminuição do potencial europeu com o qual estão aliados, em favor do potencial inimigo que é o comunista. A contradição é tão evidente e a posição americana tão atreita a dúvidas que as nações africanas se permitiram, quando do último Conselho de Segurança, lançar um desafio aos Estados Unidos para fazerem uma escolha que sabiam lhes era impossível fazer, ao menos sem sacrificar irremediàvelmente a defesa da Europa e do Ocidente. Ainda se muitos destes Estados africanos estivessem dispostos a agir na linha da política europeia e pró-americana, haveria uma substituição de valores com o mesmo sinal; mas eu disse acima o bastante para se deduzir que não é esta a situação. E é mesmo duvidoso que a Europa esteja em certo momento disposta a bater-se por interesses que já não seriam seus.

Espaço de competição de dois blocos antagónicos

Pondo de lado o que importa à defesa da Europa, fortemente abalada pela política africana dos Estados Unidos, um facto ressalta a toda a evidência: ser hoje o continente africano o grande espaço de competição das duas mais poderosas nações — os Estados Unidos e a Rússia — ou de três, pois que a China comunista fez ali a sua aparição. Saber-se isto, ser isto evidente deu aos Estados africanos grandes possibilidades de manobra, em todas as negociações e reivindicações que apresentam. Neutralizadas para já as atitudes políticas daqueles novos Estados que é a melhor hipótese, a luta deve estabelecer-se nos planos económico e técnico, com o risco de o fenómeno se aproximar muito das finalidades que têm demonstrado, a Oriente, as fortes economias de Estado e, a Ocidente, os grandes sindicatos capitalistas, com mira, uns e outros, à abertura e domínio dos mercados. Nós não podemos estranhar que daqui resulte começar no continente africano e não muito tarde a época ali tão receada do neocolonialismo.

Esta competição no espaço africano pode bem levar a um entendimento que antigamente se designava por definição de zonas de influência, e agora poderá ter outro nome. Para o evitar, tem-se aventado que seja a O. N. U. a congregar os auxílios, a juntar e a distribuir os meios de financiamento, a superintender no seu emprego nos diversos países. Isto é uma fórmula, mas não é uma solução do problema, porque além de deixar de fora toda a concorrência privada, a falta de concordância entre as fontes de financiamento e da técnica e a origem e constituição da maioria estabelecida na Assembleia Geral, não permite ao sistema funcionar capazmente. Nem está demonstrado que a dependência de um órgão colectivo, intoxicado de ódios políticos e raciais e convencido de haver achado com a liberdade política de alguns países a solução de todos os problemas, seja mais fácil e mais isenta que a que se procura substituir.

São conhecidas as muito especiais relações do Congo com os Estados Unidos, pelo que não foi estranhado o reconhecimento *de jure*, por aquele governo de uma espécie de associação de terroristas constituída em Léopoldville, para agir em Angola, e confessadamente sustentada por dinheiro de americanos (declaração de Léopoldville de 28 de Julho). Na outra costa, igualmente fora do território nacional, apresenta-se também como chefe da libertação de Moçambique um professor de uma universidade norte-americana, mas em relação a este não sabemos se continuará a ser pago por ela. São talvez simples coincidências, em todo o caso coincidências infelizes, que os responsáveis nada têm feito para esclarecer; e a infelicidade será ainda maior quando se generalizar a informação de que a Rússia pôs também, à disposição do primeiro, meios de luta para libertar Angola. Isto pode querer significar que não há só, por parte de alguns países, a defesa de teses teóricas relativas à libertação dos povos colonizados, mas também que se vão colocando algumas pedras favoráveis para jogos possíveis nas províncias portuguesas.

A análise destes problemas, e dando como inteiramente perdida uma colaboração política favorável à Europa, leva-me a esta conclusão: nós devíamos implorar da Providência o milagre de os países africanos, até há pouco conduzidos pela França, pela Inglaterra ou pela Bélgica e Itália, poderem encontrar uma fórmula de cooperação estreita com essas nações, capaz de resolver os problemas que a independência lhes criou. Seria o melhor meio de resistir a serem joguete de competições mundiais, que, seja qual for a bandeira sob que se apresentem, acabarão por criar-lhes desagradáveis servidões a interesses estranhos à África.

Repetição das ameaças que enfrentámos noutras épocas

Esta luta contra Portugal em África que tem por palco a O. N. U. e por agentes directos os países africanos é apenas a repetição da que enfrentámos sob diversos pretextos em outras épocas e designadamente nas quatro dezenas de anos que se contam de 1898 a 1938: agora, o motivo aparece facialmente político—a independência de todo o Ultramar; então, certos acordos realizados e negociações inacabadas entre potências nossas amigas e aliadas tiveram por fundamento a nossa má administração e a escassez de recursos para o conveniente desenvolvimento dos territórios. Havia ao que parece quem se prestasse a fornecê-los com liberalidade e Portugal era pobre e pequeno de mais para se estender a tão grandes espaços, e com idênticos objectivos vemos o argumento ter de novo curso.

Mas, não se tendo executado os aludidos acordos, deveria concluir-se que os territórios ultramarinos de Portugal viriam a constituir mancha de vergonhoso atraso na evolução do continente africano. Sabe-se que isto não é exacto e que esses territórios comportam o confronto com os mais, em África, e em muitos aspectos se encontram em condição superior. A razão é tríplice: historicamente Portugal não tem vivido do Ultramar, mas vive para o Ultramar; o desenvolvimento de um território em que a população está fixada para viver processa-se em termos diferentes do dos territórios de pura exploração colonial, em que o colono, cumprida a sua missão, se retira com tudo que trouxe e com tudo que ganhou; por fim não estando as províncias ultramarinas portuguesas fechadas ao emprego de capitais estrangeiros, estes realizaram ali grandes emprendimentos, porque os capitais privados atraem, sobretudo, a estabilidade e a honestidade da Administração, pràticamente traduzidas na segurança dos investimentos. E não falamos em que os Planos de Fomento financiados ou avalizados por nós têm fecundado os territórios, como antes não se pensaria possível. É evidente que a obra seria maior e de maior realce se as críticas que nos dirigem fossem substituídas por auxílio financeiro que vemos largamente distribuído sem as garantias prestadas por nós e muito duvidosas noutros casos.

É agradável mas ao mesmo tempo um pouco estranha a surpresa de muitos que nos visitam em África, porque, desconhecendo como se desenvolve a actividade portuguesa entre povos de cor, ali encontram uma sociedade multirracial autêntica, ao mesmo tempo que uma forma de vida civilizada, progressiva de tipo ocidental. Isto é o que sobretudo se deve recear perder na confusão em que estes problemas são tratados. E esperamos que pelo menos as potências mais responsáveis da O. N. U., reconhecendo finalmente o nosso esforço honesto e produtivo, nos deixem continuar a trabalhar em paz.

«O Ultramar português não está à venda»

IV

Vou ... por findas as minhas considerações.

Pretendi ocupar-me dos três pontos indicados com toda a objectividade e um pouco daquela experiência que a vida me deu no longo trato com os homens e os acontecimentos do nosso

(Continua na página seguinte)

DESPORTOS

Provas de atletismo
com vista ao França-Portugal

A Federação Portuguesa de Atletismo, tendo em vista a preparação de alguns atletas a seleccionar para o França-Portugal, a realizar dentro de dias, em Paris, organizou juntamente com as duas jornadas dos «Nacionais» femininos diversas provas. Nelas se distinguiram Carvalho Santos (Sporting) e Fernando Castro (Benfica), como vencedores das séries dos 100 metros, respectivamente, com 11 s. e 11,4 s. Participaram ainda nestas disciplinas: Manuel Andrade, José Pereira e Mário Paiva, todos do Benfica; Esteves Costa e Pinto Castro, do Universitário e Álvaro Mendes, do Sporting. Tempos normais.

Nos dois quilómetros, estiveram presentes veteranos — Dias Santos (Spt.) e Hélio Duarte (Benf.) —, portanto, uma prova para preencher programa, dado que qualquer daqueles aletas não tem ilusões quanto á sua exclusão da selecção (32 m 39,8 e 33 m 17,4 s).

Nos 400 metros barreiras, Alfredo Teixeira, do C. D. U. L., voltou a mostrar tendência para a especialidade, o mesmo acontecendo a J. Antunes (Benf.). Tempo interessante do vencedor 55,2 s.

No triplo, o saltador «leonino» J. Tadeu, ganhou com uma marca, que rondou os 14 metros, e que é seu «record» pesosal. (13,91 m). Os restantes estiveram muito fracos (13,03 m e 12,78 m).

Na segunda ronda das provas extras, organizadas pela Federação, o interesse de uns manteve-se e o desinteresse de outros sobressaiu, o que vem indicar que há necessidade de rever fórmulas para a organização destas competições, mesmo quando enquadradas em campeonatos oficiais.

Os homens dos 3000 m obstáculos, portaram-se bem, realizando tempos aceitáveis (de 9 m 26,6 s a 9 m 31 s para os três primeiros, Amilcar Peres, Fernando Candido, ambos do Sporting; Manuel Lajes, do Benfica).

Na vara, os dois concorrentes dos «encarnados», Manuel dos Santos e José Henriques, este ultimo que chamou há tempos as atenções sobre si, começaram a sentir dificuldades quando a fasquia subiu a 3,90 metros, o que não conseguiram atingir. Quanto ao veterano Fernando Marques, do Sporting, situou-se na marca dos 3,90 m e quase por um triz passava os 4 m.

Finalmente, nos 1500 metros, só com homens portadores da camisola encarnada, os tempos vieram a ressentir-se da falta do despique e daí o vencedor Alberto Xavier, não ir além de 4 m 6.7 s contra 4 m 9,9 s de Julio do Carmo; 4 m 13,2 s de Lídio Duarte e 4 m 15.2 s para Alberto Martins.

Pouco ou quase nada nos ficou de util e com vista ao França-Portugal nestas provas extras.

Uma fase da prova de 3000 metros obstáculos

O Concurso Hípico de Sintra
em 22, 24, 25 e 27 deste mês

Tem já datas marcadas o 16.º Concurso Hípico Nacional de Sintra, como os anteriores, organizado pela Comissão Municipal de Turismo, daquela vila. Será em 22, 24, 25 e 27 do corrente mês que no campo do Sport União Sintrense decorrerá o importante certame, que o espírito de iniciativa do tenente-coronel José Carvalhosa muito tem valorizado de ano para ano.

Nas quatro jornadas deste concurso disputar-se-ão treze provas, a que se seguirão as tradicionais gincanas para meninos e meninas, com menos de 16 anos.

No primeiro dia disputar-se-ão as provas «Cruz Alta», «Praia das Maçãs», «Colares» e «Penaferrim», reservadas, respectivamente, a cavalos debutantes em 1963, cavalos sem «handicap», cavalos com «handicap» e cavaleiros juniores (em duas séries).

A segunda jornada comporta as provas «Lagoa Azul» (regularidade), «Capuchos» (saltos verticais, em «barrages») e «Parelhas Mistas» (seniores e juniores).

No terceiro dia, decorrerão as provas «Peninha» (cavalos sem «handicap»), «Castelo dos Mouros» (cavalos com «handicap» e obstáculos duplos, com «barrage») e «Grande Prémio de Sintra» (com «barrage» para o 1.º lugar).

Finalmente, a quarta reunião inclui as provas «Monserrate» (juniores em duas séries), «Queluz» (seniores, civis) e «Seteais» (para quem não tiver ganho 800$00).

CRÓNICA DO BRASIL
Os atletas portugueses tiveram um comportamento digno dos maiores encómios nos Jogos Luso-Brasileiros

RIO DE JANEIRO — Para a maioria dos desportistas portugueses melhor documentados acerca das nossas possibilidades actuais e dos sistemas de preparação seguidos a realização dos II Jogos Luso-Brasileiros corria o risco de constituir um rotundo fracasso desportivo, já que a verdadeira finalidade dos Jogos, a confraternização e a melhor compreensão entre atletas dos dois países, constituia, desde logo, uma consoladora certeza.

Afinal, e agora que os Jogos estão práticamente terminados é consolador verificar que os atletas nacionais tiveram um comportamento digno dos maiores encómios. É que, muito embora no espírito de quem presenciou as competições tenha ficado a ideia de que se podia, ainda, ter feito mais — com a tal preparação que faltou — a verdade é que conseguir frente a uma potência desportiva como é o Brasil os resultados que se verificaram constitui proeza digna de registo. Com poucas excepções, os atletas portugueses souberam rodear-se de prestígio através de um rendimento competitivo que esteve muitos furos acima daquele que seria lógico aguardar.

Em ligeira síntese falemos dos diversos desportos. E comecemos, exactamente, por aqueles que foram menos felizes. O handebol foi surpreendido, bem surpreendido, aliás, por um adversário que pela primeira vez participou no Campeonato Mundial. Daí a sua natural agressividade e a benevolência com que os árbitros o ampararam. Os resultados foram maus, é facto, mas a equipa comportou-se com dignidade, muito embora tenha ficado a dever algo a si própria.

O voleibol reflectiu a carência de orientação que há muito lhe apontamos. A turma que não era a melhor — há necessidade de acabar de vez com a presença de certas figuras decorativas e dar oportunidade aos novos — a turma, diziamos, falhou, ainda, por irregular orientação, melhor dizendo, diminuta subordinação ao plano que se lhe pretendeu impor. A questão disciplinar será um caso a considerar em próximas deslocações da equipa nacional.

O tiro que, ao que nos dizem não trouxe o seu melhor, vendeu aquilo que lhe foi possível dentro de umas condições que nem sempre puderam ser consideradas como as mais próprias para um rendimento regular (estamos a lembrar-nos da improvisada carreira de tiro de Belo Horizonte). Mesmo assim, a turma não comprometeu.

O basquetebol frente aos «mundiais» fez o que, humanamente, lhe foi possível: depois conseguiu uma série de exibições de inteiro agrado, o que, talvez, não se esperasse.

Os homens da caça submarina, em águas diferentes das habituais, desconhecendo a variedade de peixes e enfrentando adversários valorosos e, acima de tudo, ambientados, não poderiam em boa verdade ter ido mais além.

Os pupilos do dr. Yocochi estiveram realmente dentro do seu normal, conseguiram bater alguns «records» e vencer alguns dos melhores nadadores brasileiros, nadadores de classe mundial. Afirmaram-se internacionalmente, o que é sempre grato verificar. Do remo poder-se-á dizer que a tripulação do Caminhense confirmou os seus progressos enquanto os cufistas nos pareceram em crise de forma.

No atletismo, modalidade onde os progressos são palpáveis conseguiu impor marcas que causaram excelente impressão nos brasileiros fenómeno que é sempre consolador verificar.

Na vela, no pingue-pongue e no hóquei em patins fomos pequenos reis. Na primeira modalidade o facto não surpreende se recordarmos que temos em Mário Quina um vice-campeão olímpico. Aliás, o mesmo se poderá dizer em relação ao hóquei, em que a nossa representação era, apenas, constituida pelos campeões mundiais

Os pingue-ponguistas de Macau deram autêntico «show», deixando, pois, no olvido o fenómeno Biriba e os seus companheiros. Se atentarmos que os ciclistas amadores brasileiros o são há muitos anos temos de concluir que os nossos ciclistas-garotos que ainda há pouco tempo aprenderam a andar de bicicleta tiveram, também, um comportamento digno de elogios.

A finalizar este breve apontamento restará dizer que o comportamento social da caravana, também, foi digno dos maiores encómios, não havendo sequer uma nota desagradável a registar, muito embora a tradicional desorganização dos nossos irmãos brasileiros, de início nos fizesse prever certos problemas.

E agora resta desejar que os próximos Jogos completem da mesma forma este ciclo de relações desportivo-sociais em tão boa hora iniciado.

ÁGUAS
NO VIENA DE ÁUSTRIA

Tudo leva a crer que o popular avançado-centro do Benfica, José Águas, passe a alinhar na equipa do Áustria. Clube e jogador chegaram a acordo, recebendo Águas, que desfruta de muita popularidade entre os austríacos, cerca de 600 contos.

O conhecido jogador, para assinar o contrato, necessita, porém, de avistar-se com os dirigentes do seu clube. O Benfica, no entanto, parece decidido a não dificultar a transferência de Águas, tanto mais que, segundo afirmou um dirigente responsável. há tempo, não contava com ele para a próxima época.

A Taça de Honra da A. F. L.
em 7 e 11 de Setembro disputa-se no Restelo

A primeira competição oficial de futebol da temporada de 1963-64, no distrito de Lisboa, será, como nas ultimas épocas, a Taça de Honra da A. F. L., em que intervêm os seus clubes mais representativos.

Este certame, antecedendo as provas da F. P. F. é de utilidade inegável para os clubes, ao mesmo tempo que tem o condão de matar as saudades que estão já a apoquentar os adeptos do desporto-rei...

O torneio decorrerá no Estádio do Restelo, nas noites de 7 e 11 de Setembro. Em consequência do sorteio já realizado, na primeira jornada, o Atlético defrontará o Sporting (ás 20 e 30) e o Belenenses travará despique com o Benfica (ás 22 e 30).

A segunda «ronda» comporta os desafios entre os dois vencidos da 1.ª jornada e entre os dois vencedores, que — é evidente — não pode prever-se quais serão.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

O SPORTING
ASSEGUROU O CONCURSO de Barroca, ex-guarda-redes do Benfica

Barroca, que durante várias épocas foi guarda-redes do Benfica, encontrando-se desobrigado pelo seu clube, decidiu transferir-se para os quadros do Sporting. O contrato será válido por três anos. Esta transferência suscitou viva curiosidade nos sectores futebolisticos.

O Sporting assegurou também o concurso de outro guarda-redes, Pais, que ultimamente alinhou no Beira-Mar, de Aveiro.

O clube «leonino» aguarda a chegada de dois jovens e promissores jogadores da Beira, Manuel Dias e Virgílio Gomes. São avançados e contam apenas 17 anos de idade.

Tudo leva a crer que por estes dias o dr. Abrantes Mendes, que se encontra no Brasil ao serviço do Sporting, consiga para o seu clube pelo menos a transferência de mais outro avançado de categoria.

No fim desta semana, e depois de escutar a opinião do treinador Gentil Cardoso, o Sporting elaborará a lista dos jogadores que de momento não lhe interessam.

O Sporting em Bilbau

A fim de disputar um torneio internacional, no qual tomam parte ainda as equipas local e do Fulham, de Inglaterra, a equipa «leonina» seguirá no próximo domingo para Bilbau, tencionando fazer-se representar por Gentil Cardoso e Jair Raposo (técnicos), um dirigente, o dr. Maia Ferreira (médico), Manuel Marques (massagista) e pelos jogadores Carvalho e Pais (guarda-redes), Lino, Pedro Gomes, Lucio e Hilário (defesas), Fernando Mendes, Pérides e David Julio (médios) e Augusto, Baptista, Bé, Figueiredo, Géo e Morais (avançados). Serão designados ainda nos próximos treinos mais dois jogadores.

O Sporting defrontará no dia 22 (quinta-feira) o Atlético de Bilbau e no dia 25 o Fulham.

As declarações do Chefe do Governo

(Continuação da página anterior)

tempo. Não podia ser optimista, nem quis deixar-me envolver por uma onda de pessimismo que a outros terá perturbado e é inimiga da acção. Estou, aliás, bem seguro de que atravessamos um momento de dificuldades muito graves, quase ao nível da resistência total da Nação, mas não importa agravá-las ou tentar diminuí-las aos nossos olhos, sobretudo se temos coragem para as enfrentar. No fundo tudo se resume no seguinte: somos, como Nação, depositarios de uma herança sagrada; entendemos que é do nosso dever e do interesse de todo o Ocidente acautelá-la, e sacrificamo-nos cumprindo esse dever em que muitos não crêem, ainda que dele beneficiem. Apesar disso havemos de ter também a nossa compensação: as grandes gerações de soldados, administradores, missionários, colonos de que nos orgulhamos fizeram-se exactamente na ocupação, pacificação e civilização ultramarina e constituiram para Portugal notável enriquecimento de valores morais, que surdiram dos seus esforços e sofrimentos sem par.

Alguns de nós preocupam-se especialmente com as despesas que somos obrigados a fazer; outros com este clamor que parece universal e se ergue na O. N. U. contra a Nação Portuguesa. As despesas têm sido cobertas até agora com o excesso das receitas ordinárias, o que é quase um milagre da nossa Administração, e ninguém estranharia ou estranhará se tiver de ser de outra forma para o futuro. A lástima é que tão grandes somas não sejam despendidas em benefícios materiais e de cultura para as populações, em vez de serem só destinadas a garantir a segurança e a paz em que viviam e as circunstâncias tentam agora roubar-lhes.

Confesso que é preciso um pouco de coragem para ouvir imperturbável o alarido que se levanta contra Portugal e os estranhos juizos de homens, alguns eminentes e com grandes responsabilidades no governo dos povos. Se pusermos porém de um lado os princípios e do outro os interesses e as paixões, que em tudo se envolvem, ser-nos-á possível seguir esses discursos sem sentir vacilante a nossa razão nem julgar atingido o nosso direito.

Há no Mundo duas ideias erradas acerca da nossa causa. Uns pretendem que acessos de nacionalismo antiportuguês irrompem da política de opressão, que é a nossa em África, como é aqui, como era em Goa, hoje já «libertada» e infeliz na sua libertação. Conhecemos de ouvido essa toada que ora pretende atingir as estruturas internas, jogando a existência portuguesa das províncias ultramarinas, ora resolver expeditamente os problemas do Ultramar mediante a subversão da política nacional. Mas ninguém sabe explicar como é que essa política de opressão só dá frutos de terrorismo, e muito raros e pecos, quando o fermento de interesses estrangeiros é introduzido na massa para a levedar.

Outros cuidam que Portugal vive sobretudo do Ultramar e constituirá para ele ruina total a sua eventual perda. O embaixador da Noruega no último Conselho de Segurança que nos foi dedicado sugeriu mesmo a contribuição dos países ricos para nos indemnizar dos prejuízos e ajudar-nos a montar noutras bases a nossa vida. Quando for possível publicar alguns papeis que possuo, pode ver-se que a ideia não é original e essa generosa compensação já nos foi oferecida em tempos. Simplesmente o Ultramar Português pode ser vitima de assaltos mas não está em venda.

Estes problemas em que está em causa a própria existência e identidade da Nação, são os mais graves que podem deparar-se a qualquer governo, pois as posições tomadas ou a tomar em cada momento são decisivas para todos e definitivas para o futuro. Alguns as pretendem esclarecidas para sobre elas ter opinião formada: quis precisamente contribuir para esse fim com a ajuda que o Governo pode e deve dar, com os factos do seu conhecimento. Não que tenha dúvidas sobre o sentimento do povo português aqui e no Ultramar, acerca da defesa da integridade da Nação; o povo que trabalha e luta não precisará de largas discussões para se orientar sobre o seu destino. Mas eu só vejo vantagem em que se pronuncie em acto solene e público sobre o que pensa da política ultramarina que o Governo tem prosseguido.

A maneira como o País tem correspondido ao apelo que lhe havemos feito é uma lição para todos: sem hesitações, sem queixumes, naturalmente como quem vive a vida, os homens marcham para climas inóspitos e terras distantes a cumprir seu dever — o dever que lhes é ditado pelo coração e pelo fio de fé e patriotismo que os ilumina. Diante desta lição eu entendo mesmo que não se devem chorar os mortos. Melhor: nós havemos de chorar os mortos, se os vivos os não merecerem.

Nicole Courcel esteve em San Sebastian para assistir á apresentação de «Os domingos de Cibele» e concedeu uma conferência de Imprensa onde luziu a sua graça, espírito e saber. E declarou-nos, peremptória, não apreciar a «nouvelle vague»

— Como actriz de teatro qual é a sua melhor recordação?

— «As bruxas de Salem» que interpretei com Simone Signoret e com Yves Montand.

— Prefere trabalhar no cinema ou no teatro?

— Amo ambos e procuro conjugar as datas e os compromissos da melhor maneira. Assim, posso fazer cinema e continuar a pisar o palco, interpretando os filmes do meu agrado e as peças que me entusiasmam. Ultimamente tenho estado no teatro.

— Nicole Courcel é nome verdadeiro ou artístico?

— E' nome artístico. O meu verdadeiro nome é Nicole Andrieu. Uso o de Courcel como agradecimento a quem me descobriu e lançou no cinema — Jacques Becker. Courcel é o nome da primeira heroína, da primeira figura que vivi diante das camaras.

— Também trabalha na televisão?

— Sim. Também actuo na TV, mas, fundamentalmente, filmando para a televisão norte-americana.

— Tem preferência por alguma corrente no cinema?

— Não. Detesto as classificações, as etiquetas com que se cataloga tudo. E' uma obsessão. Não me agradam essas classificações e agrupamentos. Deve-se personalizar e não generalizar. A obra de um autor é sua, é pessoal, muito embora seja trabalho de conjunto. Assim também não gosto daquilo a que chamam «nouvelle vague». E admiro os filmes de Bresson.

— Ficou satisfeita com a sua actuação em «Les dimanches de Ville d'Avray»?

— Sim, gostei imenso de ter participado no filme. Vivi a figura de «Madeleine» com todo o entusiasmo. E' um papel que agradaria a qualquer actriz. O papel de uma mulher que vive feliz (e que luta pela sua felicidade com a maior subtileza, pois será essa a unica forma de a preservar) num mundo estranho. E' uma personagem muito humana com poesia e realidade. «Madeleine» é, talvez, a figura que mais senti de quantas tenho vivido.

— Mas também tem brilhado na comédia...

— Tenho feito comédia, é verdade. E com grande entusiasmo, pois é um género eriçado de dificuldades, embora não o pareça.

— Recordamos, até, a série famosa de «O papá, a mamã,, a criada e eu...».

— Sim, esses filmes tiveram grande êxito por todo o lado. Trabalhei neles com Robert Lamoureux como sabe.

*

O marido de Nicole Courcel, o actor Michel Piccoli interpretou agora em Roma um filme de Jean-Luc Godard ao lado de Brigite Bardot. Era altura, portanto, de ouvir a opinião de «madame» Piccoli acerca da B. B....

— E' uma companheira encantadora. Sou muito amiga dela. E contra o que quase toda a gente diz ou supõe é a menos vedeta de todas as vedetas.

— Quer dizer, então, que não tem ciumes?!...

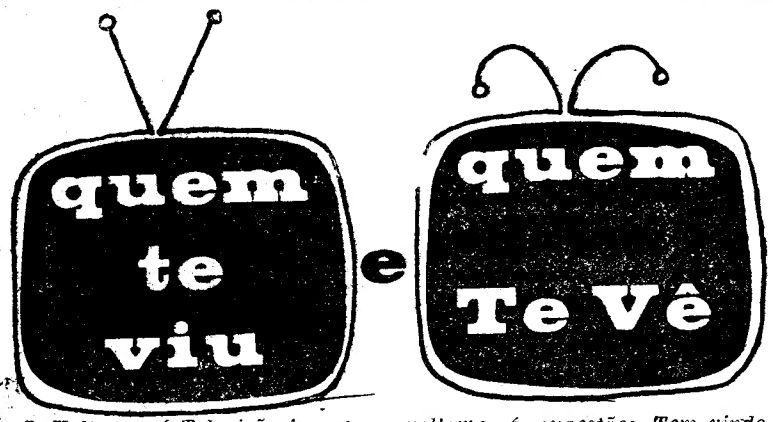
— Absolutamente. Não sou ciumenta!

— Mas é uma excepção, certamente...

— Talvez...

— Só uma ultima pergunta: o que considera necessário numa jovem que queira lançar-se no cinema Quais os requisitos indicados, além da vocação, já se vê?

— Boa saude, coragem, sorte e preseverança.



● *Voltamos á Televisão francesa e voltamos ás sugestões. Tem vindo a R. T. F. a apresentar ultimamente os vários programas de variedades concorrentes e premiados em Montreux, no festival denominado «Rosa de Oiro» (é este, precisamente, o galardão maior do certame). Naquela cidade suiça foram apresentados, ao longo de vários dias, os diferentes programas concorrentes. No final houve a classificação, um vencedor e aqueles que se firmaram, imediatamente após, nos lugares de honra.*

E houve assim os troféus «Rosa de oiro», «Rosa de prata» e «Rosa de bronze».

Pois esses programas distinguidos têm sido apresentados com êxito na TV francesa. São todos eles excelentes espectáculos de variedades de procedência e cunho bem diversos. Seria, também, bastante interessante vê-los entre nós. Será possível?

Esperamos que sim.

● *A publicidade na TV é, segundo se diz, uma mal necessário. Abundante e, por vezes, bastante mal apresentada. Registe-se e louve-se, porém, o nível e perfeição atingidos por alguns dos filmes publicitários que passam na R. T. P., tanto mais quanto é certo que vários deles são obra de profissionais portugueses.*

Mas não é esse o ponto que queremos referir hoje aqui. Queremos falar, sim, de um filme que proclama as virtudes e êxitos de determinadas pastilhas digestivas de procedência estrangeira. Feito o reclame insistente do produto em causa, ouve-se, a finalizar, uma frase que é, sem duvida nenhuma, um verdadeiro achado de originalidade *e uma* autêntica grinalda de inteligente inventiva!... *Uma realíssima e fenomenal descoberta que os mil «olhos», «tesouras» e «ouvidos» da R. T. P. deixaram passar! Ei-la: ...*«em breve voltará a sentir-se como munca»!!!...

TELE-VISOR

O ambiente teatral grego
visto pelo director do Teatro de Atenas

(Continuação da 1.ª página)

normalmente, durante um ano inteiro.

● 3 teatros subvencionados

— Quantos teatros recebem subsídio oficial?

— Três: dois de teatro declamado, o Teatro Real de Atenas e o Teatro Nacional da Grécia do Norte (Salónica); e ainda a Cena Lírica de Atenas.

— Que espécie de teatro se representa no seu país?

— Tudo. Eu próprio tenho encenado peças dos mais variados autores, quer grupos modernos, quer estrangeiros: «Galileo Galilei» e «O Círculo de Giz»; «Os Justos» de Camus; «Os Mortos sem Sepultura», de Sartre; «Uma História de Irkutsk», de Arbouzov; «Esta Noite Improvisa-se», de Pirandello, etc.

● Uma lei curiosa...

— Há uma lei condicionante?

— Sim, existe, mas está em desuso. Trata-se de uma lei ainda não revogada, do tempo da guerra, que prevê a acção de uma comissão fiscalizadora com direito a recurso... para o prefeito de Berlim. Evidentemente que tal lei não pode ser aplicada!

— Como funcionam os teatros gregos?

— Todos os dias, excepto ás segundas-feiras, para descanso semanal. Neste dia também não pode haver ensaios As companhias, mesmo as de teatro declamado, dão dois espectáculos diários, das 19 á meia-noite. Por isso, só são permitidos ensaios de 3 horas por dia. A sexta-feira, porém, dia em que há um só espectáculo, já é permitido ensaiar durante cinco horas.

● 25 escolas dramáticas

— Há alguma escola dramática no seu país?

— Vinte e cinco, ao todo, mas apenas duas ou três de bom nível, como a do Teatro Real. A maioria delas é de iniciativa privada. O curso é de três anos e aos candidatos é exigido o curso dos liceus.

— Há muitos actores?

— Inscritos no respectivo sindicato existem 2150 actores, pelo que se verifica um certo desemprego.

● O Teatro do Pireu

Perguntámos, então, a Dimitri Murat se o Teatro do Pireu, que vimos recentemente em Lisboa, goza de muito prestígio na Grécia.

— Pouco, pouco prestígio — respondeu-nos.

E ante o nosso espanto:

— Admito que em Lisboa, sem termos de comparação, tenham gostado. Mas o Teatro do Pireu é formado por actores pouco habituados ao palco... Foi pena que Lisboa não tomasse contacto com as modernas interpretações da tragédia grega de companhias de melhor nível, como a do Teatro Real, com artistas extraordinários como Katina Paxinou (a «mãe» de «Rocco»), a jovem Anna Synodinou ou Alexis Minotis, marido de Katina. A companhia é, aliás, dirigida por T. Mouzenidis, um dos melhores encenadores gregos.

— Mas Rondiris, o director do Teatro do Pireu... — tamos a replicar.

— Rondiris «foi» um bom encenador, podemos mesmo admitir que tenha sido o melhor, mas está hoje ultrapassado e impõe uma disciplina de ferro a maus artistas, muito mal pagos, aliás.

E após breve pausa:

— Olhe, no sábado, o Teatro Real deve ter levado á cena, no Epiro, a primeira representação mundial moderna da «Andromaca», de Eurípedes.

Falámos do desconhecimento do teatro grego moderno entre nós, e Dimitri Murat disse-nos:

— O Centro Grego do Instituto Internacional de Teatro, a partir de Dezembro, vai publicar quatro vezes por ano um boletim, em francês e inglês, com notícias e imagens do teatro grego, incluindo, em cada numero, uma peça moderna. Cremos que isso ajudará a tornar conhecido o nosso teatro no Mundo. Aliás, as nossas companhias quase nunca vão ao estrangeiro — a não ser a Chipre. Antigamente iam muito a Alexandria — onde havia mais gregos do que em Atenas... — mas as actuais relações tensas com o Egipto alteraram essa tradição.

● Peças portuguesas

Dimitri Murat disse-nos, ainda, que está interessado em conhecer peças modernas portuguesas. Já entrou em contacto com Santareno, Romeu Correia, Francisco Rebello, Costa Ferreira e outros, e pensa montar algumas das suas obras no Teatro de Atenas.

— Conhecia o teatro português?

— Não, Desconhecia-o inteiramente. É difícil, em Atenas, encontrar leitores de português. Espanhol já é mais fácil. Ainda o ano passado, por exemplo, encenei uma peça de Benavente.

A entrevista ia longa. Para terminar, perguntámos a Murat quais as influências mais fortes no ambiente teatral grego.

— Até 1920 — disse-nos — sofremos grande influência do teatro de «boulevard» de Paris. Depois, a do teatro expressionista alemão. Agora, há uma «vaga americana»...

— Aliás bom teatro — concluiu.

Dimitri Murat mantivera, durante mais de uma hora, um agradável convívio connosco, falando também de muitos assuntos extra-teatrais. Folheou o «Diário de Lisboa» e agradeceu o nosso interesse.

— Depois, mando-lhe o «Boletim».

Despedimo-nos com amizade. — M. de A.

UM FESTIVAL
DE MÚSICA CONTEMPORÂNEA

por GUILLAUME LANDRÉ

Há exactamente 30 anos atrás, em Janeiro de 1933, o juri internacional da Sociedade Internacional de Musica Contemporanea reuniu-se em Amsterdão, a fim de preparar o programa do 11.º Festival que pela primeira vez se iria realizar nos Países Baixos, em Junho daquele ano.

O alemão Max Butting, o jovem americano Roger Sessions, o regente checo Vaclav Talich, Francesco Malipiero e Willem Pijper, por muitos dias se inclinaram sobre as composições que lhes tinham sido submetidas pelas várias secções. Seleccionaram-nas o melhor que puderam, mas, quando em Junho, as notas se transformaram em sons, alguns clamaram não ser aquilo o que o publico esperava, enquanto outros incitavam os jovens modernistas a continuar. Desde então a evolução da musica anda a passos largos, como se competisse em velocidade com a técnica. Foi uma corrida tão rápida, realmente, que os compositores, cujos trabalhos foram executados no Festival de 1933 não podem agora nem mesmo ler as numerosas obras submetidas a julgamento, para o 37.º Festival de Musica (realizado novamente em Amsterdão de 8 a 15 de Junho), simplesmente porque nelas as notas quase já não aparecem.

Ouvimos repetir agora que a musica está a desaparecer, ou que essas construções sonoras contêm nada menos que a verdadeira e unica musica do futuro. Como em 1933, a verdade deve estar no meio e tornar-se-á patente que a maneira de trabalhar do compositor ou a técnica usada por ele é muito menos importante que o talento demonstrado em transformar a sua musica numa coisa viva.

As composições de uma geração que era jovem em 1933 ainda não se tornaram parte do repertório normal dos concertos publicos e a sua musica ainda é executada apenas para pequenos grupos. Como, entretanto, os Estatutos da Sociedade Internacional de Musica Contemporanea estipula que, tanto quanto possivel, deve ser executada musica dos vários movimentos artísticos, acontece que, em Junho ultimo, a musica desses compositores pôde ser ouvida junto á dos mais jovens compositores.

Aqui está uma amostra: a «Sinfonia n.º 8», de Hartmann, junto ao «Lamento pelas vitimas de Hiroshima», de Penderecki; as «Sinfonias dos Selos», de Haubenstock-Ramati, junto á «Sinfonia-concerto para oboé e orquestra de cordas», de Ibert, ou «Sombras», de Ton de Leeuw.

A S. I. M. C. deseja ser e precisa de ser um «forum», um espelho do que está a passar-se no mundo da musica e não apenas uma organização da chamada «avant-garde» ou um movimento particular.

É evidente que está a ser dado todo o apoio ao trabalho dos jovens compositores e mesmo dos quase desconhecidos. Se a Sociedade Internacional de Musica Contemporanea não tivesse mantido essa linha de conduta, não teria subsistido ao longo de quarenta anos, uma vez que os seus primeiros concertos foram dados em Salzburgo, em 1923. O seu quadragésimo aniversário foi celebrado, portanto, em Junho ultimo. O facto de que isso suceda em Amsterdão é um grande prazer para o mundo musical holandês e para os numerosos estrangeiros que estiveram presentes.

NOTÍCIAS DOS ★★★ ESTÚDIOS

■ **Bette Davis vai interpretar, em Roma, o filme «O Tedio», baseado no romance de Alberto Moravia, cuja rodagem já se iniciou, sob a direcção de Damiano Damiani.**

■ **Os produtores de «Cleópatra», apesar das restrições da crítica, afirmam que o filme está a bater todos os «records» de receitas, incluindo «Ben-Hur», até agora considerado o campeão de bilheteira.**

■ **Glenn Ford, que contracenou com Charles Boyer na película «O Grão-Duque e o sr. Pimm», adquiriu os direitos de adaptação ao cinema da novela de William Saroyan «A Mais Velha História».**

■ **Sofia Loren está a ser dirigida por Vittorio de Sica, no novo filme «Ontem, Hoje e Amanhã».**

■ **Um grupo de criminosos em cumprimento de pena é libertado para efectuar, durante a segunda guerra mundial, uma missão suicida no Mediterraneo. Tal é a história da película norte-americana «The Dubious Patriots», em cujas filmagens colaboram unidades das marinhas de guerra britanica e jugoslava. Entre os actores figuram Bobby Darin, Raf Vallone e Mickey Rooney.**

■ **Os gatos de Gaby Morlay são as principais personagens do filme de Tony Sayter, «La Bande á Bobo», em rodagem na região de Nice.**

■ **Mauro Bolognini começou a filmar «A Corrupção», com Jacques Perrin, Alain Cuny e Rosana Schiaffino. Perrin interpreta o papel de um jovem pretendente a padre, que desiste do seu intento, quando encontra Rosana. O pai do rapaz (Alain Cuny) — no papel de um editor com poucos escrupulos — fica satisfeito com a decisão do filho. A primeira cena de sedução, entre Perrin e Rosana, foi rodada a bordo de um iate, ao largo de Anzio, perto de Roma.**

4.º MÊS DE LOTAÇÕES ESGOTADAS

EDEN-TEATRO

Artur Alves

Domingo, 18 de Agosto, das 11 às 13 horas

(PARA MAIORES DE 6 ANOS)

Francisco Armando

«PASSATEMPO PAC»

ARTUR GARCIA

PAULA RIBAS
ARTUR GARCIA
JOAQUIM CORDEIRO
MARY MELITA
CONSTANÇA NUNES
ALBERTO CARLOS
E
«OS CONCHAS»

PAULA RIBAS

COMA
CHOCOLATES
DA
FAVORITA

Joaquim Cordeiro

Mary Melita

Lanalgo
TECIDOS
NOVIDADES
UTILIDADES
Rua de Santa Justa
Rua da Prata
Rua dos Correeiros

Constança Nunes

Alberto Carlos

CAFÉ
CHAVE D'OURO
mais de 50 anos
ao serviço
do público
VILARINHO & SOBRINHO, L.da
JANELAS VERDES – LISBOA

RESTAURANTE
ROSSINI
BOITE DAS VEDETAS
PORTUGUESAS

TEIXEIRA, LOPES & NEVES, L.da
Rua Nova do Almada, 1 a 9
Ferragens
Ferramentas
Ménage
Máquinas industriais
e
agrícolas

casa
FERREIRA
Todos os materiais e utensílios para os trabalhos de belas artes
Rua da Rosa, 181. 185 e 189
Filial — Rua da Vitória, 44 — Lisboa-2

CONCURSOS
E
MUITOS
PRÉMIOS

MAGICOTE
A TINTA MAIS AVANÇADA DO MUNDO

F. FERNANDES & COSTA, LDA.
Compra — Venda e Hipoteca de propriedades
Av. Almirante Reis, 104-2.

ORQUESTRA
«PAC»
dirigida por
Victor Bonjour

PARA O PENTEADO MODERNO
CAB-O-CREM
MASCULINO—FEMININO

Leve o seu pequenito a visitar o
PANCHITO
(BRINQUEDOS EM TODOS OS GÉNEROS)
Rua Barros Queirós, 36
Av. Guerra Junqueiro, 19-B

NOVA CAMPANHA
DE BRINDES
DA
FARINHA
PREDILECTA

Alvorada DISCOS
ESTABELECIMENTOS
MELODIA
RUA DO CARMO, 25 A 27

OFERECEM BILHETES AS SEGUINTES FIRMAS:

VILARINHO & SOBRINHO, LDA. ...	Rua das Janelas Verdes, 60
GALERIA DAS NOIVAS	Rua Ferreira Borges, 90
PANIFICAÇÃO S. ROQUE	Trav. do Rosário, 16
MELODIA	Rua do Carmo, 23
CASA FERREIRA	Rua da Rosa, 185
PANCHITO	Av. Guerra Junqueiro, 19-B
FARINHA PREDILECTA	Rua Ferreira Borges, 193 - A
STAND PUBLICITÁRIO DA DORLAN	Feira Popular (frente ao lago)
TEIXEIRA, LOPES & NEVES, LDA. ...	Rua Nova do Almada, 1 a 9
LANALGO, LDA.	Rua de Santa Justa, 42
PANCHITO	Rua Barros Queirós, 36
PAPELARIA «A LITERÁRIA»	Rua Saraiva Carvalho, 288 A

BILHETES NAS BILHETEIRAS DO EDEN-TEATRO: 10$00 E 5$00

ORGANIZADO EM COLABORAÇÃO COM O «DIÁRIO DE LISBOA»

tédio

por Carlos Pampulha

A minha vida é um permanente tédio. Sou jovem, é certo, e este meu estado de espírito pode parecer a muitos estranho, conhecida como é a proverbial alegria da juventude. Mas a verdade é que não consigo, não posso dissimular o tédio que sinto encher o meu cérebro, por debaixo de uma máscara de ilusória alegria e felicidade. Como pode um indivíduo sentir prazer na vida se os seus dias são iguais, monotonamente iguais?

O despertador toca estridentemente, despertando-me da sonolência em que me debato. São oito horas da manhã e tenho uma hora para me vestir, tomar o carro, ir para o trabalho. As janelas do meu quarto estão fechadas. O bairro onde vivo desperta para mais um dia de labor. Aos meus ouvidos chegam o som das buzinas dos automóveis, o ruído dos pregões e o cego, tocando sempre a mesma musica, paradoxalmente animando o bairro. Após um espreguiçar indolente abandono a cama. Vou á janela, abro-a de par em par e aspiro a brisa matinal. Em seguida dirijo-me ao espelho e ele fornece-me a imagem de um rosto de expressão indefinida, antipático, mesmo. («Maria, que encantos especiais encontras em mim?»).

Em seguida, dirijo-me á paragem do carro. Eis que ele chega. Apinhado de gente, gente apressada e temendo chegar tarde ás suas ocupações. Mesmo assim consigo um lugar sentado, mas cedo-o, depois a uma senhora. Entretanto há um «tipo» que me pisa e me pede desculpa. O pé fica-me doendo horrivelmente e penso que o culpado por tal dor é um idiota que não tem cuidado algum.

Cinco minutos depois estou á porta do emprego. Subo a escada e cumprimento com um «bom dia» geral, que só em parte é correspondido, os meus colegas. Dirijo-me ao gabinete do patrão e trago o trabalho que me compete para a minha secretária. As horas passam e chega a altura de ir almoçar. Antes, porém, tenho de me avistar com a minha namorada.

Já por várias vezes tenho pensado em acabar com o namoro. Mas ainda não o fiz, porque antevendo a confusão que iria ocasionar naquele espírito frágil. Até um dia, claro. Até um dia em que o tédio se torne insuportável.

Volto para o trabalho bastante aborrecido. O patrão chama-me a atenção para qualquer coisa que eu fiz erradamente e sinto vontade de o mandar «para o diabo». Mas não o faço por motivos óbvios. Preciso ganhar a vida e só isso me mantém preso a uma secretária e a receber ordens de um tipo que consegue ser ainda mais tiranico que o Hitler.

Mas bem ou mal o trabalho findou, por hoje. Encontro-me agora na rua em direcção ao «café» que, como sempre, está cheio. Muitos pretensos intelectuais lá se encontram a fazer as palavras cruzadas ou olhando com ar superior as pessoas que os rodeiam. Quem quiser assistir ao espectáculo de personalidades mistificadas basta transpor a porta de um «café».

No caminho para casa, penso maduramente na minha vida, e na necessidade de encontrar um rumo definido para ela. Não podia continuar assim. Tinha que lutar contra o cepticismo, a descrença, o tédio.

As luzes do bairro acenderam-se na altura em que transponho a porta do quarto. Mais um dia tinha terminado. Amanhã outro se seguirá, cópia fiel dos anteriores, se eu não procurar o interesse que a vida certamente contém. Ao mesmo tempo que me dispo, eu penso em outros que se divertem e se dizem felizes, podendo, dessa maneira amenizar o tédio das suas existências. Que vêem a vida por um prisma optimista, que encaram o futuro com sempre renovada esperança. Eu tentaria também uma modificação total na minha vida, confiado num amanhã mais feliz. Porque a felicidade não aparece, procura-se. E era em sua busca que eu partiria, no próximo amanhã.

os meus problemas

PROBLEMA

Tenho 15 anos e fiz o 5.º ano. O meu caso é o seguinte: á mínima coisa que acontece, ao mínimo trabalho que vejo realizado, a toda a manifestação de arte que assisto — ponho a imaginar-me heroína na matéria e que sou muito aplaudida. Imagino que sou como Steinbeck, Shakespeare, Pessoa, Einstein, Sofia Loren, Gary Cooper, Camões, etc. ...

Leio uma poesia, penso logo que sou a autora e dirijo-me todos os elogios sem sequer realizar que a poesia não é minha. E é assim que perco muito tempo a idealizar coisas estupidas, e como sou tão ambiciosa, tudo quanto espero bom sai mau — e tudo quanto espero mau sai bom. Tudo ao contrário. Com tudo isto sofro imenso, porque me dá a impressão que não tenho direito a ter esperanças em nada.

Quando era pequena, sonhava tanta vez em vir a ser uma rapariga bonita e elegante — pois sou feia e gorda. Sonhei com o «ballet» e a ginástica — nunca mos autorizaram. Porquê?

Eu sei que ter saude, vida, ver o Sól e as árvores, o campo, as flores, é muito!... Mas as outras têm tudo isso e muito mais. Porque lhes não coube a elas o pedaço amargo? Porque sou eu pior. menos?

Reconheço que a culpa de «bâtir des chateaux en Espagne» é toda minha, mas não consigo libertar-me de me imaginar um ser privilegiado.

Tião, ajude-me, sim?

RESPOSTA

Essa fantasia exuberante de que te queixas é própria da tua idade. Já experimentaste escrever, pintar, modelar? Isso talvez te ajudasse a exprimir á tua maneira o que encontras nas obras que admiras e se identifica com os teus próprios sentimentos ou aspirações; talvez te ajudasse a tomar consciência da tua personalidade e a afirmá-la com mais vigor; não te parece? Não vejo nada de alarmante no que me contas, pois que sabes muito bem distinguir até onde vai a imaginação e começa a realidade...

Também essa impressão desagradável que tens da tua pessoa é própria da idade que atravessas. Com o tempo reconhecerás que não tens razão de queixa... Além de que, hoje não há raparigas feias e bonitas; há as que sabem, e as que não sabem, cuidar de si, valorizar-se, tirar partido dos seus encantos e dos seus senões. Peço-te que não faças daí um problema!...

Só há na tua carta uma coisa que me não agrada: esse desejo de que as outras raparigas tenham o seu quinhão de amargura. Porque desejas que o tenham? Infelizmente, têm-no. Que sabes tu dos desejos impossíveis, das dificuldades, dos desgostos dos outros? E' preciso desejar o bem alheio e ser feliz com ele.

Penso que és mais equilibrada e sensata do que supões. Continua a estudar, procura valorizar-te e ser sincera contigo mesma. A medida que fores sabendo mais compreenderás que sabes muito pouco, e hás-de admirar-te dessa ideia de «ser privilegiado» que actualmente te ocorre.

Na tua idade, mais do que em qualquer outra, querer é poder. Sê razoável, embora um bocadinho ambiciosa, e chegarás onde quiseres.

TIÃO

A SOLIDÃO

por MANUEL MARCELINO

Vivia com os pais e irmãos mas a solidão era o seu estado permanente; saía para a rua na ansia de ver pessoas, de encontrar um sorriso humano mas só encontrava máscaras, sorrisos artificiais, gargalhadas histéricas, conversas estéreis.

Os seus pensamentos que a princípio o interrogavam sobre os outros arrastavam-no agora para um egocentrismo angustiante.

Já não encontrava beleza ou fuga na musica, nas artes.

Certo dia lembrou-se de se afastar um pouco da cidade e percorreu os seus arredores procurando aí encontrar algo de novo que lhe modificasse a solidão.

Nada, nada aconteceu...

Foi ao campo na busca dos trabalhadores e encontrou-os sós na busca do pão.

Sentiu a angustia da solidão, da morte lenta da sua juventude outrora explosiva, irreverente, semelhante a um vulcão destruidor.

Procurou o amor e foi destroçado: o puro, o belo não os encontrou, achou a depravação, a hipocrisia...

Ficou por isso SÓ!

Na solidão dos seus dias, das suas noites lembrou-se um dia que talvez pudesse modificar e derrotar a solidão.

Saiu cedo de casa e na rua olhou de modo diferente para as gentes que caminhavam para a labuta diária; deu um encontrão num rapaz que caminhava no seu sentido, olhou para ele e sorriu.

Obteve um sorriso: Não estava só!

quotidiano

Uma porta aberta
um relógio asfixiando vida
uma ambulância que grita
[dores
desconhecidas
e bocas que esqueceram o
[santo-e-senha
de encontros casuais

(no silêncio magoado
da vida sem espaço
morre o cansaço dorido
dos segredos divulgados
e cada rosto tem a marca
de sorrisos inuteis)

Um lenço chora ausência
em cada esquina
e a cada hora abortam
[sonhos
na poeira das palavras

ALICE VASSALO PEREIRA

TODA A
CORRESPONDÊNCIA
DEVE SER
DIRIGIDA PARA
«DIARIO DE LISBOA»
«JUVENIL»
RUA LUZ SORIANO, 44
L I S B O A

CANTAR AO SOL

quando o dia nascer
a hora será
a geração da novidade
●
quando o dia nascer
eu irei buscar o rio
e matarei a sede
aos fósseis condenados
●
e o poema será a inutilidade
secundária
a realidade comprovada
da noite que findou
como a granada útil
que foi luz
e não é nada
●
e a árvore será a floresta
de cantar ao sol
a primavera
●
quando o dia nascer
nós seremos o barco
libertado

e iremos abraçá-lo

NELSON DE MATOS

COLABORAÇÃO

REGULAMENTO

DOS COLABORADORES DO «JUVENIL»

1 — Não é obrigatório dactilografar a correspondência nem os originais; mas «é indispensável» que a letra seja bem legível. Isso poupará muito tempo e esforço á Redacção e Tipografia.

2 — Os originais devem ser escritos num só lado do papel.

3 — Se houver duas ou mais folhas, devem estas ser numeradas.

4 — Os originais não devem ser muito extensos.

5 — Não podemos devolver originais. Portanto, sempre que nos remetam qualquer trabalho, aconselhamos a ficarem com uma cópia em seu poder.

6 — Da primeira vez que os Amigos nos escrevam indicarão nome completo, direcção, profissão, data de nascimento, habilitações.

7 — É permitido o uso de pseudónimo, mas os elementos de identificação indicados no n.º 6 são indispensáveis.

8 — O nosso «Juvenil» é lido e colaborado por jovens de todas as tendências. Devem, portanto, abster-se de ferir escusadamente alheias susceptibilidades. Quando houver de discutir ideias, que a máxima correcção e delicadeza sejam usadas. A tolerância é inseparável da cultura.

9 — Os colaboradores, Amigos, simples leitores do «Juvenil» não devem manter uma atitude passiva em relação:

a) — á orientação do Suplemento;

b) — á administração do espaço e á paginação;

c) — ao conteudo dos originais publicados.

Pelo contrário: devem reagir, corrigir, sugerir. Devem criticar. Sem crítica não há progresso.

10 — O «Juvenil» não pretende ser exclusivamente colaborado por estudantes. Isso reverteria, para ele, e portanto para nós todos, em grave prejuízo e mutilação. Todos os que trabalham; todos os autodidactas; todos os interessados na Cultura e na Arte, todos podem pertencer á grande família do «Juvenil».

BREVEMENTE — NÚMERO DEDICADO AO DESENHO

DESENHADORES JUVENIS AGUARDAMOS COLABORAÇÃO

Leitura e Meditação

(Continuação da 1.ª página)

fragmento de sua mão» (In «O Amor da Pintura»). Estou a lembrar-me de Camões, de Cesário, de António Nobre, etc. Não estar, em Arte, mas ser a Arte — eis a característica de todo o grande artista.

*

O artista diletante ou, doutra maneira, o diletante que não deixou de o ser pelo facto de estar de posse de qualidades expressionais, está em atraso milhares de anos. Não se descobrem sinais de diletantismo na pintura rupestre. Encontra-se uma *arte de serviço* ou, como é de moda dizer-se, «uma arte engagée», comprometida.

*

De Stendhal: «Não é senão por comodidade de linguagem que se fala em *físico* e *moral*. Quando se quebra um relógio para onde vai o movimento?».

Génio é isto: o que sabe ensinar grandes coisas com frases tão simples...

*

Barrès: «Mesmo em Arte, há todo o interesse em não ser imbecil...».

*

Palavras de Ingres: «Não faço o retrato ás pessoas que detesto». Aceito que haja artistas que só sirvam bem aquilo que amam. Parece mesmo que não há outra maneira de ser artista. Mas... ao retratar uma pessoa (ou coisa, ou ideia...) que se detesta não será uma forma de servir, por antítese, aquilo que se ama?

*

«O paisagista deve passear pelo campo um espírito cheio de humildade. Jamais um homem arrogante viu a Natureza em toda a sua beleza» — isto dizia Constable. E' verdade, num certo sentido. Esta palavra «humildade» dá-me, não sei porquê, um certo mal-estar...

*

Palavras de Corot: «O real é uma parte da Arte; o sentimento completa». O sentimento, isto é, a contribuição do próprio artista no tratamento do real.

*

Dizia Viollet-le-Duc, falando do genial caricaturista Daumier: «O que o burguês de colarinho alto lhe censurava era que pintasse feio».

Pois claro. Está uma pessoa tão descansada — porque razão vão incomodá-la sob pretexto de humanidade, dignidade artística e outras balelas?

CARLOS BOAVENTURA

Desenho a tinta da china de JOSÉ CARVALHO — 1963

REVERSO

(Continuação da 1.ª página)

melhor? A chuva ou a seca? Quantos dias de espera... e a chuva não parava, brutal como um tufão perfurando a terra, inundando os areais, afogando homens...

Tudo estava deserto; cada vez mais miséria! Ao longe, o dindon do sino tocava as ave-marias e homens rezavam, primeiro agradecendo a chuva, depois pedindo que a chuva parasse...

Só as crianças brincavam, brincavam doidas desconhecendo a desgraça, esquecidas do companheiro que ontem a tormenta levara.

As crianças cantavam... Ninguém se conhece... Todos estão ligados, mais do que no tempo da seca, mais do que nunca...

Mas o céu continuava negro, e a chuva não parava...

E João, sentado à sua porta lembrava ainda o grito radiante da mulher: Vamos ter chuva, João!!! Debaixo da terra ela boiava na água. Teria o ventre mais inchado do que nunca... Estaria enfim, saciada... João olhou em volta. Ninguém! Mas há sempre uma voz que grita. Há sempre corpos apanhados pela borrasca.

Não havia mais sede... Mas a fome continuava... E a chuva não parava...

E o dindom do sino soava outra vez ave-maria... Há sempre um grito no meio da borrasca, e uma voz que ecoa ao amanhecer... E as águas tremendo sua oração deixavam que o sol olhasse a paisagem que aparecia com presenças desoladas dos velhos e as vozes alvoroçadas das crianças: Cabou chuva! Cabou chuva!...

E como depois de um pesadelo as árvores surgiram lentamente das águas paradas que o sol ia bebendo...

Ninguém tinha casa, agora nasce sol, o amor, e a esperança dos dias bons, abrigava aquela gente cansada de sofrer. E em silêncio, muito unidos olhavam o lugar deserto onde decorrera a sua vida.

SIBILA AGUIAR

QUARTZO — 2

(Continuação da 1.ª página)

aprender tem qualquer coisa de imoral, de indigno.

●

Da minha janela vêem-se os pedreiros a trabalhar a grande altura. Dum lado a parede, do outro o espaço, o abismo. Sentam-se, indiferentes, de costas voltadas para o perigo. Indiferentes nada! Práticos. Não se poderia trabalhar, se não fosse assim.

Estremeço. Um deles, de boné azul, sorri e acena-me dois dedos, como numa bênção.

●

Viver é o maior de todos os acidentes. O «perigo de morte» representa o seu maior atractivo.

●

A voracidade dos pequeninos acontecimentos diários! O poder das horas insignificantes! O homem verdadeiramente forte não será o que pratica grandes coisas, mas o que se furta, com êxito, ao império das pequenas coisas.

●

Reconheço que sou sincero. Desculpem ter violado as regras do vosso jogo. Passem bem.

●

O braço insignificante, do homem alonga-se no poder do guindaste. Porque será, então, que esse prolongamento seja como que uma excrescência, instrumento do Homem, mas não o próprio Homem? Instrumento tantas vezes voltado contra o próprio Homem?

MARQUES AFORNINHO

LIMITE

quando os muros da incompreensão forem derrubados,
quando as agudas arestas da angústia forem limadas,
quando da escura noite nascer o sol magnífico,
quando das frias cinzas irromper a vida,
quando tu me surgires nos intangíveis amanhãs
então, meu amor, recomecemos
recomecemos sem sorrir
sem chorar
sem futuros imprevisíveis
sem auroras hiantes
sem sonhos voláteis
recomecemos crentes num objectivo
— limite envolto em amor.

MANUEL AUGUSTO NOEL COSTA DE ARAUJO

Um jovem ao acaso

«Tenho aprendido tanto no «JUVENIL»!»

(Continuação da 1.ª página)

P — Mudando de assunto: acha que existe um abismo entre os jovens e os adultos?

R — É verdade que existe. Eu, pelo menos, acho isso. É um problema bicudo! Em dada altura, a criança deixa de o ser e passa a falar uma «linguagem» diferente da dos pais. Uma jovem entrevistada, Maria Margarida Brandão atribui mais responsabilidades aos pais. Concordo, é claro, com ela. Mas, pensando calmamente, amigos!: que difícil é acompanhar um jovem! Tão complexos que nós somos... Durante dois anos, 15 anos, á volta disso, tornei-me verdadeiramente intratável. E quando me ponho no lugar de meus pais, em face do «bicho» que eu era, coço a cabeça pois na verdade não sei como procederia.

P — Que ideia faz de si, nessa época?

R — Eu lhe digo! Era simplesmente manhosa, extravagante, dissimulada, complicada.

P — Está a ilibar os pais das suas culpas?

R — Não, estou a procurar compreender. Acho que é uma pena que muitos pais não tentem ler sobre esse problema, ler muito, porque há livros sobre jovens que muito ensinam e poderiam ajudá-los na sua tarefa ingrata. Mas sobre este assunto há tanto a dizer...

P — Porquê, só agora, se resolveu a participar de «Um jovem ao acaso»?

R — Embirro com inquéritos. Já lhe conto: uma vez, no liceu, respondi a um inquérito qualquer — do género de inquéritos que circulam entre jovens. Falava lá em amores e mais não sei o quê. Eu percebia tanto disso como de astros, mas escrevi lá uma frase que tinha ouvido ao Frank Sinatra, num filmeco. Resultado: suspensão! Resultado n.º 2: aversão, alergia a inquéritos!

P — Quer mandar uma mensagem aos colaboradores e leitores do «Juvenil»?

R — «Bebo» tudo o que escreverem; devoro o que desenharem; transmitam, pois, muito, e ensinem muito. Tanto tenho aprendido no «Juvenil»! Que dívida tão grande tenho para convosco!